

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
MARIA CRISTINA MACEDO CARVALHO MOURA

ZONAS DE CAMBOATÁ

Tramas de mulheres que **deram** vida à Monte Alegre de Minas

Uberlândia
2007

MARIA CRISTINA MACEDO CARVALHO MOURA

ZONAS DE CAMBOATÁ

Tramas de mulheres que **deram** vida à Monte Alegre de Minas

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Profa. Dra. Karla Adriana Martins Bessa.

Uberlândia
2007

MARIA CRISTINA MACEDO CARVALHO MOURA

ZONAS DE CAMBOATÁ

Tramas de mulheres que **deram** vida à Monte Alegre de Minas

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob orientação da Profa. Dra. Karla Adriana Martins Bessa.

Banca Examinadora:

Uberlândia, 08 de agosto de 2007.

Professora Ms. Flávia Teixeira

Professora Ms. Carmen Lúcia Oliveira

Professora Dra. Karla Adriana M. Bessa
Universidade Federal de Uberlândia/UFU



*À minha mãe,
pelo carinho
e admiração.*

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer em primeiro lugar a Deus, a todos aqueles que me apoiaram e deram força para a conclusão deste trabalho.

Em primeiro lugar a minha querida orientadora Dra. Karla Adriana M. Bessa que me conduziu aos caminhos da pesquisa.

E em especial ao meu grande companheiro Silvinho, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e estimulando sempre, amo você!

E aos meus grandes amigos, que sonharam e acreditaram em meu trabalho: Amanda, Luciana, Henrique, Tadeu, Alessandra, Ragnaia, France, Divânia.

E para finalizar a todos os meus familiares, e com carinho especial as minhas companheiras que me auxiliaram em toda a pesquisa, Amanda e Denise, Alice, Rosa, Joana e Cláudia e todos aqueles que deram depoimentos para a realização desta monografia.

Todo esse trabalho tem por único objetivo conhecer e desmistificar a figura do ser mulher porque na realidade somos todas mulheres.



*A puta é aquela que gulosa e incontrolável,
adora os excessos: de álcool, de fumo, de sexo.*

— MARGARETH RAGO

LISTA DE FIGURAS

MAPA 1 – Monte Alegre de Minas.....	18
FOTO 1 – Plantação de abacaxi de uma empresa paulista	20
FOTO 2 – Trecho da Avenida 16 de setembro.....	21
FOTO 3 – Igreja Matriz São Francisco das Chagas.....	22
FOTO 4 – Estação Rodoviária de Monte Alegre de Minas.....	23
FOTO 5 – Prédio do Antigo Fórum.....	24
FOTO 6 – Estadualização do Colégio de Monte Alegre de Minas.....	24
FOTO 7 – Reinauguração do Prédio da Prefeitura Municipal.....	25
DOCUMENTO 1 – Alvará encontrado nos arquivos da Prefeitura Local.....	42
DOCUMENTO 2 – Alvará encontrado nos arquivos da Prefeitura Local.....	43
DOCUMENTO 3 – Primeira página do Autos 735/91.....	53
DOCUMENTO 4 – Capa do Autos 370/90 do Processo 4.919-7.....	59
DOCUMENTO 5 – Primeira página do Autos 370/90.....	60
FOTO 8 – Moradoras de Camboatá.....	95
FOTO 9 – Moradoras de Camboatá.....	95
FOTO 10 – Moradoras de Camboatá.....	96

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
Capítulo 1 – ZONAS DE CAMBOATÁ.....	16
1.1 A Rua Proibida.....	16
1.2 As Moradoras de Camboatá.....	28
1.3 Prostituição: uma profissão?.....	45
Capítulo 2 – LEMBRANÇAS DA NOITE.....	64
2.1 A Dama da Noite.....	64
2.1.1 A Sociabilidade das Moradoras de Camboatá.....	71
2.2 Mulheres, Paixão, Sexo.....	77
2.2.1 Paixão.....	86
2.3 As Noites Boêmias.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104
REFERÊNCIAS.....	106

INTRODUÇÃO

Ao falarmos em prostituição logo voltamos nossos pensamentos a histórias picantes e trágicas, vindas de um sub-mundo, arraigado pelo preconceito e desprezo.

Mesmo sabendo que “prostituição” é uma das profissões mais antigas, ainda é passível de muitas discussões. Há toda uma vasta bibliografia a respeito do assunto, tanto no campo historiográfico, quanto antropológico e literário.

Neste momento, optamos por desenvolver uma pesquisa monográfica baseada em narrativas, mas não se trata de um romance com histórias de “amores ilícitos” e sim de construir uma trama com e a partir de vivências e experiências de um grupo específico de mulheres que vivem à margem da sociedade. Ao adentrarmos nos relatos de experiência de vida dessas mulheres, além de recontar suas histórias, contribuir para a abertura de novos portais de lembranças, que deixam entrecruzar no presente fragmentos de um passado adormecido.

Vivíamos sob o estigma da “rua proibida”. O porque de tanto mistério com aquele lugar, porque principalmente nós mulheres não poderíamos jamais transitar naquelas mediações.

A pesquisa historiográfica será limitada à pequena cidade de Monte Alegre de Minas; que vive entre reconstruindo sua espacialidade na relação com seus habitantes, cada qual possuidor de sua própria história, mas fazendo parte de um mesmo todo.

Entretanto, embora pequena, Monte Alegre de Minas está circunscrita por uma infinidade de tramas, onde se têm homens, mulheres, crianças e velhos que estabelecem e projetam suas vidas, contrapondo entre si seus diferentes viveres, cada qual possuidor de suas partículas, mas ao mesmo tempo fazendo parte de um todo chamado de cidade. Enquanto historiadora, assumi um compromisso com a história social, direcionando os enfoques da memória, propiciando assim, uma gama de novos saberes e olhares. Assim, procuro narrar, com uma interpretação própria, as diferentes experiências que me foram relatadas durante o processo desta pesquisa.

O uso das fontes orais possibilitou um trabalho com uma parcela feminina de trabalhadoras de Camboatá, cujo trabalho ilícito provocou um certo refúgio aos subterfúgios da memória, quando foram conclamadas a revisitar seus próprios passados. No uso destas fontes, procurei dissipar os preconceitos da funcionalidade da narração, destruindo antigas balizas, mas mantendo o propósito de pensar a inevitável relação entre agir e lembrar.

É importante ressaltar o quanto a fala nos traz diferentes significações, através dela podemos identificar os sujeitos sociais, a linguagem faz parte das instituições culturais, ela modela e forma nosso modo de ver a vida e nosso próprio passado.

Alguns autores classificam a língua, ou melhor, a linguagem oral como sendo um instrumento de expressão e luta, pois através dela podemos analisar toda a realidade de uma comunidade.

Ao trabalharmos com a história local, recorreremos ao uso de fontes orais. Será como um leque que se abre escamoteando a memória dos diferentes sujeitos. Através das evidências orais, o passado não só vem à tona das águas presentes, gerando uma fusão entre as percepções imediatas como também empurra, desloca estas últimas para o momento atual.

A memória de Monte Alegre aparecerá como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora.

Bosi ressalta em seu livro “Lembranças de Velhos”, a questão da memória e suas alterações face às novas vivências do sujeito no presente: “[...] O passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea [...]”⁴

Mesmo se tratando de uma pesquisa historiográfica mergulhei nos confins de minhas lembranças, onde estava guardada a imagem de um local proibido, pecaminoso, onde pessoas de boa índole, não passavam.

Esta foi uma imagem criada e cristalizada por toda sociedade Montealegrense, onde as Zonas de Camboatá eram o verdadeiro inferno na Terra.

Neste momento retornamos à pesquisa de Bosi, em especial à maneira como esta trabalha o conceito de memória e lembranças:

“A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à Consciência na de imagem-lembrança”.⁵

Não tenho como preocupação, reconstruir a realidade tal como ela foi, mas sim construir uma prática de produção de memórias, que mesmo fragmentadas, descontínuas e incoerentes, permite a esta interlocutora, estabelecer uma reflexão. A monografia sobre as Zonas de Camboatá tem com preocupação levar o leitor a diferentes visões de uma prática social que envolve uma comunidade em seus diversos setores da sociedade. Em um primeiro momento, ao trazer à tona as prostitutas das Zonas de Camboatá, apresentarei uma reflexão voltada para a mulher, como estas se viam diante de sua profissão e fora das casas como elas

⁴ BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 46.

⁵ BOSI, 1994, p.53.

se sentiam de um lado seu mundo privado e particular e de outro uma cidade cósmica que lhes lança olhares de reprovação, indignação e outros. Lembrando que historicizar a experiência das mulheres não é simplesmente narrar suas histórias de vida, mas analisar enfocando um olhar social. Será uma reconstrução de seus caminhos, como foram chegando e como se viam e sentiam diante do olhar da cidade.

Há um labirinto a ser percorrido, convivemos com a pluralidade de vozes, onde se tem a preocupação em elaborar as perguntas e entrecruzar as falas, reconciliar pontos de vistas, enfim, direcionarei o trabalho para um campus onde o diálogo torna-se uma forma de produzir significados para o discurso historiográfico.

Somos um amontoado de construções, contendo grandes variedades de ambientes, fundindo em diferentes culturas, portanto nascemos e morremos dentro deste sistema de símbolos e imaginação, sob esta ótica está centrado um mundo à parte, das zonas de meretrício e suas prostitutas. Ou seja, sabemos das diferenças entre os demais grupos sociais, em meio às diferenças trabalharei no sentido da noite como boêmia, a procura do prazer e a mulher prostituta vendendo seus serviços. Como se dava essa relação entre prostitutas e fregueses nas casas de zonas, para ser mais específico nas “Zonas de Camboatá”.

E ao trabalharmos com história local podemos analisar esses “mundos a parte”, ou seja, suas especificidades, que são criadas e alimentadas pelo nosso sistema social. Às vezes pecamos ao não percebermos a cultura do outro, e as práticas culturais de cada grupo. Portanto, a história local aliada à história oral nos possibilite adentrar às diferentes práticas culturais. Logo percebemos que não há “histórias” e sim “histórias de”, pois tentarei compreender, analisar toda a estrutura social da pequena comunidade de Monte Alegre de Minas, como a cidade se encontrava nas décadas de 70, pois neste momento as casas de Camboatá viviam seu auge da movimentação, cheias de fregueses, momento pulsante da economia da cidade, devido à exportação do abacaxi. Entre 1970 a 1980 Monte Alegre sofreu modificações tanto em seu setor econômico, político e cultural, sob estes aspectos será centrada a pesquisa monográfica.

Como estava inserida essa relação entre as prostitutas de Camboatá e a comunidade? Como se dava o atendimento entre o público e ao mesmo tempo como se relacionavam em sua vida privada. São pontos extremos que nos fazem percorrer pelos diferentes caminhos da memória das depoentes.

Outro ponto relevante que vale ressaltar é que Monte Alegre das décadas de 70 e 80 estava vivendo o estereotipo da família nuclear, sendo chefiada por uma sociedade machista, onde se delimitavam funções para os membros de toda família, ficando o cargo das “mocinhas

de bem”, logo que completassem seus 15 anos, realizarem o seu baile de debutantes, momento que é apresentada para a sociedade Montealegrense. Após todo um ritual, esta aguardava em casa o pedido de namoro, logo finalizando em casamento.

Como se percebe a mulher não obtinha grandes destaques sociais, resumia sua vida entre afazeres domésticos, às vezes concluía o curso normal (Magistério), conquistando assim a vaga de professora primária. Em contraposição ao homem, que geralmente quando era filho de famílias abastadas era enviado para cidades maiores para que obtivesse um maior grau de instrução.

Neste momento podemos analisar o papel da mulher na sociedade, ou seja, sua total invisibilidade, sendo criada e educada para as tarefas do lar. Com pouquíssima possibilidade de uma ascensão social, sob esta situação como se encontrava a mulher prostituta vivendo os pré-conceitos de uma sociedade machista liderada pelos senhores.

O texto presente vem no intuito de desmistificar o conceito criado e cristalizado de que prostituição é apenas a comercialização sexual, pois há toda uma trajetória de vida, diferentes vivências que levaram essas mulheres a procurarem essa profissão como meio de sobrevivência.

Por outro lado, como Monte Alegre de Minas, viveu o apogeu dessas casas, que viviam lotadas, todas enfeitadas para os bailes que ali eram realizados, dentre prostitutas, cafetinas, fregueses, e qual foi a relação disso com a expansão comercial vivida pela cidade nas décadas 70-80.

Logo se percebe que por trás dessas histórias de amores ilícitos, há toda uma prática comercial que está envolvida entre os comércios locais e os casos de zonas.

A cidade de Monte Alegre nas décadas de 70-80 vivia o apogeu do abacaxi, fruto que trouxe riquezas para o município, no auge de sua comercialização. A cidade ficou conhecida como a capital brasileira do abacaxi.

Esta foi uma época de grandes transformações no município, pois com a alta produção do abacaxi a cidade foi se redefinindo, entre o antes e o depois. Como Monte Alegre ainda vivia sob os resquícios do corolenismo, tendo os “senhores” da cidade, em sua maioria residiam em suas propriedades rurais, voltados para as atividades agrárias, como pecuária e agricultura, e seus filhos e familiares chefiando os altos cargos administrativos da cidade.

E de um outro lado é interessante observar que com a exploração do abacaxi, a cidade sofreu transformações profundas. Neste momento surgiram novas camadas sociais, proporcionando maiores mobilidades sociais entre a população.

Foram momentos efervescentes, pois a ganhava novos rumos, refletindo em todos as esferas. Para refletirmos este aspecto dialogamos com Roberto Carlos Santos, em sua obra “Urbanização, moral e bom costumes: vertigem da modernidade em Patos de Minas”, (1900-1960).

O espaço urbano é construído, estruturado e hierarquizado socialmente. Forças econômicas, políticas, religiosas e culturais atuam forjando significados, moldando novos padrões de sociabilidade, enfim, definindo espaços específicos de exercício do poder.⁶

Esta análise nos remete a pensar como se dá o processo de crescimento de uma cidade. É como se fosse um labirinto sem fim, mas a lógica é a mesma, a estratégia definidora é “o setor” financeiro, o qual é o grande marco do labirinto.

No âmbito da história já podemos dizer que a cidade sofre algumas transformações, as relações de poder se definem, a comunidade se divide em diferentes camadas.

Em meio a todo esse processo de crescimento e modernização há um notável crescimento populacional, em meio aos novos habitantes que Monte Alegre recebeu podemos dar um especial destaque aos nordestinos que vieram a procura de melhores condições de vida. E juntamente com estes trabalhadores, podemos citar uma nova classe de trabalhadores que foram surgindo e ocupando seus espaços, como os profissionais liberais, comerciantes, autônomos e por fim as zonas boêmias que exerceram importante papel na cidade. A monografia Zonas de Camboatá: lugar proibido, será dividida em dois capítulos, onde ambos estarão subdivididos em três sub-capítulos, com intuito de proporcionar uma leitura dinâmica ao caro leitor.

No primeiro capítulo, “Zonas de Camboatá”, o texto 1.1 “A Rua Proibida”, trabalha todo o contexto de Monte Alegre de Minas nas décadas de 70 a 86, fazendo uma breve relação entre as casas de Prostituição que havia na Rua Antenor Airoso Machado e a comunidade Montealegrense. Este texto terá como ponto reflexivo toda a cidade de Monte Alegre contrapondo ao estigma da “Rua Proibida”, como se dava esta relação, entre as casas de zonas e a população.

Para a construção deste texto recorri ao uso de fontes orais, fotografias, mapa e outros documentos no intuito de melhor esclarecer esta relação, que ocorreu entre a cidade e as casas de zonas.

⁶ SANTOS, Roberto Carlos dos. *Urbanização, moral e bons costumes: vertigens da modernização em Patos de Minas (1900-1960)*. Uberlândia, 2002, p.18.

No texto 1.2 “As Moradoras de Camboatá”, apresentarei as quatro depoentes, que foram entrevistadas individualmente, momento em que elas descrevem toda a trajetória de suas vidas, como foram morar em Camboatá, nas casas de zonas de Camboatá.

Este texto é mais descritivo, onde essas quatro “ex-prostitutas” descrevem passo a passo sua chegada nas casas de zonas, e ao mesmo tempo vão relatando a relação que houve entre seus familiares e a comunidade de Monte Alegre de Minas. Pode-se concluir que este texto tem a função de uma breve bibliografia, onde as depoentes através de suas falas, expressam todo o pulsar de um mundo estigmatizado pela exclusão, medo e preconceito. Quem foram aquelas mulheres e como viveram entre as paredes de suas casas, delimitadas por uma rua, a rua proibida.

E no texto 1.3 “Prostituição: uma profissão?”, pontuo a prostituição como tema central, onde as quatro depoentes discorrem a respeito da profissão prostituição, como sendo profissão ou não, vista por elas.

Faço uma breve relação entre a visão dessas ex-prostitutas com a prostituição no Brasil em geral, apontando pontos reflexivos.

Neste texto recorro além das fontes orais, o uso de documentos como processos e outros documentos que foram encontrados e pesquisados no Fórum de Monte Alegre de Minas.

Encerro o primeiro capítulo com estes três sub-títulos, partindo assim para o segundo capítulo.

O segundo capítulo chamado “Lembranças da Noite”, está subdividido em três textos. O primeiro texto 2.1 “A Dama da Noite”, retrata todo o cotidiano de uma casa de prostituição. Desde a permanência dos fregueses nas casas, as noites festivas e as saídas para as compras.

Este texto tenta pensar a relação entre as damas de Camboatá e a comunidade de Monte Alegre de Minas, momentos onde as depoentes descrevem suas passagens pela cidade, marcada pelo preconceito e exclusão por serem as “mulheres da vida”.

No segundo texto 2.2 “Mulheres, Paixão, Sexo”, traz como contrapontos reflexivos a questão do enfeitar-se para a espera do freguês e enfeitar a própria casa, como se dava essas questões, oriundas de um sub-mundo marcado pelo desprezo e preconceito. Outro ponto reflexivo que a pesquisa traz à tona a relação dessas mulheres prostitutas com a saúde pública, como era feita esta fiscalização.

Como ponto discursivo entre nossas depoentes vem a questão dos filhos e aborto, como se relacionavam com estas práticas.

Para fechar este texto, discute-se a questão dos grandes amores, vividos por essas mulheres. As grandes paixões, enfim, toda relação vivida por prostitutas e fregueses, durante suas permanências nas casas de zonas.

Como último texto o 2.3 “As Noites Boêmias”. Este texto tem a preocupação maior em amarrar todas as discussões que foram levantadas ao longo da pesquisa. E como ponto central inicia o texto com a discussão do sair da prostituição, havia esse desejo de envelhecer fora das casas de prostituição?

Entre as lembranças de quando moravam nas casas de prostituição, vão se alternando com o desejo das saídas, outras com os arrependimentos do passado e já outras a conclusão de que a vida teria sido melhor se estivessem permanecido nas casas de prostituição.

Esta parte da reflexão vem permeada por uma difusão de sentimentos e dentre eles elas expõem como se deram as mudanças das “Zonas de Camboatá” para o popular “Barranco”, morrendo assim uma fase da vida das trabalhadoras de Camboatá, e dando início a uma outra fase, agora chamadas de “Moradoras do Barranco”.

Assim distribuída a reflexão, tento fechar a apresentação da pesquisa lembrando que fora delimitado um tempo, as décadas de 70 a meados de 86, e um lugar, a pequena Monte Alegre de Minas, com as Zonas de Camboatá e enfatizar o objetivo desta reflexão, qual seja, romper um pouco com a estigmatização de grupos minoritários como os envolvidos com a prostituição.

Capítulo 1

ZONAS DE CAMBOATÁ

1.1 A Rua Proibida

Através desta pesquisa historiografia, resgatei dos subterfúgios de minha memória, uma imagem, a da “Rua Proibida”, lugar do pecado e da devassidão, onde pessoas do bem não passavam.

A memória é um capital infinito do qual só registramos um fragmento.” Frequentemente, as mais vivas recordações afloraram depois da entrevista, na hora da cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a executar, ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.⁷

A rua proibida é a chamada “Antenor Airosa Machado”, conhecida naquela época, como Camboatá, ou melhor, Zonas de Camboatá. Ganhou este nome devido às árvores nativas, nos lotes onde se localizavam as casas de zonas. Hoje esta espécie de arbusto já está praticamente em extinção na cidade. Assim como as “zonas” que eram parte da paisagem.

Relembrando a origem do nome Zonas de Camboatá, com uma antiga moradora da região, Sr. Aurora Gouveia Bittencourt:

[...] É porque naquele lugar havia muitos lotes, e neles, tinha essa arvore que é chamada de Camboatá, sabe, é uma arvore pequena, que os ramos se espalham e forma umas moitinhas, por isso chamava esse nome [...]⁸

Toda a rua era constituída de poucas casas e vários terrenos baldios, e os terrenos eram alaistrados de Camboatá, por isso o nome. As zonas receberam esse nome como forma de identificação. Como podemos perceber, o local era constituído de poucas casas e todas eram de prostituição. Naquela época, a região era considerada como distante da área central da cidade. Através da fala do ex-prefeito da época tentamos imaginar como seria aquela região, de uma forma indireta reservada aos prostíbulo da cidade: “[...] Lá pra cima, tinha pouca coisa, pra cima ali, eu. Aquela outra parte foi construída quase na minha administração[...]”⁹

⁷ BOSI, 1994, p. 39.

⁸ Depoimento da Sr. Aurora Gouveia Bittencourt, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 18/01/2007. Monte Alegre de Minas.

⁹ Depoimento do ex-prefeito Ademar Delfino de Moura, entrevistado por Maria Cristina M.C. Moura em 30/01/2007. Monte Alegre de Minas.

Como se percebe, a zona de Camboatá era um lugar isolado do restante da cidade, tornando-se uma espécie de cidade dentro de outra cidade, assim que nascem os guetos, uma forma indireta de excluir os marginalizados da sociedade.

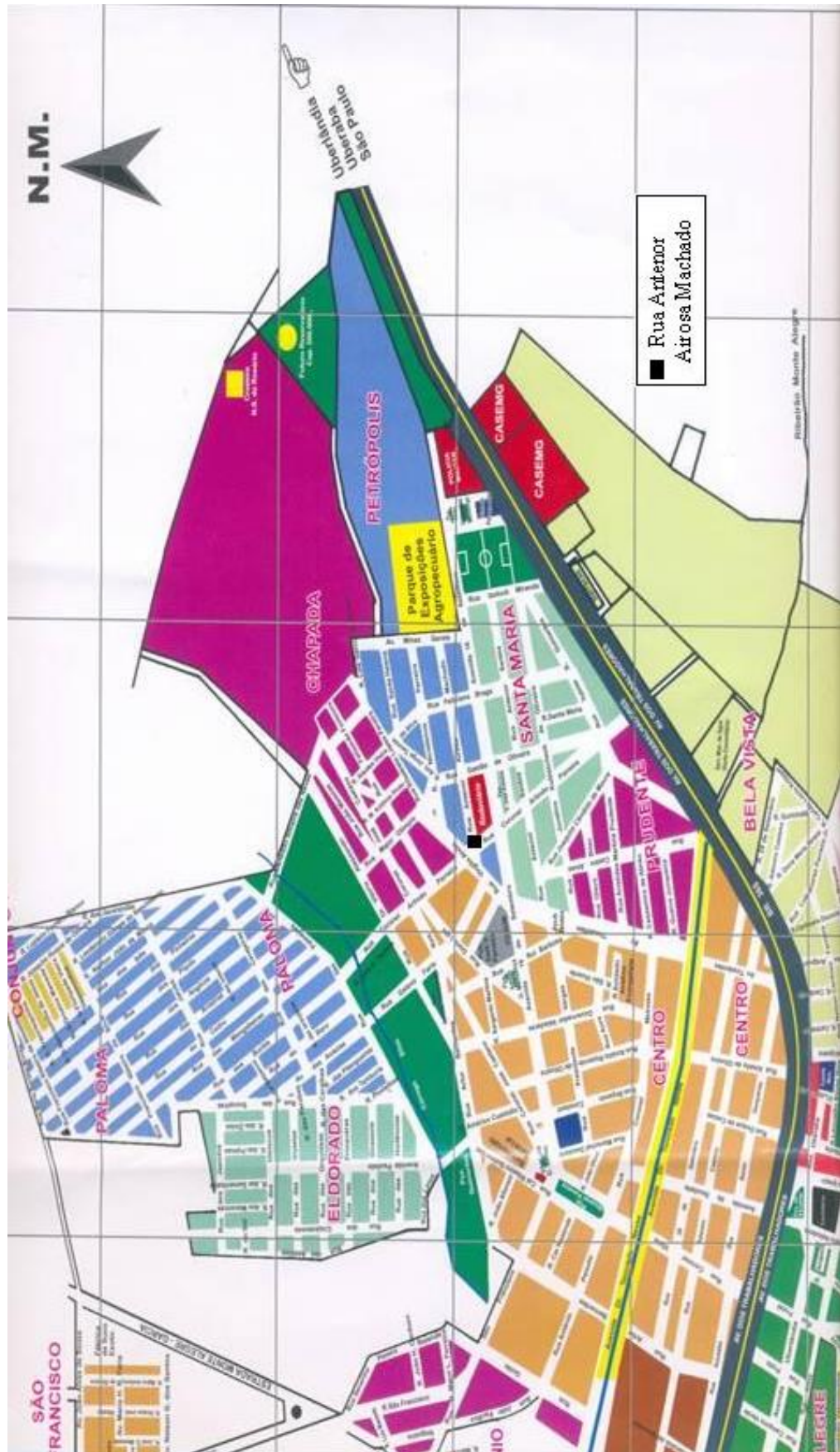
O espaço urbano é construído, estruturado e hierarquizado socialmente. Forças econômicas, políticas, religiosas e culturais atuam forjando significados, moldando novos padrões de sociabilidade, enfim, definindo espaços específicos de exercício do poder.¹⁰

As moradoras de Camboatá, delimitadas em seu espaço, ficavam isoladas do restante da cidade. Ali só circulavam as prostitutas, fregueses e às vezes alguns curiosos que passavam de carro, pois naquela rua não circulavam pessoas de “bem”. A mulher que se prezasse jamais passaria naquelas mediações, pois poderiam ficar “faladas”. Como pode ser observado através de Dona Aurora, ao perguntá-la se passava pela rua Antenor Airoso Machado: “[...] não, não passava [...]”¹¹

Este é o mapa da cidade de Monte Alegre de Minas, tirado em 2006, no qual está destacado a Rua Antenor Airoso Machado, a rua onde situava as Zonas de Camboatá.

¹⁰ SANTOS, 2002, p.20.

¹¹ Depoimento da Sr. Aurora Gouveia Bittencourt, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 18/01/2007. Monte Alegre de Minas.



Mapa 1 – Monte Alegre de Minas.

Em síntese, a Rua Antenor Airosa Machado ficou sendo conhecida como o reduto da prostituição – o território das prostitutas.

A rua ficou associada às casas de zonas e isso perdura até nossos dias. Ao conversar com antigos moradores da região, logo nos vem à tona lembranças da “Rua Proibida”, e constatamos que até hoje ainda há mulheres que não gostam de passar por aquele local, pois não se sentem bem. Através de alguns depoimentos de antigos moradores da região, percebemos algumas representações criadas e cristalizadas pela sociedade Montealegrense: “[...] Mas antigamente a gente não podia passar nessas ruas também não, ou outros falavam da gente também, tinha que[...]”¹²

Podemos apontar o quanto o espaço está interligado às pessoas, é como se ambos se completassem, e ali criam suas próprias histórias, que vão se perpetuando ao longo do tempo.

O espaço em que vivemos, que nos retira de nos mesmos, no qual ocorre o desgaste de nossa vida, nossa época e nossa história, o espaço que nos dilacera e corrói, e também, em si mesmo, um espaço heterogêneo. Em outras palavras, não vivemos numa espécie de vazio dentro do qual possamos situar indivíduos e coisas. Não vivemos num vazio passível de ser colorido por matizes, variadas de luz, mas num conjunto de relações que delineia localizações irredutíveis umas as outras e absolutamente não superpossíveis entre si.¹³

É como se associássemos aquele determinado espaço, aquelas determinadas pessoas. Isso ocorre entre a rua Antenor Airosa Machado e as Zonas de Camboatá. Como fiz um recorte entre as décadas de 70 até meados de 86, retornamos à Monte Alegre da época, em pleno desenvolvimento, o abacaxi despontava como sendo a principal economia da cidade.

¹² Depoimento de Maria Aparecida Pires de Arantes Lopes, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 20/01/2007. Monte Alegre de Minas.

¹³ SEJA, Edwar W. *História: Geografia: Modernidade* In: Geografia pós-moderna – a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993, p. 17.



FOTO 1 - Plantação de abacaxi de uma empresa paulista localizada na “antiga torre” nos anos 60.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.

E juntamente com este fruto houve uma remodelação de toda a cidade em todos os seus setores. A cidade de Monte Alegre de Minas, participava do movimento maior em direção à “modernização” e ao “progresso”, e isso está arraigado nas falas de um dos ex-prefeitos da época:

[...] Monte Alegre era uma cidade assim, mais ou menos que estava em desenvolvimento. Mas a nossa cidade, nós realizamos assim vários obras, inclusive a estação rodoviária, o abastecimento de água, viu, e várias escolas na zona rural, aqui da cidade também. Então acho que a cidade investiu uma prosperidade muito grande[...].¹⁴

Todo o desenvolvimento da cidade encontrava-se em um pequeno pólo, concentrado na parte central da cidade, que era em torno da Igreja Matriz de São Francisco das Chagas e ao longo da Avenida 16 de Setembro, se instalaram os principais comércios da época.

¹⁴ Depoimento do ex-prefeito Ademar Delfino de Moura, entrevistado por Maria Cristina M.C. Moura em 30/01/2007. Monte Alegre de Minas.



FOTO 2 – Trecho da Avenida 16 de setembro, Barbearia do Gesmar e logo abaixo a antiga São Geraldo, em 1973.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.

Mas antes do final da Avenida já não havia construções e sim terrenos baldios. Já sendo considerada como uma área distante do Centro. Havia a Rodoviária e logo mais, em uma rua afastada, se encontrava as “Zonas de Camboatá”.



FOTO 3 – Igreja Matriz São Francisco das Chagas, tirada nas décadas de 80.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.



FOTO 4 - Estação Rodoviária de Monte Alegre de Minas tirada na década de 80.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.

A cidade, enquanto tecido permeado de lacunas, é capaz de excluir ou confinar certos grupos sociais. A preocupação com a disciplina social aparece, muitas vezes, disfarçada num comprometimento das elites com a segurança pública, com a urbanização, com a moral e bons costumes necessários para garantir o progresso.¹⁵

É relevante abordar como o discurso burguês está por trás do desenvolvimento de uma cidade, tudo se dá a partir da Igreja, escola, prefeitura, Fórum. É neste sentido que me refiro ao progresso e à modernização dos anos 70 na Monte Alegre. Lembrando que naquela época o pequeno centro de Monte Alegre era constituído pela Igreja, logo mais o Fórum, praça e mais abaixo a escola e a prefeitura. As casas próximas a este centro eram boas construções. Ali não havia espaço para construções simples, a cidade tomava o rumo da modernidade, delineando seus espaços, e configurando cada qual aos diversos grupos de moradores.

¹⁵ SANTOS, 2002, p. 25.



FOTO 5 – Prédio do Antigo Fórum localizado ao lado da praça Luiz Dutra Alvim, tirada na década de 90.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.



FOTO 6 – Estadualização do Colégio de Monte Alegre de Minas, em 1964.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.



FOTO 7 – Reinauguração do Prédio da Prefeitura Municipal de Monte Alegre de Minas em 1982.

Fonte: Arquivo particular de Ragnaia Coutinho Macedo Arantes.

Mas esta arquitetura de cidade nos acompanha desde a era colonial. Ao centro ficava destinado a família Real, e aos arredores aos nobres e ricos fazendeiros, excluindo assim para as margens da cidade, os escravos alforriados, pobres e outros.

O espaço urbano é legalmente hierarquizado. Determinadas áreas são proibidas aos trabalhadores e aos pobres. Somente os espaços desprovidos de qualquer melhoramento urbano, localizados em locais pouco visíveis, para não comprometer a imagem da “cidade moderna”, podem ser ocupados pelas classes subalternas e pelos marginalizados.¹⁶

Sempre tendo como preocupação a limpeza e higienização da cidade, sendo um discurso burguês, que vem revestido de melhoramento e modernização. Mas na realidade é uma forma de manter o controle e o delinear as construções de bairros e casas.

A Monte Alegre da década de 70 vivia essa pulsão do crescimento e modernização do município. É importante salientar que o centro montealegrense obedece esse mesmo enquadramento, cada órgão ocupando pontos centrais da cidade.

Como as “mulheres de vida fácil” necessitavam de um lugar mais reservado para realizarem suas atividades, e por outro lado o poder público não concordava com a prática da prostituição, mas faziam vista grossa da situação, demarcaram a Rua Antenor Airoso

¹⁶ SANTOS, 2002, p. 46.

Machado, como sendo a rua das Casas de prostituição. Caindo assim, no discurso burguês de delimitar território e associar espaços às pessoas, no sentido de enobrecer e alimentar status. “O processo de modernização da cidade apresentam em comum a disciplinarização do cotidiano, a constituição de novas relações de trabalho e higienização pública e a padronização habitacional”.¹⁷

Vale ressaltar que a Monte Alegre da década de 70, vivia sob a égide de seu hino a “Terra da Felicidade”, tendo como preocupação ressaltar que ali naquela pequena cidade interiorana era o lugar ideal para se morar, pois a paz e a tranquilidade reinava na cidade.

Os governantes com a preocupação de manter essa imagem de Monte Alegre, como lugar ordeiro e próspero para ganhar dinheiro, bom para se criar família. Aparentemente não havendo conflitos no setor social, tudo transcorria nas vias do progresso e da modernidade.

Nos anos 70 o abacaxi em Monte Alegre já estava sendo a moeda forte da cidade. Através deste fruto ficamos conhecidos, nacionalmente. Toda a cidade girava em torno da plantação e da comercialização do fruto do abacaxi.

Os moradores mais antigos da cidade diziam que era uma época boa, pois o dinheiro corria solto, havia inúmeros empregos e sub-empregos gerados por ele: “[...] A cidade era bem melhor do que agora, porque tinha mais dinheiro, agora o povo tá mais pobre né. Plantar abacaxi dava dinheiro[...]”¹⁸

A cidade vivia repleta de novos habitantes em meio aos seus antigos moradores vivendo em sua grande maioria voltados para as atividades agrárias e para monocultura do abacaxi.

Em meio à Monte Alegre, a “capital brasileira do abacaxi”, que viviam os inusitados moradores de Camboatá. A rua do pecado não conseguia desvencilhar dos conceitos e pré-conceitos moralizantes. A estigmatização era forte, ficando totalmente proibido uma “mulher de bem” caminhar pela a rua. E esta vigilância se dava de forma cooperativa, pois os moradores estavam dispostos a vigiar uns aos outros. Ninguém ultrapassava os limites preestabelecidos da moral e dos bons costumes.

Mesmo a rua Antenor Airosa Machado possuindo uma geografia distante da área central da cidade, mas com fácil acesso aos seus transeuntes. Ali configuravam uma comunidade à parte, com seus modos específicos de funcionamento, leis e regras,

¹⁷ SANTOS, 2002, p. 13.

¹⁸ Depoimento de Maria Aparecida Pires de Arantes Lopes, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 20/01/2007. Monte Alegre de Minas.

configurando assim, práticas culturais – aqui entendidas como modos de vida – diferentes daquelas impostas pela sociedade.

Ao abordarmos moradores da Monte Alegre que vivenciaram nos anos 70 a 86, nos deparamos com histórias pitorescas vivenciados por ele, envolvendo a “rua proibida”: “[...] Todo mundo ficava subindo no muro para ver, quem entrava, quem saía. Eu era uma delas (risos...). Gostava de subir no muro [...]”¹⁹

Como podemos observar através da fala da depoente, os moradores resistiam aos seus próprios limites pré-estabelecidos, mas mantinham uma constante vigilância sobre as mulheres de Camboatá.

Às vezes essas atitudes se davam até de forma inconsciente, uma maneira de se autoprotegerem, já que a rua tornou-se um enigma da “moral” suscitando assim uma certa curiosidade principalmente aos mais jovens, porque na verdade não entendiam o sentido de tanta restrição e proibição.

Mas mesmo não entendendo, obedeciam, como se já fizesse parte de nossa cultura: o não transitar pela rua Antenor Airosa Machado. O interessante é que mesmo sendo práticas condenáveis, eram ao mesmo tempo aceitas, pois ali era o limite entre o bem e o mal, ninguém incomodava as moradoras de Camboatá, mas elas também não incomodavam a cidade.

Havia todo um preconceito contra essas mulheres, não apenas no sentido do preconceito em si, mas no sentido religioso, do pecado, da imoralidade. Era como se aquela rua fosse o verdadeiro inferno terrestre, lugar onde o “inimigo reina”.

A mulher prostituta carrega um imaginário social de uma personalidade contraditória e ambígua, onde o pecado, o prazer, o vício e a sedução são suas peculiaridades características. É este estigma que pretendo trabalhar nesta pesquisa. Minha percepção deste grupo social – as prostitutas – é que são mulheres lutadoras e fortes guerreiras dão o melhor de si para se superar enquanto mulher, prostituta, esposa, dona de casa e mãe.

Hoje após alguns anos, e com o fim das Zonas de Camboatá, a “Rua Proibida” se tornou um lugar nobre, constituído por boas construções. E ao tentar uma rememoração das antigas Zonas de Camboatá com os atuais moradores, constatei que buscaram apagar qualquer lembrança desta época. Buscando uma desconstrução das antigas casas com as atuais, refletindo na construção de uma memória oficial, onde se registra o que interessa a grupos que detêm o poder.

¹⁹ Idem.

1.2 As Moradoras de Camboatá

*“Se elas não tem o poder, as mulheres têm, diz-se poderes[...]Reinam no imaginário dos homens, preenchem suas noites e ocupam seus sonhos.”*²⁰

Mesmo vivendo sob os signos das revoluções técnicas-científicas, será que as mulheres realmente se libertaram de conceitos e preconceitos, e vivem o prazer? Como podemos apontar hoje a condição feminina, lembrando que a mulher não está enclausurada na condição de vítima, pois é dotada das mesmas capacidades ou às vezes até mais que os homens?

E ao falarmos em mulheres, ou melhor, “mulheres prostitutas”, remetemos nossos pensamentos a conceitos preconceituosos e logo pensamos porque não costureiras, lavadeiras, doceiras, domésticas, ao invés de seguir o caminho tortuoso da prostituição. Já está mais do que na hora de nos libertarmos de conceitos moralmente criados e cristalizados pela sociedade das diferenças e não separar a mulher prostituta das demais categorias, visto que prostituição é “uma das profissões mais antigas”.

A prostituição tornou-se um paradigma que está mais que tardiamente na hora de ser rompido, e reestruturado, pelo campo social. No campo financeiro há toda uma organização econômica que gera empregos e sub-empregos, fomentando assim grande parte do mercado informal.

[...] em qualquer lugar, sempre o corpo das mulheres - é de uma simbologia congelada no jogo dos papéis e das alegorias. É preciso desprender-se delas, pois moldam a história dentro de uma visão dicotômica do masculino e feminino: o homem criador /a mulher conservadora, o homem revoltado /a mulher submissa, etc[...].²¹

Há toda uma criação de enigmas que envolve a imagem de uma mulher prostituta, algo labiríntico e misterioso. Acaba sendo um universo fantasioso que povoa a mente das pessoas. Através dos depoimentos das ex-prostitutas, apresentamos outro lado da história. São

²⁰ PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bettmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

²¹ PERROT, 1988, p. 118.

mulheres trabalhadoras, que lutam o tempo todo contra doenças, maus tratos e o preconceito. São sonhadoras e extremamente religiosas, e como mães, são carinhosas e preocupadas com o futuro dos filhos e familiares.

E ao trabalharmos com a história oral, abriremos um leque onde há novas formas de abordagem, pois deixamos um pouco de nos agarrar a documentos e dados escritos, dando assim voz para as moradoras de Camboatá.

Quando trabalharmos com história oral, optamos pelo uso da memória e conseqüentemente das lembranças. Mesmo quando abrimos as portas de nossa memória, estaremos sujeitos aos nossos subterfúgios, algo natural, pois ao voltarmos ao nosso passado estamos sujeitos a isso.

E interessante observar que memória é algo individual, mas quando se trata de um mesmo assunto, ela acaba se tornando coletiva, se interligando entre uma a outra, como se ela estivesse presa ao seu grupo de convívio. Aquela região determina a força de pensamento de todo o grupo.

E por outro lado, não podemos deixar de apontar que memória é seletiva, podendo se perder no seu próprio subterfúgio, deixando vir à tona apenas o que lhe interessa e outras partes ficarem soterradas nos confins do esquecimento, sendo selada pelo silêncio.

Lembrando que as moradoras de Camboatá, na sua grande maioria, eram vindas de outras cidades, vivendo distante das suas famílias, longe de qualquer convívio social, com a sociedade montealegrense. Acabavam fomentando uma rede de relacionamento afetivo de auto-sustentação, permitindo assim uma total readaptação de suas vidas, onde a casa que chegavam para trabalhar tornava-se seu ponto de morada e as companheiras seus referencial de família.

Durante as entrevistas, houve momentos em que retornamos ao seu passado, sendo lembrado por alegrias, horas de tristezas, saudades e até choro. Por alguns instantes, podemos nos aproximar de seus saberes que estavam guardados pelos labirintos da memória. Através de um pequeno questionário, as depoentes foram se abrindo pouco a pouco, sem deixar perder de vista o foco da entrevista. Foram mergulhando cada vez mais ao seu passado, deixando assim por horas a voz do coração falar por si próprio.

Dentre as várias mulheres que moraram e trabalhavam nas casas de Camboatá, consegui encontrar quatro que aceitaram ser as depoentes desta pesquisa, ou melhor, o fio condutor de toda esta monografia. Hoje ambas não vivem mais do ofício, algumas casadas, outras viúvas, vivem a vida de donas de casas, cuidando dos afazeres domésticos e sonhando com futuro melhor para os filhos.

Ao início de cada entrevista as depoentes narram suas histórias de como foram morar em uma casa de zona. A primeira de minhas entrevistadas, foi a mais difícil de conseguir. Mesmo nos conhecendo a algum tempo, ela não queria gravar entrevista. Hoje é uma mulher evangélica e diz que este passado não lhe pertence mais, está morto e enterrado. Alice vive as perturbações de seu passado, mesmo dizendo que não lhe pertence, que está morto e enterrado. Nota-se ao longo de uma conversa amiga que ela sempre menciona alguma passagem de sua vida no mundo da prostituição.

Como pesquisadora, vejo seu posicionamento sendo o resultado de nossa sociedade. Onde os supostos valores morais são de extrema importância, visto que Alice vestiu uma nova roupagem, onde foi criada uma marca entre a antiga “mulher da noite” com a atual “dona de casa”, e como forma de reforçar este posicionamento, ela tenta o tempo todo desvincular da profissão “prostituta”. Usando fortes argumentos contra essas práticas.

Incondicionalmente, este pode ser um tipo de comportamento que ela encontrou para se sentir aceita entre as pessoas de seu novo convívio, resultando em processos de nosso sistema social. Ou seja, fomentamos os padrões comportamentais, dando a opção de pertencer ao grupo aceito, moralmente ou dos marginalizados e excluídos moralmente. E são vários os fatores que levaram a este posicionamento de Alice, a princípio a educação de seus filhos e a preocupação com um futuro melhor da família.

Com o tempo, após algumas visitas, consegui agendar uma entrevista, mas na hora de gravar, houve uma mistura de sentimentos entre o medo, vergonha e angústia e no começo ela preferiu que eu escrevesse e não gravasse.

Ela relatou como foi morar dentro de uma casa de prostituição:

Veio de uma família numerosa e extremamente pobre, era uma das mais velhas com 14 anos, foi logo trabalhar de doméstica. Naquele tempo e pelas dificuldades de transporte, as empregadas residiam na casa das patroas. Nesse momento inicia as dificuldades de sua vida, como era muito bonita, loira de olhos verdes, toda pessoa que chegava perguntava se era filha do patrão, ou a esposa, enfim seus empregos nunca duravam e isso quando o patrão não se interessava por ela.

Sua vida aos primeiros anos da juventude já foi marcada pelas tristezas da vida, com a falta de melhores condições e oportunidades, sempre era devolvida aos pais por ciúmes e falta de compreensão das patroas. E como seu pai era ignorante, sempre a espancava achando que ela era a culpada, por não “prestar” desde nova.

Portanto, após inúmeras tentativas frustradas de emprego, foi convidada por uma amiga pra ir a uma festa em Monte Alegre de Minas, chegando aqui, uma casa cheia de pessoas felizes e alegres, bebendo, comendo e dançando. No primeiro momento gostou e ficou, mas não sabia do que se tratava. E

com o tempo se deparou com o lugar que se encontrava, mas já não havia forças para lutar contra a situação. E assim permaneceu por longos anos.”²²

Tentei descrever na íntegra como foi a chegada de Alice na casa de prostituição, mas após narrar como foi sua chegada em Monte Alegre, ela permitiu que gravasse a entrevista.

Como podemos perceber, Alice era praticamente menina, estava com 16 para 17 anos, não tinha malícia da vida, não tinha noção das dificuldades que ali se iniciariam em sua nova vida. E ao perguntá-la qual foi a reação da família, ela acredita que sua mãe morreu sem saber e entender qual era a sua profissão. E logo que iniciou as atividades em Camboatá, começou a ganhar dinheiro e procurou a família em Uberlândia para ajudá-los financeiramente. A partir deste momento, tornou-se responsável por todos eles.

Durante a entrevista Alice conta histórias interessantes que ocorreram em sua vida, se considera uma protegida por Deus, e em um de seus momentos de fé ela diz que seu “Pai lá de cima” nunca falhou com ela e como exemplo nos conta que sentiu muita saudade dos familiares e resolveu visitá-los fora da data combinada. Chegando em Uberlândia, na casa dos pais, ele estava em meio de uma crise de infarto. Chamou um táxi e correu com ele para um hospital mais próximo, mas como o destino reservava-lhe outro fim, ele não resistiu e morreu no colo dela dentro do táxi.

E Alice arcou e resolveu todos os problemas com as despesas que tiveram com o funeral do pai, ficando mais uma vez responsável por todos eles.

Porque minha mãe também, assim foi uma pessoa simples né. Simples, eu acho que ela também nem sabe o que significa isso. Ficou no ar, meu pai sabia, que inclusive quando eu chegava lá, que ele estava bêbado né, que eu levava dinheiro né – Uai, então você não tá com nada, só isso? Então você não tá com nada! [...].²³

Essas foram as palavras “carinhosas” que seu pai lhe recebia e o restante da família era o silêncio, ficava no ar como ela mesma disse, se sabiam não diziam e se não sabiam ficaram sem saber.

Essa foi um pouco da trajetória de Alice. Muito cedo entrou para o mundo da prostituição e logo teve que encarar “essa dura realidade”, enfrentando a dor de não aceitar a própria profissão, pois esta depoente em todo o decorrer da entrevista, hora alguma fala a

²² Narração da autora.

²³ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

palavra “prostituta”. Para ela isso é inaceitável. Não gosta e não admite, prefere esquecer tudo que se passou: “[...] Não, nunca me senti uma mulher, eu não aceitava[...]”.²⁴

Mesmo ela não dizendo, percebemos os ressentimentos que ela guarda em relação ao seu passado, não gosta, não aceita e é cheia de arrependimento por ter seguido esses caminhos.

Com a segunda entrevistada, já foi outra recepção. A depoente Rosa é extremamente sorridente, alegre, toda alto astral.

Antes de iniciar a entrevista, ela já nos dá uma lição de vida, pois é uma mulher mais velha, as marcas da idade estão estampadas em seu rosto, doente. Com câncer de pele, problemas nos rins, faz transfusão de sangue de três a quatro vezes por semana e com tudo isso, diz estar de bem com a vida.

Em todo o decorrer de sua entrevista, diz não ter se arrependido do que fez, só lamenta ter perdido a saúde e se não fosse isso, estaria em sua casa atendendo até hoje.

Ao iniciar sua entrevista houve um momento de mistura de sentimentos, vindos à tona. A saudade carregada pelas lembranças e ao mesmo tempo a tristeza de estar doente sem poder trabalhar.

O que levou eu tocar essa casa foi o desespero da vida...(choro). Eu trabalhava em bóia-fria, trabalhava de domestica, trabalhava muito, muito. Eu era amigada com um cara. Ele não me deu valor. Aí eu peguei, resolvi a vida e fui tocar uma zona, casa de prostituição, para poder melhorar as coisas pra mim. Ocê sabe, melhorou, fiz duas casas, tava no meu nome, escriturada. Aí eu peguei toquei seis anos casa de prostituição. Aí eu depois, eu peguei as duas casas uma na Rua..... e a outra casa na Rua....., onde morava e tocava um bar até o mês de abril de 2006. E aqui onde eu estou residindo. Então eu mandei rasgar as escrituras velhas, com meu advogado e puis as duas casas no nome dos filhos. A de lá de frente a Catril e a daqui, tá no nome dos meus filhos e usufruto meu. E agora eu fiquei doente, eles cuida muito bem de mim, me ajuda. Eu arrumei ajuda dos médicos e sou registrada na UFU. Tem dez anos porque eu tenho câncer de pele e tou agora no instituto dos rins lá em Uberlândia, na Cipriano Del Fávoro, e agora eu peguei dos médicos. Eles me ajudou, eu arrumar um benefício. Recebo um benefício desde o mês de julho, eles me colaboraram ajudou muito. Graças a Deus eu estou recebendo meu benefício (choro) [...].²⁵

Rosa é um exemplo de luta e força. Com todos esses problemas de saúde, é uma pessoa extremamente otimista. Sente-se realizada na vida, e só lamenta por ter perdido a saúde, pois se não fosse isso estava até hoje trabalhando “juntinho com suas meninas”. Ela

²⁴ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

²⁵ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

mesmo sendo a dona da casa, atendia prontamente os fregueses que ali chegavam sempre feliz e alegre, adorava beber e curtir as noitadas.

Ao decorrer da entrevista, percebe que Rosa teve jogo de cintura. Conseguiu criar os filhos mesmo distantes, deu-lhes uma boa educação e lhes encaminhou para a vida.

E o mais interessante é que os moradores mais antigos da cidade, todos se lembram dela com carinho e respeito. Isso é algo raro em uma sociedade dividida pelas classes sociais e o preconceito, por se tratar de uma prostituta, mas seu nome ficou marcado na memória de muitos. Com carisma da maior parte deles.

Rosa foi uma mulher que viveu à frente do seu tempo. Conseguiu ter coragem de sair de um relacionamento que por pior que fosse – em sua época – isso foi uma grande mudança. Correu atrás de seus objetivos, foi valente e persistente. Assumiu diversos relacionamentos dentre mulheres e homens, usava entorpecentes como forma de relaxar, enfim, fez tudo que sentia vontade, sem medo e arrependimento, não ficava presa a conceitos morais.

Elas me chamavam de mãezinha...Eu tocava a casa e bebia, eu era a primeira a entrar na sala e a última a sair, as mulheres saíam, eu bebia, elas dormiam, eu amanhecia com cinco ou seis homens numa mesa bebendo. Eu fazia comida. Tudo mundo já tinha comido e dormia de barriga cheia. Já tinha jantado, e eu fazia qualquer coisa para comer o que fosse, sopa, ou engrossado de ovo e carne, tinha qualquer coisa pra comer. Tinha fartura em minha casa, graças a Deus. E não me arrependo, fui uma mulher de prostituição, porque eu fazia sala juntinho com minhas mulher, juntinho e não me arrependi. Eu tenho esse nome que carrego hoje em dia, mas não importa, tenho 63 anos. Hoje eu não quero saber mais de homem não gosto homem eu gosto de amizade, nem pra encostar em mim eu não quero que eles me encosta. Acabou, morreu (risadas) [...].²⁶

Dentre todas as entrevistadas, Rosa foi a única que optou por seguir este caminho. Já era uma mulher madura, vivida, com filhos. Com o sofrimento da vida e a decepção amorosa e os maus tratos do companheiro, levou-a a mudar de vida, abrindo assim uma casa de prostituição.

Neste momento desmistificamos um pouco a questão da dicotomia que há entre as vítimas ou a mulher fatal. Mulheres como Rosa nos demonstra outro lado. A prostituição pode ser uma opção de vida. Assumida como uma profissão qualquer, desde que não seja olhada com os olhos de preconceito ou misericórdia. Vivemos em um país livre, onde as pessoas possuem o livre-arbítrio, mas será que na prática as coisas funcionam realmente assim? “[...]”

²⁶ Idem.

Nada mais fazia sentido, nada. Fui viver a vida, e bola pra frente, dançar, beber, caí na farra, fazia aqueles tanto de comida, panelada [...]”.²⁷

Essa foi uma breve apresentação da trajetória de vida de Rosa, uma mulher lutadora que soube se desvencilhar dos preconceitos da profissão. Assumindo-a sem os preconceitos dos falsos conceitos morais.

Agora a terceira entrevistada traz à tona as questões sociais. Chegou em uma casa de prostituição, praticamente menina-moça, sem saber do que se tratava, trazida pela irmã mais velha.

Ao iniciar a entrevista, ela nos relata como foi sua chegada em uma casa de prostituição:

[...] Ah! foi assim, eu era muito nova né, morava com meus pais, família muito pobre e minha irmã casou veio morar em Uberaba, depois separou do marido e veio morar em Monte Alegre. Uma colega trouxe ela. Aí, ela visitava os pais em casa, sempre ia visitar, sempre eu ficava com aquilo na cabeça, porque minha mãe me xingava demais. Eu era muito trabalhadeira quando era menina. Eu era petitinha. Levava comida pro meu pai nos meio do mato, porque ele cerrava madeira, trabalhava. E eu não entendia o porque que tinha alguma coisa assim, aquele espírito não combinava, o dela com o meu, não sei. Porque ela me xingava muito. Toda vez que eu chegava do serviço ela onde meu pai tava, ela começava me xingar. Eu ficava com aquilo na cabeça. O dia que a Lela vim eu vou embora com ela. Ficava com aquilo na cabeça pensando, mais eu nunca falei pra ela. Aí um dia ela me levou pra Uberaba pra morar com ela. Ela tava com o marido dela, o pai das meninas dela. Aí um dia ela separou dele e me trouxe pra cá, eu não sabia. Aquela casa, que era casa de prostituição, eu não sabia que era. Mas aí eu cheguei. Ela tinha as outras mulher lá, as mulher diferente. Elas arrumou comida pra mim, eu tinha 16 pra 17 anos, que eu tinha. Aí ela, aí eu fui saber onde eu tava. Uns dias eu era menina ainda, não sabia onde eu tava.

Eu não sabia onde eu tava, aí a Rosa, o comissário de menor mandou eu ir embora pra Uberaba. Aí depois ela mesmo, mandou me buscar, depois de um, dois mês. Assim fiquei, fui ficando. Fiquei assim morando com minha irmã. Eu tinha o meu quarto, morei um ano mais ou menos com ela. Depois fui ter minha própria casa. Ela me ajudou, ela mesma me ajudou, me trouxe e me ajudou. Aí eu fiquei um ano sem ver os meus pais, sem visitar meus pais, porque eles falavam que não queriam me ver mais né. Porque ficou sabendo onde eu tava né. Aí eu falei que não ia lá não, que eu não ia precisar deles nunca, que eu não ia lá mesmo não.

Mesmo assim depois meu pai fez as paz comigo, mandou me buscar e eu fui passear, visitar ele. Aí cheguei lá, ele tava doente, problema de saúde, eu passei a fazer a despesa da casa tudo. De remédio, roupa, caçado, todo mundo, pros meninos, pra minha mãe e pra ele [...].²⁸

²⁷ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

²⁸ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

Como podemos perceber, a chegada desta jovem em uma casa de prostituição se deu de uma forma chocante, pois a irmã mais velha traz uma irmã mais nova, praticamente uma adolescente, para uma casa de zona, sem saber do que se tratava.

Para a época, uma jovem de 16 anos na maioria das vezes não sabia muita coisa a respeito de sexo. Esses assuntos eram considerados verdadeiros tabus, portanto, essas moças eram praticamente inocentes nestas questões, não tinham malícia alguma da vida.

Como foi para uma moça de 16 anos ir morar em uma casa de prostituição, ainda sendo praticamente uma menina, se deparando com a exclusão da família e os preconceitos oriundos da sociedade montealegrense.

Ocorreram mudanças bruscas na vida desta jovem. Dentre elas, o amadurecimento, a autonomia de ser dona de seu corpo e usá-lo como forma de ganhar dinheiro. E logo já assumiu todas as despesas da família, ficando inteiramente responsável por todos eles.

Mesmo mantendo o cuidado de não generalizar, e torná-las vítimas do sistema, essa é a realidade vivida por muitas mulheres brasileiras de baixa renda. Como no caso do Nordeste, onde os próprios pais colocam suas filhas para se prostituírem, como forma de manter o sustento das famílias. Isso tornou-se um problema social para os países de terceiro mundo, e não moral como temos a tendência de rotulá-los e sim social.

O caso de Joana é um entre os milhares que há em nosso país, meninas-moças que têm sua juventude bruscamente interrompida, pela responsabilidade de se tornarem mulheres, mulheres “sexy”, que se transformam em mercadorias, levadas ao sustento próprio e de seus familiares.

Neste momento, percebe-se indiretamente uma troca que há entre a família e a mulher prostituta. Eles as perdoam, e esta passa a sustentá-los financeiramente e ninguém mais fala sobre o assunto.

Mas uma vez as questões sociais vêm à tona, pois a falta de melhores condições de vida e oportunidades faz com que as pessoas acabem se sujeitando e condicionando à situações que antes não eram aceitas como a prática da prostituição. Pois nenhuma família deseja essas práticas para a sua, mas devido a falta de melhores recursos, acabam se sujeitando às práticas da prostituição e diversos outros negócios ditos como ilícitos.

A história desta depoente não se difere de muitos outros casos de prostituição, meninas-moças que entraram no mundo da prostituição – umas mais novas outras mais velhas – que cruzaram seus caminhos com as zonas boêmias, perdendo nos salões de festas seus últimos resquícios de uma infância atordoada pela pobreza e a miséria. Às vezes sem muito

tempo para pensar se tornava uma mulher, uma mulher com “os poderes avassaladores do sexo”.

E como última entrevistada temos a Cláudia, mulher de meia idade, vivendo um momento de reversão de seus conceitos.

Após ouvir varias histórias de diferentes mulheres, vivenciamos juntamente com elas, suas diferentes trajetórias de vida. Mas como o objetivo desta pesquisa não é descrever biografias e sim apresentar suas diferentes vivências de como essas mulheres vieram morar em Camboatá, seguiremos com o relato da depoente Cláudia.

A história de Cláudia é semelhante a das outras histórias. Ao perguntá-la como foi que veio morar em uma casa de zona ela me respondeu o seguinte:

[...]Uai porque eu era órfã, e não tinha pra onde ir, minha família me abandonou né, os parentes. Porque naquela época o preconceito era muito grande né. Então eu fui morar lá. Em 69. Ah! na época eu fui grávida né, como domestica, eu cuidava da casa, eu cozinhava, eu não participava, muito não[...].²⁹

Cláudia no início da entrevista se sentiu receosa, não estava se sentindo segura em gravar seus depoimentos. Foi preciso horas de conversa para depois ganhar sua confiança e aceitar as gravações de suas narrativas.

Cláudia como já foi dito era órfã de mãe desde criancinha e seu pai viciado em bebida alcoólica vivia ausente, então sua vida era morar de casa em casa, cada semana ficava em um membro da família, nunca tinha lugar certo para se hospedar, sempre sendo jogada como um peso de um lado para outro. Desde já alimentava o sonho de ter seu próprio “cantinho”, onde pudesse organizar seus restos de brinquedos. Mas como o pai estava sempre bêbado, este sonho cada vez se tornava um mero sonho impossível de se realizar. Logo no primeiro ano de sua adolescência, já se deparou com o sofrimento e as decepções do mundo adulto. Quando ainda estudava, na porta de sua escola, conheceu um senhor, morador de Monte Alegre de Minas, bem mais velho, casado e com boa situação financeira, o qual passou a molestá-la, dizendo para ela que fizessem uma troca. Se ela permitisse manter relações sexuais com ele, este lhe daria uma casa para morar. E esta proposta foi seguindo por muito tempo, até o dia em que Cláudia cansada de morar de casa em casa, ainda marcada por sua inocência de menina, aceitou a proposta do senhor da porta do colégio. Após algum tempo, aos 13 anos, se encontrava grávida e sem a tão sonhada casa para morar. Como ainda era menina, seu corpo não tinha acabado de se formar, assustada, foi mostrar para seu “companheiro” que seus pequenos seios estavam rachando por causa do leite, com dores horríveis. Ele por sua vez vivido e astuto, logo tratou de escorraçá-la dizendo para não procurá-lo mais se não ia chamar a polícia e prendê-la, reverteu toda a situação a seu favor. Cláudia que era

²⁹ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

praticamente uma menina não entendia nada de leis e direitos, acreditou e não foi aceita pela família, pois naquele tempo (1965), quem arrumasse uma “barriga” era considerada uma “mulher da vida”, portanto a zona era o seu melhor lugar, ou seja, o único. Foi assim que Cláudia foi morar dentro de um prostíbulo, e lá permaneceu por muitos anos.³⁰

Estes foram breves depoimentos das ex-prostitutas moradoras de Camboatá e narrações minhas. É interessante perceber que, às vezes em meio às suas histórias de como vieram morar dentro de prostíbulos, há alguma semelhança entre elas, já que ambas não eram parentes nem amigas, foram se conhecer apenas quando foram morar juntas em um momento de suas vidas, nas casas de prostituição. Tendo sempre em mente que no mundo do prazer há toda uma tendência de tratarmos o “eu” no coletivo. Como uma fusão dos indivíduos diluindo o eu de cada um. Nesse momento quebro um pouco deste comportamento, narrando e discutindo as particularidades de cada depoente.

A primeira depoente, a Alice, nos demonstra através de suas feições marcadas pelo tempo, a tristeza que carrega no coração. Não gosta de relembrar o passado e hoje acredita que há mil maneiras de ganhar a vida sem ser preciso ir morar dentro de uma casa de prostituição.

[...] Aquilo não é uma coisa legal, igual eu tô ti falando né, conheci muito, viajei muito, aprendi muito com a vida. Quer dizer uma lição de vida. Você entendeu, pra quem quer né, tem igual. Que precisão que tem de uma pessoa cair numa zona? Eu não vejo precisão nenhuma de qualquer pessoa, que seja cair numa zona[...].³¹

Através de seus depoimentos, demonstra não ter gostado de sua profissão, alegando que hoje não vê necessidade alguma de mulher entrar para a prostituição.

É respeitável seu depoimento, mas não podemos deixar de apontar que se trata de época bem diferente. Hoje, em 2007, tem-se uma outra concepção da mulher em nosso mundo, visto as conquistas das mesmas em nossa sociedade e resguardadas as peculiaridades de cada momento histórico.

Porém, naquela época década de 1970, não raramente, havia oportunidade para lhes empregarem, principalmente nas cidades pequenas.

Em síntese, Alice hoje se encontra fora da vida de prostituição, tentando se desvencilhar de seu passado, tomando um outro posicionamento, totalmente contra as práticas da prostituição. De uma forma indireta, seu discurso pode ser uma maneira de se refugiar de

³⁰ Narração da autora.

³¹ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

seu passado, e se de autojustificar, como dizendo que não gostava, para se aceitar entre seus conviventes, pois se falar ao contrário, pode ser discriminada. Esta é uma visão que tenho enquanto pesquisadora.

Com a segunda entrevistada obtive uma boa recepção, pois não se sente constrangimento algum em falar de sua antiga profissão. Muito pelo contrário, demonstra grande satisfação em relatar todo esse passado, guardado como boas recordações.

Ao chegar em sua residência as 10:00 horas da manhã, lá estava, feliz, mesmo tendo levantado as quatro da madrugada, viajado até Uberlândia para fazer sua hemodiálise. Com as marcas de batom na boca, pois não sai sem passá-lo, já estava toda sorridente para enfrentar mais um dia de vida. O tempo todo de sua entrevista deixa bem claro que se não fosse seu mau estado de saúde, estaria até hoje atendendo em sua casa, com prazer e alegria. “[...] Se eu não tivesse ficado doente, eu estava na minha casa até hoje minha filha, por Deus do céu. Com 63 anos, ia fazer igual a Tereza, morrer lá (risadas)[...]”³²

Com as palavras de Rosa percebemos um outro olhar sobre as práticas da prostituição. Retomando o início das entrevistas, esta depoente diz ter entrado para o mundo da prostituição, devido sua situação financeira. E almejava uma melhora significativa para sua vida e de seus filhos.

Mas o interessante que vale ser abordado, que esta mulher não se deixa enquadrar no perfil de uma mulher vítima, mesmo que em alguns momentos é abordada pelas reações de sentimentos como o choro, as risadas e a saudade.

“[...] Fazia aquelas panelão de comida, tratava das minhas mulher muito bem. O povo até hoje é prova, elas falava mãezinha a senhora era tão boa pra nós [...]”.³³

Lembrando que Rosa exercia papel de “Cafetina”, e segundo suas palavras, conseguiu criar um bom relacionamento entre ela e suas “meninas”. Mantinha um sistema de organização em sua casa que visava o bem estar de todos.

Pode se dizer que Rosa nos mostra uma grande experiência de vida, pois se retornarmos as décadas de 70, como deveria ser a relação de uma mulher separada, com dois filhos para criar, que resolve abrir uma casa de prostituição. Assumir sua nova profissão diante uma pequena cidade onde todos lhe conhecem e estão aptos para apontá-la e julgá-la.

A relação com a sociedade é antes de tudo dicotômica: de um lado “nós”, prostitutas, de outro “eles”, a sociedade. Nas suas representações a sociedade

³² Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

³³ Idem.

é quem “prejudica”, é quem “julga”, quem tem “preconceito” e vê as prostitutas como mulheres “de moral baixa e decaída”.³⁴

Após desvencilharmos dos olhares preconceituosos, visto que ainda nos encontramos presos a estes falsos conceitos, pois a prostituição é uma prática que existe a séculos. E todos sabem de sua existência. E para sua realização só necessita-se de homens e mulheres, portanto, não há motivo para tacharmos estas trabalhadoras, visto que prestam um serviço a comunidade onde moram.

Neste sentido, Rosa nos demonstra entender e viver bem essa relação, pois não se deixa vitimizar, pelo contrário, transmite satisfação pelo seu trabalho.

Mas mesmo sob estes aspectos, não podemos deixar de associar a situação de Rosa com as questões sociais, na qual a prostituição vem interligada as condições sócio-econômicas, ou melhor, falta de recursos financeiros, levando as mulheres às práticas da prostituição.

Esta foi a breve apresentação de Rosa, onde ela assume com gosto sua profissão, e lamenta por não poder estar atendendo até hoje.

E como terceira depoente temos Joana. Como já foi dito anteriormente, ela chegou através de sua irmã mais velha. Vinda de família numerosa com baixas condições financeiras. Joana diz ter chegado em Camboatá sem saber de nada, do que realmente se tratava aquela casa onde moravam varias mulheres. Não era conhecedora das práticas do sexo, não tinha noção do que seria a sua vida a partir daquele momento.

Relembrando que este fato se deu em meados de 1976, nesta época o sexo era tido como um tabu, ninguém tinha acesso a estas informações, principalmente as mulheres de pequenas cidades, onde o conservadorismo vem como uma regra principal da educação familiar.

Proponho então, uma reflexão sobre como foi para uma jovem de 16 anos, ir morar em um prostíbulo, local que teria que usar seu corpo como ferramenta de trabalho. Passar pelo ritual de se enfeitar para esperar pelos fregueses, como se deu essa relação homem e mulher? E o relacionamento com os familiares, como ficou?

Um fator importante que vale ser ressaltado que dentre as quatro depoentes, três eram de menor, como fizeram para driblar estas questões? Será que a justiça em Monte Alegre não tinha conhecimento da situação das meninas?

³⁴ MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vida: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis – RJ, 1995, p. 244-245.

Lembrando que a Polícia fazia “rondas” na Rua Antenor Airoso Machado freqüentemente.

São fatos que foram suscitados, que ao decorrer das entrevistas procurarei discuti-los.

E como quarta e última depoente mostramos a história de Cláudia. Ela foi a mais nova delas em termos de idade, quando chegou em Camboatá. Levada por uma prima, pois estava grávida, não fazia programas, ficando apenas com o serviço doméstico, da casa, em troca ganhava a moradia e comida.

Após dar à luz a um menino, deu a criança para doação e iniciou os programas dentro da casa. Esta era sua nova vida, o fim do sonho de ter sua casa própria, vivenciando uma outra realidade, a da vida de “prostituição”, onde a rejeição da família e preconceitos eram nítidos.

Neste momento, podemos citar os trabalhos da antropóloga Adriana Piscitelli³⁵, que pesquisa o tráfico de mulheres prostitutas, discutindo a exploração de mulheres prostitutas por cafetões e aliciadores, que as levam para outros países com promessas de riquezas, ficando sem ter meios de voltar ao seu próprio país. E outras mulheres prostitutas que vão por conta própria para outros países no intuito de se enriquecerem e como forma de se autoprotegerem, usam o tráfico de mulheres como um subterfúgio desvencilhando das leis internacionais.

As quatro depoentes desta pesquisa tem alguns fatos em comuns, com histórias parecidas, todas ligadas aos fatores econômicos, três sendo de menores que foram levadas por alguém até as casas de prostituição. Não podemos deixar de associar este fato ao tráfico de meninas que são levadas para se prostituírem. Pois vieram morar em prostíbulos levadas por uma segunda pessoa, percebe-se no país uma total falta de política para com estas meninas, ou seja, um descaso das autoridades locais. Visto que as casas de Camboatá mantinham junto à Prefeitura local taxas de tributação e eram fiscalizadas pela Polícia.

³⁵ PISCITELLI, Adriana G. Tradição Oral, Memória e Gênero: Um comentário metodológico. In: CADERNOS PAGU – Núcleo de Estudos do Gênero. Nº. 1. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1993.

DOCUMENTO 1- Alvará encontrado nos arquivos da Prefeitura Local, tirado no nome de uma antiga dona de casa de prostituição.

		PREFEITURA MUNICIPAL DE MONTE ALEGRE DE MINAS ESTADO DE MINAS GERAIS		GUIA DE ARRECADADO – SERVIÇO DE FAZENDA		Local para Pagamento	
EXERCÍCIO 1989		VENCIMENTO 258.1017		INSCRIÇÃO 258.1017		1.ª VIA Recibo	
INSTRUÇÕES Campo 01 - Nome e endereço do contribuinte. Campo 02 - Especificação da incidência. Campo 03 - Autenticação e visto do recebedor. Campo 04 - Preencher os códigos e valores correspondentes às recargas. - Esta guia deverá ser preenchida à máquina. - Esta guia não guila débilis anteriores.							
01 IDENTIFICAÇÃO DO CONTRIBUINTE Nome: <u>TUA ANTONIO AIROS MACHADO Nº283</u> Endereço Corresp.: _____ Endereço do Imóvel: _____							
02 HISTÓRICO ISS. ref. Arrumadeira Autônoma							
03 AUTENTICAÇÃO Na falta de pagamento até o vencimento serão cobrados Juros, Correções e Multas							
EXPEDIÇÃO 07/07/89							
Lang. Cadastrista							
		04 CÓDIGO		VALOR C2S			
		03		4,55			
		30		0,90			
		Total Simples		Multa			
		Juros		Correção Monetária			
		TOTAL A PAGAR		5,45			

DOCUMENTO 2- Alvará encontrado nos arquivos da Prefeitura Local, tirado no nome de uma antiga dona de casa de prostituição.³⁶

³⁶ Ressaltando que os alvarás antecedentes a estas datas foram discenados pela Prefeitura Local.

Foram pequenos trechos que apresentamos a história de casa depoente. Mulheres que entraram para a vida de prostituição, às vezes ainda meninas, sem grau nenhum de maturidade. Sem terem tempo de fazer suas próprias escolhas, nem mesmo condições de escolherem, foram praticamente levadas pela pressão do sistema social em que viveram.

“O sentimento de culpa é tão internalizado que a saída não chega a significar a libertação do estigma e algo temido poderia deixar uma “marca” no mundo de fora.”³⁷

Ao início de cada entrevista nota-se que dentre as depoentes, ao voltarem aos seus passados, deixam uma evasão de sentimentos virem junto com as lembranças. Quando lhes é proposto lembrar o início de suas atividades, são permeadas pelos sentimentos da tristeza, saudades, amarguras dos tempos que passavam muitas dificuldades e também a alegria. A alegria de viver a vida com simplicidade.

Em meio a esta fusão de sentimentos, vão trazendo à tona diferentes histórias de vida, de mulheres comuns que se tornaram as “trabalhadoras do sexo”.

“A identidade da prostituta passa a ser cientificamente concebida em oposições aos papéis de mãe, esposa e avó”.³⁸

Lembrando que estamos trabalhando com a década de 70/80 momentos em que a sociedade vivia o papel da mulher como sendo um objeto agregado a figura masculina, no sentido de dominação e submissão e isso ocorre mesmo de forma subjetiva e sutil, sendo um fato cristalizado por nossa sociedade até momentos atuais.

E devido esta postura do posicionamento da figura homem e mulher, essas reflexões vem ocorrendo em nossas sociedades machistas, onde o sexo masculino vem ocupando uma alta posição da hierarquia social.

Retornando às décadas de 70/80, como seria a posição de uma mulher prostituta para esta época? A mulher prostituta, por algum tempo, carregou a imagem da “mulher moderna”, sendo dona de sua própria vida, tinha liberdade e poder sendo associada a total liberalização dos costumes da sociedade civilizada, difundindo assim uma nova imagem de mulheres onde se quebram os vínculos sociais e multiplicam as práticas sexuais.

Ressaltando que eram criados vários paradigmas com a figura da mulher, como forma de contê-la em seus avanços sociais, como sinônimo de uma “má” deformação da figura feminina e a alimentação do eterno “feminismo”, sendo estereotipada como frágil e submissa, um ser doce dominada pelo homem.

³⁷ MORAES, 1995, p. 83.

³⁸ MORAES, 1995, p. 67.

E ao analisarmos as entrevistas dessas ex-prostitutas, podemos apontar uma outra definição para o campo feminino.

Essas quatro ex-prostitutas rompem um pouco com este feminismo, pois além de se tratar de mulheres fortes e determinadas, algumas se revelam ótimas administradoras, conseguem transpor a figura da mãe e da prostituta como um ser lascivo e denotado por vícios, sem deixar de ser mulher e feminina.

Observamos que houve uma quebra de papéis que envolvem a mulher enquanto sujeito social da história e mais propriamente da mulher prostituta, que carrega um imaginário social de uma personalidade contraditória e ambígua, onde o pecado, o prazer, o vício e a sedução são suas qualidades.

É justamente este estigma que pretendo através desta pesquisa desmistificar e demonstrar o seu inverso. Um grupo marginalizado que na verdade trata-se de mulheres comuns que sonham, lutam e se frustram com os caminhos da vida.

1.3 Prostituição: uma profissão?

*“[...] condenada e estigmatizando a prostituição, quer-se eliminá-la como a uma parte cancerosa.”*³⁹

A prostituição, mesmo sendo considerada como uma das profissões mais antigas do mundo, ainda é passível de muitas discussões e preconceitos. Como Rago⁴⁰ discute em sua obra, os conceitos saturados que esta prática carrega, como uma esfinge conotada pelo mal e o pecado, mas que na realidade, este comportamento social envolve uma série de valores, desde sociais e morais até econômicos.

Como podemos notar, há toda uma construção de estereótipo da mulher prostituta. Isso é algo que se arrasta desde os primórdios da humanidade. Há especialistas que tentam comprovar através da ciência a inferioridade física e mental da mulher prostituta, como se já nascesse predestinada à função.

Mas ao abordamos o assunto temos que nos ater a certos cuidados de não polarizarmos e nem dicotomizar o tema, pois são vários fatores que permeiam o mundo da prostituição.

É também importante ressaltar o desprezo por parte das autoridades públicas em discutir o assunto, relativizando os fatos, como sendo apenas valores morais, desprezando as reais causas que levam as mulheres a se prostituírem.

Não descartando o fato da mulher querer se prostituir, devemos analisar o quanto a questão econômica pesa sobre esta prática.

E ao analisarmos de perto os depoimentos de cada entrevistada, comprovamos o quanto o fator econômico está interligado a esta prática, isso não quer dizer que toda mulher que partiu para a prostituição seja exclusivamente devido a questão financeira, mas em sua grande maioria sim. O que as levam a se prostituírem são as questões econômicas.

[...] o sofrimento, o sofrimento, porque eu trabalhei em lavouras, trabalhei em abrigo, lavava roupa, lavava roupa de um monte de gente, todos os dias, suja, cagada. Ali no abrigo eu lavava roupa cagada, mijada, todo tipo, vomitada, de todo tipo. Já fui pra roça capinar, adubar, cortar milho, com

³⁹ RAGO, Luzia Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991, p. 85.

⁴⁰ RAGO, 1991.

tudo contuá de serviço, de roça, panhá algodão, trabalhei muito e não tive resultado. Era amiga da. Apanhava feito uma mala veia pra sair poeira [...].⁴¹

“Ah! na época eu fui grávida né.”⁴²

Como podemos observar através das falas dessas duas ex-prostitutas, todas foram levadas a se prostituírem devido a questões financeiras, falta de melhores condições de vida e de oportunidades.

E as outras depoentes, Alice e Joana, mesmo não dizendo que foram por questões financeiras, de uma forma indireta, também foram levadas para estas práticas por questões econômicas. Lembrando que ambas vieram de famílias numerosas e humildes, com baixo grau de instrução, vivendo de trabalho doméstico.

Sob esta ótica, podemos dizer que a prostituição sempre existiu, mesmo sendo considerada prática ilícita, acaba havendo uma aceitação por parte da sociedade.

As casas de zonas, juntamente com as mulheres prostitutas, são vistas sob olhares de reprovação, algo desrespeitoso para a moral e bons costumes de uma sociedade. Mas na realidade a sociedade acaba aceitando as zonas de meretrício devido à necessidade de manter uma certa “ordem” da mesma.

“[...] a prostituição numa cidade, numa vila, torna-se uma válvula de segurança social, com especialidade, coibindo vícios no elemento púlvere, varonil e mantendo um certo e determinado equilíbrio na ação popular da localidade”.⁴³

A Monte Alegre da década de 70 não difere de outras cidades, apesar de toda resistência da população a esta prática, as “Zonas de Camboatá” eram aceitas, conquistando assim seu espaço de entretenimento entre os homens.

Apesar das inúmeras dificuldades as Zonas de Camboatá resistiam e tornaram-se lugares onde antigos amigos se encontravam para beber cervejas geladas, comer galinhada, apreciar a dança, enfim se divertirem. Como podemos notar, o entre e sai de fregueses não se resumia na procura por sexo. Havia todo um laço de amizade, diversão e prazer por partes das “meninas” com os fregueses e donas de casas.

[...] homem ia pra lá e eu tomava banho de cerveja, tinha gente que rapava de rodo, da farra né, eu era da farra, achava uma beleza eu era da farra, eu não era novinha, mas eu era da farra, homem não quer saber de mulhé nada não, quer saber da farra, animada [...] Às vezes tinha brigado em casa e

⁴¹ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁴² Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

⁴³ RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p. 87.

queria uma conversa, uma conversa diferente. Queria saber de uma bagunçata [...].⁴⁴

“[...] I, nós fazia a festa. Nós iam pros caminhões, fazer comer. Eu ia né tomar vinho do Porto (risos). Mas era bom, eles gostavam de fazer costela assada, arroz carreteiro [...]”.⁴⁵

Em síntese, prostituição não se enquadra em apenas comercialização de corpos, pois há uma série de questões que envolvem as mulheres prostitutas e sua profissão. Elas ao vender seus corpos, em um primeiro momento estão procurando sua subsistência e conseqüentemente almejam lucros. Por outro lado, elas passam a integrar um mercado latente, gerando assim uma nova camada social, voltada ao mercado consumidor. Sendo assim, essas mulheres convivem na sociedade tanto como “vendedoras” de seus corpos e quanto consumidoras daquilo que nossa sociedade de mercado produz. Isto cria assim, vínculos entre prostitutas e comerciantes da cidade:

“[...]Saía, às vezes duas, às vezes três, saía assim de táxi. Dava uma volta, comprava verduras, comprava carne, fazia compra de roupa né de tudo[...]”.⁴⁶

[...] Eu comprava naquela época muito, no Neném da Loja Popular. Era ali no Hotel Avenida, a lojinha dele, naqueles cômodos que fica ali, tudo ali. Eu comprei uma mala dele, e ia comprando dele. Todo dia ia lá e comprava uma peça, e ia pono na mala, pros meus irmãos, e pra minha família. Todo dia eu comprava uma peça, comprei a mala primeiro, toda vez comprava uma calça, uma blusa, saia, um vestido, pros meus irmãos, pra minha mãe. Quando eu ia a mala tava cheinha de roupa, de três em três meses eu ia lá. Pagar as contas da minha mãe, armazém, farmácia e levar roupas pra eles[...].⁴⁷

“[...] Tinha uma vendedora que ia lá vender pra nós, era de Uberlândia, Dona Valda. Ela vendia tudo pra nós, roupa íntima, Avon, vendia assim roupa normal. Vestidos, aqueles vestidos longos, muito bonito, chic [...]”.⁴⁸

“[...]nóis passavam muito bem. Lanchava de manhã, eu comprava era fardo de açúcar, aqueles sacão de pão... Era três ou quatro quilos de manteiga que vinha do Prata – MG, pra mim, que vinha junto com a cerveja, amarelinha [...]”.⁴⁹

⁴⁴ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁴⁵ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁴⁶ Idem.

⁴⁷ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

[...] Cheguei lá e falei seu Pedro, no homem que eu trabalhava pra ele...o senhor já me alugou a casa fiado para eu pagar com o trabalho eu vim aqui fazer uma coisa com o senhor, ...eu não quero roubar, o senhor me dá uma caixa de cerveja, pra mim começar o meu trabalho...ele enfiou a mão no bolso, vai trabalhar logo...Quando foi no outro dia, eu já tinha dinheiro pra comprar duas, no outro dia eu já tinha dinheiro pra comprar três. No outro dia já tinha dinheiro pra comprar quatro. Assim, foi enchendo a casa de cerveja. No final de contas, so do Prata – MG, eu pegava 25 caixas de cervejas por semana, ainda não dava, eu pegava no Tonho do Moisés, eu pegava no Tião [...].⁵⁰

Através destes depoimentos remetemos nosso pensamento a uma outra lógica, a de mercado consumidor que é criado e alimentado pelas casas de prostituição, com suas prostitutas, ambas tecem uma micro rede de compra e venda com a cidade em que vivem.

“De fato, a nossa prostituição estava voltada exclusivamente, para a subsistência das mulheres. Era uma saída para se tentar evitar a miséria”.⁵¹

Mesmo fazendo essa breve relação dessa ótica do comprar e vender, não podemos resumir a prática da prostituição ou enquadrá-la em uma política da boa vizinhança, pois ela se esbarra em uma série de conceitos e preconceitos cristalizados pela “moral” de uma pequena cidade, onde o preconceito está acima de seus moradores.

Às vezes se percebe nas entrelinhas das entrevistas como as ex-prostitutas eram apontadas e marginalizadas devido suas profissões, mas nem mesmo elas possuem esta consciência de serem estigmatizadas pela sociedade Montealegrense. Por exemplo, a saída para as compras de táxi, a meu ver torna-se uma forma de se autoprotegerem contra os olhares da cidade. A necessidade de comprar e comprar muito, às vezes isso se dava de maneira inconsciente como forma de lhes recompensar algum tipo de frustração e vazio, resultando na discriminação vivenciada por elas.

Ao retomarmos o conceito de prostituição, podemos dizer que há toda uma discussão polêmica em torno desta prática, onde as opiniões se dividem em grupos distintos. Dentre as diversas opiniões que cercam o assunto, podemos ressaltar a de dois grupos que se diferem ao tratar da prostituição. De um lado, há o grupo que vê a prostituição como algo abusivo – sexo em exagero – tornando assim essas mulheres como vítimas da violência e do próprio sistema social. Sob esta ótica, a mulher prostituta fica tachada como sendo um objeto sexual passiva totalmente sem proteção, carente de poder.

⁵⁰ Idem.

⁵¹ FONSECA, Guido. Delegado de Polícia e Professor da Academia de Polícia de São Paulo, História da Prostituição em São Paulo. São Paulo: Resenha Universitária, 1982, p. 131.

De outro lado, estão aqueles que apontam a mulher prostituta como sendo a toda poderosa, as quais se utilizam do sexo como fonte de dominação, tornando-se uma constante ameaça para a sociedade local, pois elas corrompem as leis da moral e dos bons costumes.

A partir destes posicionamentos, podemos dizer que mesmo sendo considerada como uma das “profissões mais antigas”, ainda tem sido uma das mais desprezadas, estigmatizadas, passível de comentários depreciativos.

Lembrando que estamos discutindo a década de 70, momento de pulsantes transformações no mundo, mas onde a figura feminina ainda era um tabu no meio urbano, principalmente em cidades interioranas. Nestas cidades ainda não era comum a presença de mulheres trabalhadoras nas vias públicas, gerando assim um mito desconhecido e despertando medo e atração quanto a sexualidade feminina.

“Certamente, a construção de um modelo de mulher simbolizado pela mãe devotada e inteiro sacrifício, implicou sua completa desvalorização profissional, política e intelectual”.⁵²

Não podemos deixar de registrar aqui as constantes lutas que as feministas travavam para conseguir romper com este ranço da fragilidade e inferioridade criadas para a imagem da mulher, na busca de maior espaço no mercado de trabalho e por direitos iguais.

Esta luta é uma constante agitação que se arrasta ao longo das décadas de 20, 30, 40, 50, objetivando um ingresso da mulher no campo social e político.

O homem no espaço público foi sempre percebido positivamente, através da imagem do trabalhador e do político segundo o ideário liberal. A mulher fora do lar, sobretudo se desacompanhada, precisou prestar muita atenção aos seus gestos, aparência, roupas, pena não ser confundida com a figura dissoluta, excêntrica da prostituta, ‘mulher pública’.⁵³

Historicamente já podemos dizer que as mulheres avançaram, lutaram e conquistaram seu espaço, mas podemos deixar de lado muitas barreiras que ainda precisam ser demolidas. Hoje as mulheres se encontram mais organizadas, unindo forças para lutar por seus direitos, mesmo as mulheres prostitutas estão se organizando, isto ocorre em âmbitos gerais.

E ao falarmos de mulheres, é importante salientar o quanto a imagem da mulher prostituta vem carregada pelo estigma da malandragem, vagabundagem e o alcoolismo, como se ambas as práticas vivessem interligadas. Antes de ser vista e reconhecida como uma

⁵² RAGO, 1985, p. 65.

⁵³ RAGO, 1991, p. 39-40.

prestadora de serviços, era logo igualada ao malandro da noite, aquele que vive de boa vida, fazendo atividades, ilícitas, fora da lei.

As misérias sociais levam as pessoas a práticas que a sociedade condena –moralmente – mas que acaba por aceitá-las na medida em que tais práticas são representativas de lucros, como é o caso da prostituição. Muitas prostitutas integram esta prática devido à baixa condição econômica – meio de sobrevivência. Porém, deve-se destacar, que outras entram neste modo de vida, porque desejam integrar o mercado de consumo. Neste sentido, a sociedade do consumo, onde vivemos, acaba por agravar conflitos econômicos, sociais e morais, na medida em que nos leva a assumir práticas passíveis de condenações, geradas por juízo de valores, que são criadas em meio à sociedade marcada pela contradição – como é a sociedade capitalista.

Como já foi abordado no texto anterior, todas as depoentes desta pesquisa foram praticamente empurradas para esta profissão como meio de sobrevivência e conseqüentemente para ajudar seus familiares. Percebe-se que às vezes nem tiveram tempo e chance de outras oportunidades para seguirem os caminhos de suas vidas, entrando assim para o mundo da prostituição e nele permanecendo por algum tempo.

O processo histórico nos evidencia que a miséria, prostituição e a malandragem sempre existiram e, portanto, reforça a historicidade dos fatos sociais os quais evidenciam que estas questões referem-se a um problema social de cada região e não se enquadra em apenas preceitos morais. E com a exarcebação do sistema capitalista em que vivemos, acelera ainda mais o processo, levando todo o sistema social a caminhar para uma miséria de valores absoluta.

Nesta problemática, a prostituição vem como um reflexo do sistema capitalista, o qual aumenta ainda mais os altos índices de miséria e exploração.

Onde não há emprego para todos, tem-se uma massa de desempregados sendo empurrados para o grupo da reserva, como já é próprio do sistema, gerando assim mais trabalhadores do que postos de trabalhos, tendo que sobreviver à margem do sistema. Sob estas condições são enquadrados de malandros e vagabundos, quando na realidade, são apenas frutos do próprio sistema em que vivem.

A condição das prostitutas não se difere muito daquela do malandro, pois antes de conquistarem o título de trabalhadoras do sexo, estavam enquadradas no mesmo grupo-malandragem.

Nestes parâmetros podemos afirmar que houve mudanças, pois as prostitutas do século XXI já conquistaram seu título de trabalhadoras, mesmo que carreguem um sentido

pejorativo neste termo. Os seus espaços estão sendo demarcados e respeitados. Agora o momento presencia uma quebra de valores morais e éticos, onde os vínculos sociais são impregnados por novas práticas sexuais, tendo a frente à figura de mulheres que comercializam seus corpos, despidos de prazer e amor.

Como já foi dito, não podemos dicotomizar o assunto e, nem sermos romancistas. Nesse sentido, a prostituição, mesmo sendo uma das “profissões mais antigas”, é um ofício considerado desprezível e ainda é vista como uma classe pertencente ao sub-mundo da vadiagem, ilícita, totalmente condenável à pessoa de boa índole – mesmo com a luta de alguns legisladores para reconhecer e regularizar o ofício no Brasil.

Pensar a prostituição como uma profissão, nos termos da Legislação, ainda há várias dúvidas e incertezas, pois o que rege o Código Civil ainda é muito obscuro e falho. Não há um reconhecimento oficial da prostituição como profissão, mas também, por outro lado, a prática não é considerada crime. No entanto, nas entrelinhas é tida como crime para quem favorece a sua prática, sua exploração ou lenocínio, e por isso é considerada, pelo Código Penal no capítulo V, artigo 227 a 231, como crime.⁵⁴

Porém, na realidade quem sempre acaba sendo penalizada são as prostitutas. Estas sim, vão para as delegacias e as vezes são até impedidas de exercerem seus trabalhos.

A partir dos processos encontrados na Comarca de Monte Alegre de Minas poderemos demonstrar de forma mais objetiva como eram tratados os casos referentes à prostituição/rufianismo. É interessante observar que os documentos são recentes e envolvem algumas ex-prostitutas que são depoentes desta pesquisa – no entanto são processos – redigidos em uma linguagem reacionária e preconceituosa, onde as prostitutas são conectadas por um sentido pejorativo.

O primeiro processo extraído dos Autos nº 735/91, movido pela Justiça Pública, onde os Réus são o senhor Aguiloar e Enilça, o primeiro como dono de casa de prostituição e a segunda com corruptora de menores e a vítima um menor.

⁵⁴ DJi – Índice Fundamental do Direito. Código Penal- CP-DL-002.848-1940. Parte Especial – Título VI – Dos crimes contra os costumes. Capítulo V – Do Lenocínio e do Tráfico de Pessoas. Disponível em <http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp227a232.htm>. Acesso em: 02 dez. 2006.



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
COMARCA DE MONTE ALEGRE DE MINAS
GABINETE DO JUIZ DE DIREITO



AUTOS Nº 735/91 : AÇÃO PENAL
AUTORA : A JUSTIÇA PÚBLICA
RÉUS :
VÍTIMA :
INFRAÇÃO : CORRUPÇÃO DE MENORES c/c
CASA DE PROSTITUIÇÃO

RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO

Vistos, etc.

ambos já qualificados na inicial, foram denunciados pelo r. do Ministério Público como incurso nas sanções dos arts. 229, 218 c/c art. 61, I, na forma do art. 29 (O PRIMEIRO), e art. 218 c/c art. 71 (A SEGUNDA), todos do Código Penal, porque esta manteve relações sexuais várias com o menor e vítima Adinam Monteiro da Cunha, contando com a colaboração daquele, que mantém uma casa de prostituição nesta Urbe, na Rua dos Trabalhadores, 440, local conhecido por "Barranco".

A peça vestibular achou-se embasada no investigatório policial de fls. 04/28.

Presos em flagrante delito, livraram-se soltos, mediante prestação de fiança, conforme autos em apenso.

Recebida a denúncia, foram os denunciados citados (fl. 34-v) e interrogados (fls. 36/37), ocasião em que disseram ter defensora contratada, que não desejou ofertar defesa prévia, reservando-se para o final (fl. 41).

No sumário, inquiridas foram as testemunhas de acusação (fls. 45 e 47), a vítima (fl. 44), com uma dispensa.

Antecedentes criminais juntos as fls. 27/29.

Em suas alegações finais, pugna o zeloso r.

“[...] porque esta manteve relações sexuais várias com o menor e vítima Rodrigo, contando com a colaboração daquele que mantém uma casa de prostituição nesta Urbe [...]”⁵⁵

Neste processo percebe como é tratada a mulher prostituta no Brasil. A lei não lhe garante um aparato, pois esta prostituta está sendo acusada de corromper um menor que, pelo desenrolar do processo fica evidente que ele havia tido outras relações sexuais e sem contar que ela estava em seu local de trabalho.

[...]foi o próprio depoente quem convidou-a para a prática sexual [...] Ora, com isso, percebe-se clara e limpidamente, que o mesmo já era pessoa conhecedora das coisas de sexo, não havendo que se falar com ‘Corrupção De Menor’, porquanto, como bem leciona o insigne Celso Delmanto [...].⁵⁶

Como está descrito no processo, o rapaz já era conhecedor das práticas sexuais e logo foi ele que encaminhou-se até uma casa de prostituição e procurou os serviços de uma trabalhadora do sexo. Mesmo sabendo que na legislação brasileira ter relações sexuais com criança e adolescente é crime, ambos mantiveram relações sexuais por mais de uma vez. Isso acarretou à ré um processo por atender o menor.

“Ora, ‘in casu’, fora o próprio menor quem fez o invite à mudança. Nesse sentido, a jurisprudência mansa e pacífica em nossos tribunais é de que [...]”⁵⁷

A prostituta Enilça neste trecho ganha o adjetivo de mundana, uma mulher que exerce a profissão de prostituta. Mesmo sendo uma das profissões mais antigas, ainda não há seu reconhecimento, porque esse sentido pejorativo de “mundana”, remete a uma visão negativa de seu trabalho, e de sua função na sociedade. Por isso, ao taxá-la de mundana, o objetivo é denegrir sua imagem, negando sua condição de trabalhadora. Ainda mais em um processo público, onde a lei máxima que regi todos perante a lei é igual e deve ser respeitada. Outro aspecto interessante que refere a conduta da prostituta Enilça, retirado do auto de prisão em flagrante às fls.06.V., diz:

A própria denunciada confessa tranqüilamente a autoria do delito praticado, demonstrando uma total falta de princípios éticos e sociais, trazendo um menor para o seu leito, por onde passa diversos homens, corrompendo totalmente o mesmo, em face de sua idade e de seu comportamento de

⁵⁵ Autos nº 735/91, 1ª vara criminal de 01 julho de 1992. Fórum da Comarca de Monte Alegre de Minas, p. 57.

⁵⁶ Autos nº 735/91, op. cit., p. 58.

⁵⁷ Autos nº 735/91, op. cit., p. 59.

criança, dando-nos a certeza de sua prática sexual com o menor, bem como sua corrupção em consequência.⁵⁸

Neste parágrafo, fica claro a falta de preparo técnico das delegacias públicas em lidar com o caso de prostituição. Percebe-se também nas entrelinhas destes documentos um certo preconceito em relação à mulher e à mulher prostituta, pois voltamos à tese: mesmo sendo uma das profissões mais antigas, não há reconhecimento algum e nem o aparato da justiça. Tornando-se difícil para estas mulheres se organizarem judicialmente, politicamente e até mesmo economicamente dizendo.

No processo, onde se refere a prostituta Enilça, há uma narração extremamente preconceituosa contra a mulher prostituta. Esta recebe inúmeras críticas em relação a sua profissão, tornando-se sua vida exposta e pública.

“A mulher origem do mal e da infelicidade, potência noturna, força das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno da ordem e da razão lúcida”.⁵⁹

O mais interessante é que a própria situação fez com que a acusada se sinta constrangida com sua profissão. Neste momento percebe-se o quanto o nosso país está imaturo para lidar com questões sociais e morais, pois a prostituição é um fato contundente, do conhecimento de todos, e para isso precisamos de pessoas para realizar tais tarefas e mais que lógico deveria ter o reconhecimento e o aparato de nosso Código Penal e não fazer com que as mulheres se sintam mais constrangidas e depreciadas do que já estejam. A prostituição não se trata de “vida fácil”, muito pelo contrário, além das inúmeras dificuldades que vão enfrentando no dia-a-dia, ainda tem que lutar contra a barreira do preconceito e da exclusão social.

[...] considerada uma atividade remunerada ilegítima, é inserida na categoria de desordem social que compreendendo desde a noção de delito até a noção de crime, classifica a prostituta entre os tipos considerados socialmente doentes, tais como o mendigo, o vagabundo, o vadio, o capoeiro, o jogador, o bêbado, o ratoneiro, o estelionatário, o ladrão, o malfeitor e o criminoso.⁶⁰

E como meio de defesa da prostituta Enilça, sua advogada pede-lhe a absolvição, alegando uma defesa pautada no arrependimento e no pudor de ser uma prostituta:

⁵⁸ Autos nº 735/91, op. cit., p. 50.

⁵⁹ PERROT, 1988, p. 168.

⁶⁰ ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores, saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989, p. 94.

A defesa espera a mais lidima justiça, no caso da acusada Enilça, uma vez que é primária, e infelizmente, no mundo da prostituição, ainda não encontrou alguém que possa tirá-la de lá, dando-lhe um lar digno ou uma profissão sadia. A sua absolvição é imperativo da lei, pois não corrompeu ninguém.⁶¹

Em todo o desenrolar do processo, a prostituta fica exposta como sendo um ser totalmente desajustada, perante os “princípios éticos” da comunidade montealegrense, induzindo-a sentir uma criatura fora de nossos conceitos morais, que pede perdão à justiça pela profissão “doente”, pois espera que alguém lhe tire da vida e dê-lhe uma “profissão sadia”.

Como podemos perceber a profissão “prostituta” ainda se trata de um tabu, sabemos de sua existência e necessidade, mas não admitimos e nem respeitamos, e ainda alimentamos um forte preconceito, fazendo com que sintam a indiferença e a exclusão. Nesse sentido, são levadas a sentirem vergonha de si mesmas e da situação em que vivem e trabalham.

“Apenas na literatura feminina, a prostituta traduz um ideal de libertação social e sexual da mulher [...]”.⁶²

A imagem da mulher prostituta fica associada a duas esferas, como Rago expõe, a da mulher fatal ou cai na da vítima, e isto está expresso em qualquer situação em que as envolvam, é como se já houvesse um modelo pré-determinado para classificar as mulheres prostitutas.

Fazendo um recorte entre esse conceito levantado por Rago ao caso da prostituta Enilça, acaba-se chegando a esta mesma conclusão, pois o processo inicia-se como ela sendo uma mulher fatal que atrai vários homens para sua cama, corrompendo assim a boa sociedade montealegrense. E por outro lado, a defesa se arma com argumentos de que a Ré é nada mais que uma vítima do sistema, onde ela não tem culpa de estar na vida que se encontra, portanto, cai-se na dicotomia da destruidora ou da vítima.

É nesse sentido que trabalho com as ex-prostitutas, procurando no seu íntimo, deixando aflorar por si só como se sentiam em relação a prostituição, era uma profissão ou não. Assim foi feita a pergunta para cada uma delas:

[...] o lugar é igual um trabalho, igual eu tô ti falando, eu toda vida eu considere com um serviço mesmo. É um trabalho, um local de trabalho sabe: Igual como fala, arruma um serviço aí, serviço não é bom, mas você não tem que trabalhar, então é um local de serviço[...]Todavia eu puis aquele

⁶¹ Autos nº 735/91, op. cit., p. 55.

⁶² RAGO, 1991, p. 201.

ramo de, né, como se diz a prostituição pra mim, eu puis como ramo de negócio, trabalho não é porque é bom ganhar o gaiofar, farriar, não é nada é porque é o único serviço que eu encontrei, foi esse né [...].⁶³

“[...] Cada um trabalho naquilo que quer, aquilo é um trabalho [...] Era nosso ramo, nosso negocio, ganha pão [...]”.⁶⁴

[...] Fazia parte, porque assim a gente ficava lá e ganhava dinheiro, né, igual eu, ganhava dinheiro né. Achava como uma profissão, por exemplo, a gente entrava nos quartos né, com freguês né, não sentia nada. Não podia apaixonar. Nois não podia ter um enrolado, as mulher danava: “Não pode ter enrolado não”, enrolou acabou com a vida, acaba a vida né. Os freguês não gostava que a gente enrolava, que tivesse um amor por exemplo [...] Como se diz, tipo assim era só uma coisa de um serviço, um trabalho. Mesma coisa de você ta vendendo uma calça, uma blusa, ta vendendo. A gente sentia nada né, com aqueles fregueses que ficava [...].⁶⁵

“[...] É uma profissão, mas é uma fraqueza que tudo pode viver sem isso. Entendeu, acho que é uma fraqueza, uma falta de coragem de lutar, mas é um profissão [...]”.⁶⁶

Ao analisar o depoimento de cada ex-prostituta desta pesquisa, percebe-se uma certa insegurança ao falar da questão da prostituição como sendo uma profissão. Todas as quatro disseram e afirmaram ser uma profissão, mas nas entrelinhas deixam transparecer dúvidas e incertezas quanto seus trabalhos.

Essas questões estão arraigadas em nossa cultura, sendo arrolada para o grupo dos marginalizados sociais, se houvesse uma maior participação do Estado como forma de legalizar, a situação dessas trabalhadoras. Talvez estas precisariam passar pelo constrangimento de provar e criar justificativas de suas profissões. Pois seriam questões constitucionais e não morais.

Agora quanto ao rufianismo e a manutenção de casa prostituição é considerada crime no artigo 229 e 230 c/ o art. 69, dentro de nosso Código Penal.

Como já foi citado anteriormente, os dois processos encontrados na Comarca de Monte Alegre é justamente a Justiça Pública denunciando donos de casa de prostituição e rufianismo. No primeiro os Autos de nº 735/91, vem denunciando o senhor Aguilóar Gomes de Miranda como mantenedor de uma casa de prostituição e de rufianismo:

⁶³ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁶⁴ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁶⁵ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

⁶⁶ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

[...] Em seu interrogatório judicial, o denunciado Aguilvar confessa que, realmente, [...] Mantém uma casa de tolerância...há doze (12) anos, aproximadamente. [...] Mas que: O município de Monte Alegre sempre forneceu licença para o funcionamento da aludida casa de tolerância, além do que, ‘A polícia militar sempre faz ronda na aludida casa da tolerância’.⁶⁷

Neste processo o senhor Aguilvar está sendo acusado e julgado por manter casa de prostituição. Mas neste momento fica uma contradição por parte da Justiça, pois como processar alguém por manter casa de prostituição sendo que a Prefeitura local, juntamente com a polícia militar, fornece alvarás, e faz o serviço de ronda no local a tanto tempo sem criar obstáculos, tornando-se uma prática normal ou melhor legalizada até então ser denunciada pela justiça pública?

“Não se configura o crime do art. 229 se a casa de prostituição funciona as claras, com o conhecimento das autoridades.”⁶⁸

O juiz substituto da época julgou improcedente a denúncia, absolvendo assim os acusados, que no caso era o senhor Aguilvar e Enilça. Mas como julgaria procedente esta causa, sendo algo ilegal, mas com o total apoio da Prefeitura local e os militares da cidade?

É interessante observar que mesmo sabendo que é proibido a manutenção de casas de prostituição a Prefeitura cobrava alvarás das “Casas de Diversões”, e por isso recebia tributos em cima de algo ilegal mas que se tornava legal a medida que recebia por elas.

Já o segundo processo também julgado na mesma época traz seis donas de casas de prostituição, inclusive algumas são as ex-prostitutas que trabalho nesta pesquisa.

Os Autos de nº 370/90 vem como autora a Justiça Pública acusando o senhor Aguilvar e outras cinco mulheres, todos donas de casas de prostituição com rufianismo:

⁶⁷ Autos nº 735/91, op. cit., p. 60.

⁶⁸ Idem.

SECRETARIA JUDICIÁRIA | TERMO DE

1º MS



PODER JUDICIÁRIO DO ESTADO DE MINAS GERAIS
COMARCA DE MONTE ALEGRE DE MINAS
GABINETE DO JUIZ DE DIREITO




AUTOS Nº 370/90 : AÇÃO PENAL

AUTORA : A JUSTIÇA PÚBLICA

RÉUS

INFRAÇÃO : CASA DE PROSTITUIÇÃO c/c RUFIANISMO

Vistos etc...

A todos devidamente qualificados na exordial, foram denunciados e incursados pelo Promotor de Justiça como incidente nas iras dos artigos 229 e 230, c/c o art. 69, todos do Código Penal, porque 'estariam eles mantendo várias casas de prostituição nesta Cidade, na região conhecida por "Barranco", auferindo ganhos pecuniários' da exploração das mundanas que lá residem, muitas delas, inclusive, menores já moralmente corrompidas.

A inicial veio lastreada nas investigações policiais de fls. 03/52, 54/60, 62 e 64.

Recebida, foram os denunciados regularmente citados (fl. 66-v) e submetidos a interrogatórios (fls. 67/73), o oportunidade em que disseram ter condições de contratarem advogados.

Defesas prévias e respectivos mandados as fls. 75/78 e 80/88, com juntada de um documento (fl. 89).

Antecedentes criminais e certidões cartorárias locais, respectivamente, as fls. 55/57, 59/60, 62 e 91/93.

Todos devidamente qualificados na exordial, foram denunciados e incurrados pelo Promotor de Justiça com incidente na iras dos artigos 229 e 230, c/c p art. 69, todos do Código Penal, porque estariam elas mantendo várias casas de prostituição nesta cidade, na região conhecida por “Barranco”, auferindo ganhos pecuniários da exploração das mundanas que lá residem, muitas delas, inclusive menores, já moralmente corrompidas.⁶⁹

Essas mulheres que estavam sendo acusadas também exerciam os trabalhos de prostitutas junto com suas meninas, apenas uma, não era mais trabalhadora do sexo, pois já havia abandonado o trabalho, para viver com o companheiro e o filho, mas continuava mantendo a casa através de uma gerente.

Com o desenrolar do processo, mais uma vez vem a tona a questão da liberação da Prefeitura juntamente com a Polícia Militar.

Afirmaram, também que é do conhecimento das autoridades administrativa e policial a existência de tais casas, sendo certo, inclusive, que a Prefeitura Municipal local concedia alvarás para funcionamento, sob a rubrica de casas de diversões (fl. 89), além de a polícia, quase todos os dias, comparecer e fiscalizar os seus locais de funcionamento. Até mesmo o escrivão da Delegacia de Polícia lá ia!⁷⁰

Subentende que a Prefeitura, emitindo alvarás para este tipo de estabelecimento, a polícia militar fazendo rondas e visitas noturnas, estava tudo certo, dentro dos padrões da lei, ninguém estaria agindo na ilegalidade, portanto fica improcedente as acusações.

Mas como já havia sido ressaltado anteriormente, como estes processos são recentes para a história e ao mesmo tempo são metódicos e arcaicos em seu linguajar;

“Exploração das mundanas que lá residem, muitas delas, inclusive, menores já moralmente corrompidas”.⁷¹

O termo “exploração das mundanas” ainda que haja uma certa exploração das mulheres prostitutas revela o preconceito e mesmo a dificuldade em dar-lhe os adjetivos certos. E se for como forma de preservá-las, estará contribuindo ainda mais para a alimentação do preconceito contra essas trabalhadoras. A verdade é que são prostitutas e ponto final, não há o porquê de qualificá-las de “mundanas”, “corrompidas”, esses sim são adjetivos pejorativos que desviam o foco da realidade.

⁶⁹ Autos nº 370/90, 1ª vara criminal de 23 de out. 1990. Fórum da Comarca de Monte Alegre de Minas, p. 143.

⁷⁰ Autos nº 370/90, op. cit., p. 145.

⁷¹ Autos nº 370/90, op. cit., p. 143.

O mais estranho é de encontrar esse tipo de conceito em processo redigido pela Secretaria Judiciária, onde deveria haver uma defesa dos direitos humanos, e não contribuir ainda mais para a nodoa do preconceito social.

Em arremate, tanto os acusados, quanto as mundanas que prestaram depoimento, esclarecem que paga-se uma taxa para custeio e ajuda na alimentação e energia elétrica, sendo que, dos “clientes”, é cobrado um valor a título de aluguel, pela utilização do quarto, além da mercadoria de bebidas.⁷²

Ao ler esses parágrafos, remetemos nosso pensamento a uma outra esfera, como se não estivéssemos lidando com pessoas e sim objetos e coisas: “quanto as mundanas que prestaram depoimentos”.

Por que não chamá-las de prostitutas, em vez de “mundanas” como se fossem meros objetos, coisas que estavam ali mórbidas no espaço, retirando delas a condição de agentes históricas.

É estarrecedor a Justiça, em pleno século XX, tratar seres humanos preconceituosamente por termos pejorativos, que desrespeita e desqualifica suas profissões, contribuindo ainda mais para fomentar o preconceito contra as mulheres prostitutas.

Como se pode observar, tanto o primeiro quanto o segundo processo foram julgados improcedentes pelo Juiz substituto da época - Walter Mendes.

Mas ao final do segundo processo “Em conclusão” o Promotor de Justiça, Dr. Jadir Cirqueira de Souza, não concordando com a improcedência das denúncias argumenta:

Quando o Poder Judiciário, a meu modesto entendimento, deixa de aplicar a lei, ficamos deveras preocupados, pois esta é o escudo do Estado de Direito em que vivemos. É necessário unirmos nossos esforços no sentido de impedir a proliferação da prostituição, que só tem causado um profundo abalo, na moralidade de nossa sociedade. Não condenamos a prostituta, pois bem sabemos que seu exercício, é reprovável sob o ponto de vista moral, mas não o é sob o ponto de vista jurídico.⁷³

Essas palavras do promotor de justiça nos faz repensar a questão da prostituição em nosso país. Quando ele fala em “impedir a proliferação da prostituição” desde que seja feito um trabalho social, melhorando as condições de vida da população, tanto em níveis sociais, econômicos e cultural e não contribuindo ainda mais para a exclusão e marginalização dos

⁷² Autos nº 370/90, op. cit., p. 146.

⁷³ Autos nº 370/90, op. cit., p. 147.

diferentes grupos sociais, enfim dando subsídios para que possam ter qualidade de vida, construindo uma sociedade mais justa que respeita as diferenças do outro.

Agora apontar a prostituição como sendo um “abalo na moralidade” de nossas sociedades, já é uma forma de preconceito, pois sabemos os inúmeros problemas enfrentados pelas prostitutas, mas não é essa prática que abala uma sociedade e sim o selvagem sistema capitalista em que vivemos, o qual gera milhões de desempregados, levados ao caos social da miséria em todos os sentidos, e a prostituição nada mais é que um fruto desse sistema.

Outro fato interessante é apontar que moralmente as prostitutas são reprovadas, mas que judicialmente não são. Aqui se aplica a lei dos dois pesos e duas medidas, moralmente já são julgadas e estigmatizadas por toda a sociedade, são consideradas o verdadeiro Cancro da sociedade e, portanto irão carregar este peso pelo resto de suas vidas. Mas por outro lado, a justiça não as condena, apenas as ignora, pois são qualificadas por diferentes termos como “mudanças” e outros. Isso é uma forma de demonstrar o respeito e a não condenação de suas profissões, como se as respeitassem, mas ao longo do processo fica explicito a total falta de respeito e dignidade para com as mulheres prostitutas.

Voltamos a velha questão: prostituição é um profissão ou não? Como penalizar esta profissão baseando-se em apenas preceitos morais e por outro lado, como ficam os direitos humanos? As pessoas têm o livre arbítrio para escolher seus caminhos?

E como Fonseca discute em sua obra ⁷⁴, a prostituição está centrada como um eixo onde se envolve uma série de questões, além dos preceitos morais e culturais, econômicos e até mesmo políticos.

A partir de todas estas problemáticas que envolvem a prostituição e seus malefícios, há um projeto de lei instituído pelo Deputado Fernando Gabeira (PV) ⁷⁵, onde ele propõe a legalização das prostitutas, criando artigos que lhes protegessem, dando o aparato da justiça. E como forma de uma maior aceitação deste projeto ele já introduz em suas discussões um fato polêmico: o de deixarmos o falso moralismo de lado e analisarmos os fatos com maior precisão, pois “Prostituição” é uma profissão que já existe a milhões de anos, tem seu papel social na sociedade, portanto, precisa ser reconhecida e protegida pela lei, sem essa estigmatização dos preceitos morais.

Através desse projeto de lei do Deputado Fernando Gabeira (PV) as prostitutas contariam com os mesmos direitos trabalhistas, resultando assim em uma forma de melhoria

⁷⁴ FONSECA, 1982.

⁷⁵ GABEIRA, Fernando. PL 98/2003 – Prostituição. Câmara dos Deputados, Sala da Comissão, Brasília, 26 set. 2003. Disponível em: < <http://www.gabeira.com.br/noticias/noticia.asp?id=970>>. Acesso em: 03 dez. 2006.

de vida para esta camada da sociedade de uma outra forma eliminaria os cafetões e as agências de aliciadoras de mulheres prostitutas, pois deixariam a ilegalidade tornando-se atividades lícitas, contando com os benefícios da Lei.

Como a prostituição tem caminhos estreitos com a marginalidade, o presente projeto de Lei prevê com sua legalização uma dissolução desses resquícios de criminalidade, pois estará tirando-a do submundo da ilegalidade para a legalidade, tornando-se uma profissão reconhecida com direitos e deveres, rompendo assim as ligações com o mundo da malandragem.

O projeto de Lei do Deputado Fernando Gabeira não visa só a legalização da prostituição em si, tem como uma maior preocupação acabar com os rufiões, ou seja, pessoas que vivem exclusivamente de proveitos e lucros de quem exerce a prostituição.

Em um primeiro momento, este projeto de lei do Deputado Fernando Gabeira (PV), nos parece uma excelente idéia, como se a situação das mulheres prostitutas no Brasil fosse se resolver, e assim toda a sociedade ganharia com isto. Mas a realidade em que as mulheres prostitutas se encontram exige bem mais do que serem reconhecidas como as trabalhadoras do sexo, pois não são todas as mulheres que estão disponíveis a assumir publicamente a identidade de prostituta, e ainda mais se aposentar como tal.

Como podemos notar, o projeto de Lei do Deputado Fernando Gabeira (PV) se esbarra em questões sociais mais profundas.

Antes de se discutir legalidade, nos deparamos com a dura barreira do preconceito, o que reflete de forma geral, tanto quanto no que a sociedade pensa sobre as prostitutas e estas sobre si mesmas.

Neste momento podemos traçar um paralelo entre as prostitutas e a situação do negro no Brasil. Assinaram a abolição da escravidão, mas não inseriram o negro da sociedade. Enquanto a mulher prostituta, criaram um estatuto de lei que lhes asseguraram direitos, mas será que esta mulher estará conquistando seu espaço e autonomia para ser reconhecida como uma trabalhadora qualquer? Ou apenas estaremos contribuindo para a criação de artigos e leis que regem direitos iguais, mas que na realidade as coisas funcionam de outras maneiras.

Em outras palavras, será que a criação de uma lei que lhes assegura direitos e deveres, não é apenas mais uma forma de integrá-las (economicamente), mas continuar marginalizando-as, tal como o faz com os negros – finge que os aceita enquanto iguais, ou simplesmente os classifica como diferente (exótico).

Capítulo 2

LEMBRANÇAS DA NOITE

2.1 A Dama da Noite

Este capítulo tem por objetivo maior resgatar as vivências e cotidiano das moradoras de Camboatá, como eram essas mulheres que viveram o estereotipo do pecado e da moral. E como eram representadas pela população montealegrense e pelos os órgãos públicos.

É interessante observar que no desenrolar das entrevistas, quando elas reconstroem a memória do que foram os salões, elas enfatizam um olhar no qual mulheres e homens se encontram em um mesmo nível, ou às vezes até se vêem em um patamar superior, pois ali reinam e comandam a situação. O homem vem em segundo plano. Ele está à procura de uma “mercadoria” e vem disposto a pagar por ela, tornando assim a sua situação circunstancialmente frágil e dependente.

Ao perguntarmos para as ex-prostitutas como eram os seus freqüentadores, logo elas nos respondem, dentre solteiros e casados, ambos freqüentavam os salões. Continuando a pergunta sobre o que elas pensam: o que levavam esses homens casados a procurarem por elas?

“[...] Ia muito casado, às vezes muitos ia só pra trocar idéias. Trocar idéias de alguma coisa que a esposa não houve né. E as vezes a gente fica atenta pra ouvir né. A gente tem ouvido e tem que ouvir né [...]”.⁷⁶

[...] Ia, ia muitos casados. As vezes tinha brigado em casa e queria uma conversa, uma conversa diferente. Queria saber de uma bagunça, tá. Queria uma conversa diferente, eles gostavam de mim, pra isso. Porque eu era mais velha né, às vezes as meninas respondiam a mãezinha ta tomando banho, o que se quê com ela? Não, eu quero é ela. Vamo tomá uma cerveja, não eu quero é a Valdete, porque você quer a mãezinha? Ah! porque eu tenho um assunto particular. Aí eu saía do banho, arrumava né. Aí “oi tá bom?” e coisa e tal. Pede cerveja pra nois Valdete, eu quero sentar numa mesa lá no cantinho, agora, só nois dois, nois tem um assunto importante. Aí eu ia dava conselho, ele saía de lá beleza. E voltava de boa pra casa. E eu também nunca seduzi homem de ninguém, nunca, nunca, nunca [...]”.⁷⁷

⁷⁶ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁷⁷ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

Há uma série de questões que estão interligadas a estes fatos, o porquê de tantos homens procurarem as mulheres prostitutas para se desabafarem ou até mesmo com intuito de trocar idéias. Primeiramente há o imaginário de que os freqüentadores de um prostíbulo só vão até lá para se saciarem sexualmente. Mas pelas narrativas contadas, isso não é o que sempre ocorria. Vários outros aspectos que estão interligados, desde o sexo, amizade, bebida e por último o lazer e a descontração.

Mas o que levaria os homens “respeitáveis” a buscar o baixo meretrício? Uma atração pelo abismo, pelo desejo de sair de si, de perder-se e escapar dos limites de sua classe no contato com a margem? Qual o encanto do baixo meretrício? Um desejo de humilhação ou auto-flagelação, como sugere Bataille?⁷⁸

Outro aspecto que fora destacado é o quanto os homens criam e mantêm um certo respeito pelas donas da casa. Alguns chegam a desenvolver com estas uma relação de respeito, carinho e até uma certa admiração. As autoras Rago e Moraes ressaltam essas questões do poder da cafetina, e como elas demarcavam seus territórios, ficando logo popularmente conhecidas, admiradas e afamadas entre a sua clientela. Tornava-se sinônimo de mulher, artista, inteligente, de pulso forte, geralmente com grande poder de administração. E nesse sentido, esse tipo de mulher acaba que de forma indireta fragilizando os homens, por isso a grande procura pelas donas da casa e não outra prostituta qualquer.

“A cafetina era considerada mais culta, mais educada e mais refinada do que as outras mulheres, sua imagem era de ostentação e luxo e se tinha por costume chamá-la de “madame”.⁷⁹

Mas também, não podemos enquadrar o perfil dos fregueses de Camboatá nestas únicas características, pois sabemos que as casas viviam cheias. E muitos deles iam até lá para se divertirem entre jogatinas, a bebida, com tira-gosto, enfim o encontro com os amigos a procura de diversão. Seus freqüentadores são das mais diversas camadas sociais, e a noite para estes homens surgia como um troféu, após um longo dia de trabalho. Nas Zonas de Camboatá, havia um espaço reservado para a diversão, onde os bailes atravessavam a noite inteira, regados por comidas, bebidas, dança e muitas mulheres.

E ao reabrir as portas dos salões de suas lembranças, as nossas depoentes descrevem um pouco como era a vida noturna dentro das Zonas de Camboatá.

⁷⁸ RAGO, 1991, p. 245.

⁷⁹ MORAES, 1995, p. 157.

“Uma ambígua rede de solidariedade e pequenas rivalidades, competições e manifestações de amizades marcam, assim, a subcultura da prostituição.”⁸⁰

Dentre as moradoras e freqüentadores das Zonas de Camboatá, estes acabavam criando laços de amizade onde conviviam como sendo pessoas familiares umas com as outras.

Apartir de seus depoimentos, tentaremos entender como se davam as relações entre as mulheres prostitutas e ex-fregueses durante as noites.

O mesmo de sempre, beber, tiver carne nois comia, galinha com arroz, nois fazia. Chegava galinha qualquer hora da madrugada, nos tava matando, fazendo e comendo, carne picadinho, porção, era o que chegasse. costume o mesmo, beber, comer, o que chegar nois tá comendo, bebendo, era assim [...] Ouvia, sertaneja, era Milionário, antigo né... Dalvam, som de vitrola. Punha toca fita de carro também, punha pra funcionar na bateria. Ah! eu era uma bailarina. Eu tanto dançava pra mim, era, tava passando o tempo (risos) [...] Atendia normal. Mas muitas não gostavam não. Agora eu preferia pobre, porque eu falava pra elas, não gosto de rico, gosto de pobrezinho. Porque não explorar ele também, não sendo casado, sendo solteiro, pobrezinho, que tem aquela necessidade, por exemplo de ter uma companheira naquele momento [...].⁸¹

Oh! de diversos tipos né, de tudo, preto, branco, aleijado, eu bebia até com aleijado. Pra mim não interessava. Cadeira de roda, teve um dia que eu pui uns cinco arredor de mim, tudo de cadeira de roda. Dos mais feliz, tudo mundo enfiou a mão no bolso e pagou [...] Assim, foi enchendo a casa de cerveja, gente lá dentro. No final de contas, só do Prata – MG, eu pegava 25 caixas de cerveja por semana, ainda não dava, eu pegava no Tonho do Moises, eu pegava no Tião [...] Música, tocava, dançava, pintava e bordava, beleza, gritava...(risadas) Ah! nossa, ouvia era tudo, cantava muito, chegava um e falava quero ouvir música assim, assim, ia lá e trocava. Tinha disco, tinha fita, punha fita por um lado, por outro e assim por diante [...].⁸²

Através da fala desta depoente, podemos imaginar um pouco como era a vida noturna das moradoras de Camboatá. Entre o entra e sai dos fregueses os costumes eram os mesmos, conservando uma espécie de cultura, onde as noites são regadas de bebidas, comidas e conversas e mulheres e muito sexo.

A música era marca registrada nas noites festivas. Outro fato interessante que vale ressaltar é que as mulheres tinham seus métodos para aumentar os lucros. Em noite de casa cheia, sempre que possível, matavam uma galinha velha, com intuito de passar a noite inteira cozinhando ela. Enquanto seu cozido não ficasse pronto, os fregueses nos embalos da moda

⁸⁰ RAGO, 1991, p. 225.

⁸¹ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁸² Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

sertaneja iam bebendo e aumentando suas contas. No final da noite vendiam seus estoques de bebida e a galinha às vezes nem sempre ficava pronta.

O interessante é observar a partir das entrevistas de Alice e Rosa, como elas mantinham uma lealdade com a dona da casa, percebe o empenho das meninas em vender bebidas, lembrando que Rosa era dona da casa e atendia junto com suas mulheres, ou seja, fazia programas.

Segundo Rosa, toda a despesa da casa era mantida através do lucro das bebidas, ficando o dinheiro dos quartos para elas. Acabavam tecendo uma relação de troca, onde elas desenvolvem uma consciência de mútua ajuda, tornando-se familiares umas com as outras.

Mesmo sem saber Rosa escapa do rufianismo, pois neste caso não há ninguém se prostituindo para ela, mas perante a Lei tanto manter casa de prostituição quanto praticar o rufianismo é considerado crime. E estas práticas ainda são consideradas crimes em nosso código penal. A Legislação Brasileira quanto à prostituição ainda é dúbia, de um lado não criminaliza o ato de prostituição em si, mas por outro lado criminaliza quem favorece a sua prática, ou seja, no caso de “cafetões” e “rufiões”.

Dentro do Código Penal a prostituição não é considerada crime, somente sua exploração ou lenocínio, mas na realidade, quem sempre vem sendo penalizada, são as mulheres prostitutas. Sendo assim, pode-se dizer que o Código Penal Brasileiro ainda se encontra falho deixando algumas lacunas.

A prostituição como forma de viabilizar planos econômicos pode se manifestar através de situações em que procurem manter ou alcançar um padrão de vida elevado, seja garantindo os estudos dos filhos ou até adquirindo a casa própria.⁸³

Voltando aos seus primeiros depoimentos fica nítido que estas mulheres estão preocupadas com sua sobrevivência, acaba sendo uma questão de viabilizar suas situações socioeconômicas, portanto, o fator econômico era também parte integrante daquelas noites festivas, sendo para algumas, o fator considerado predominante.

Essas jovens que entravam para as práticas da prostituição as vezes se encontravam sem grandes perspectivas de vida, muitas não tiveram oportunidades, entrando assim para o mundo da prostituição, sem mesmo terem escolhido esta profissão como a sua. E tornando-se prostituta, viu nesta profissão uma nova chance de melhorar suas condições de vida e dos seus familiares.

⁸³ MORAES, 1995, p. 85.

Com o recurso à memória destas depoentes, produzidas através de depoimentos orais, tentaremos conhecer mais um pouco das noites de Camboatá com Joana e Cláudia:

[...] Domingo, Ah! era o melhor, era o dia melhor da gente ganhar dinheiro, dançar, beber, porque aí vinha os fregueses de fora né, da fazenda, sabe, assim das roças mesmo, da cidade mesmo, achava era bom, porque a casa enchia de gente, aí vendia muito, bebia muito, era bom, era melhor que os outros dias [...] Era boa, tinha muito freguês bom, tinha muito freguês bom. Eu era bonita, sabe, aí eles ficava muito enciumado né, até que eu enrolei, aí acabou. Aí os fregueses sumiu. Foi sumindo, freguês bom. Aí acabou [...] Eu por exemplo nunca explorei, agora minha irmã, nossa se bêbado deixasse dinheiro cair no chão, ela punha o pé em cima do dinheiro, não, não, perdeu lá pra rua, de certo. Agora eu nunca explorei, tinha aquelas mulheres que ficava mais barato também, faziam mais barato também, pra eles. Freguês mais humilde, sabia que não tinha muito né, a gente fazia mais barato. As vezes tinha um que pagava dez cervejas. As vezes um freguês pagava uma cerveja só. E não tinha dinheiro (risos). Mas era bom era divertido.⁸⁴

[...] Tratava tudo igual, ou menos eu...Do mesmo jeito, às vezes era boa, às vezes tinha algum mal elemento, né. Às vezes surgia algumas confusões. Tinha vez que era ótimo né. Tinha dia que era bom, só alegria, tinha dia que era correr, pra não apanhar, ou as vezes até morria. Porque naquela época a polícia aqui não tinha carro. Sempre existiu violência.⁸⁵

Segundo as palavras de Joana, domingo era o melhor dia para se ganhar dinheiro. Dia em que as pessoas vêm da zona rural comercializar seus produtos na feira, dia de ir à missa, enfim, o dia em que se saía de casa para passear.

Os dias de domingo tornaram-se uma espécie de ato cultural, onde os moradores da pequena Monte Alegre guardavam o dia e lhes reservava como sendo um dia festivo, no qual se coloca as melhores roupas e sai para passear. Nesta “agenda” masculina não poderia faltar uma breve volta nas casas de Camboatá, lugar preferido para encontrar os velhos amigos e discutir a economia e a política da cidade e região, na companhia das mulheres que estivessem ali para lhes servir comida, bebida e sexo profano.

Joana viveu seus tempos áureos em Camboatá, logo que chegou ficou conhecida por toda a cidade e região. Era dotada de uma beleza natural, uma linda mulher, fazia fama entre seus fregueses. Sua casa na época era uma das mais movimentadas, freqüentada pelos altos escalões da cidade, como prefeitos, delegados e outros.

Um ponto interessante que Joana salientou em seu depoimento foi a questão da exploração, como ela mesma disse “nunca explorei ninguém”, este contraponto é bem

⁸⁴ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

⁸⁵ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

trabalhado por Rago ⁸⁶, a divisão que há nas zonas de meretrício, entre o baixo e o alto. E através de seu próprio depoimento se percebe de uma forma indireta que Joana atendia uma clientela selecionada, mesmo ela como todas as outras dizem não ter tido qualquer tipo de preconceito e discriminação e por questões éticas e também por não ser o objetivo aqui transcrever biografias dessas ex-prostitutas, não poderei citar nome de qualquer um de seus ex-clientes.

Pode ser observado que ao decorrer dos depoimentos de Joana, ela relata seus ex-relacionamentos com clientes das altas classes da pequena Monte Alegre. Como Rago trabalha em seu livro “Prazeres da Noite”⁸⁷, Joana tinha uma posição de destaque entre as demais prostitutas que moravam com ela. Devido a sua beleza e seus dotes, exercia um papel de fetiche entre os homens, cobrando assim um pouco mais caro por sua companhia.

Percebe-se que elas mesmas criam suas táticas de trabalho, como ela mesma cita, tinha mulheres que faziam programas mais barato, ficando assim com a clientela mais humilde. É interessante observar que mesmo que não possuam este conhecimento, mas de uma maneira indireta, acabam criando regras e fomentando um sistema de trabalho, onde as relações de trabalho são resultantes do sistema capitalista em que vivemos.

Rompe-se com o mito das histórias fantasiosas da prostituta de vida fácil, lógico há um mercado latente da prostituição de luxo, mas isso é uma realidade para poucas. Ficando a cargo da literatura, contar histórias esplendorosas de belas prostitutas.

[...] vimos que as prostitutas têm visão de trabalho, possuem sistema de avaliação, classificação e racionalização que são próprios da sua experiência, organizam-se e organizam a sua atividade, trabalham com regras, informais e que são compartilhadas.⁸⁸

A depoente Cláudia salientou pontos interessantes, os dias nem sempre eram bons, às vezes poderiam ocorrer o inesperado, pois a violência sempre existiu, casa cheia às vezes surgia alguma confusão. E como o sistema de segurança era precário, as mulheres acabavam se virando como podiam.

Lembrando que ela foi uma das moradoras mais antigas. No seu tempo a policia de Monte Alegre nem possuía automóvel, o sistema era muito falho, não oferecia segurança alguma para estas mulheres. Como Cláudia mesma disse, já havia violência e mesmo com o

⁸⁶ RAGO, 1991.

⁸⁷ RAGO, 1991.

⁸⁸ MORAES, 1995, p. 194.

apoio dos policiais, que eram apenas dois na época, às vezes não podiam contar com eles por falta de meios de comunicação, então vivia no alerta, qualquer problema teriam que correr.

O sistema de segurança era insuficiente, a Monte Alegre da década de 76 já era uma cidade em pleno desenvolvimento, com um significativo fluxo de pessoas, principalmente em épocas de safra do abacaxi. Portanto, havia necessidade de um número maior de policiais patrulhando a comunidade.

Mas além destes poucos policiais, as moradoras de Camboatá contavam com a visita inesperada dos comissários de menores, estes sim eram o verdadeiro terror para estas mulheres. Os comissários eram cidadãos montealegrenses que foram nomeados pelo juiz da cidade, ficando responsáveis por realizar um trabalho de vigia permanente em toda a comunidade.

Realizam um trabalho sem remuneração, mas com uma grande responsabilidade de fiscalizar a presença de menores em lugares inadequados. Em Monte Alegre de Minas, foi designado quatro senhores, dentre eles foi entrevistado o senhor João Batista, narrando um pouco mais a respeito de sua função como Comissário de Menor:

Nós fomos nomeados em 1970, na época do juiz José Dias da Fonseca. Era três, eu, o Omar Fernandes Blanco e o Nelson Ferreira de Moura. A função com comissário voluntário de menor, então subordinado ao juiz e o promotor, percorria casa de jogos, casa de prostituição, proibir a entrada e a permanência de menor. Acobertado pela Polícia Militar e Civil. Então nós recebiam ordem do juiz, acobertado pela Polícia Militar [...] Era um trabalho voluntário, criado pelo Tribunal de Justiça do Estado. Então toda comarca, o juiz nomeava pessoas de bom respaldo social, que tinha respeito pela sociedade e tal. Nós fomos nomeados pelo juiz na época, em 1970, Dr. José Dias da Fonseca e o promotor Antônio, nós atuamos no carnaval, em baile, em toda festa que tivesse, nos tava subordinado ao juiz, pra dar cobertura, a não permanência de menor no ambiente [...] Chegava geralmente, a gente era, o pessoal tinha medo, quando a gente chegava, o pessoal tinha medo. Se tivesse alguma, já saia pelos fundos, pelas janelas, não permanecia. E as donas das casas também sabia quando a gente tava chegando, se estivesse algum menor ali, elas escondiam, ou mandava embora.⁸⁹

Este era o trabalho de um “comissário de menor”, para as moradoras de Camboatá era seu maior incômodo, pois tinham que estar alertas para as visitas inesperadas dos comissários, visto que a maioria das moradoras eram de menores. Portanto, a qualquer momento estariam sujeitas às sanções da lei.

⁸⁹ Depoimento de João Batista, entrevistado por Maria Cristina M.C. Moura em 02/02/2007, Monte Alegre de Minas.

Sobre o funcionamento de casas de prostituição o que de fato imperava era o regimento de tolerância. A polícia e os demais órgãos públicos responsáveis pela moralidade da cidade, permitiam seu funcionamento sujeitando-a porém a fiscalização. Partia-se do pressuposto de que a prostituição é um mal necessário e que sempre existiu e continuará existindo.⁹⁰

Através de dados pesquisados em Monte Alegre de Minas, apontamos o trabalho de comissários de menores como sendo um sistema de vigilância que a cidade mais contava, pois os policiais exerciam seu papel de vigilante, mas estava mais preocupados em se divertirem do que realizar seus trabalhos.

Como já fora salientado anteriormente, havia inúmeros menores morando nas casas de Camboatá, e conseqüentemente os fregueses também eram de menor. Portanto, as visitas inesperadas desses comissários de menor causavam o maior reboliço nas casas de Camboatá, tornando-se assim um verdadeiro empecilho para os freqüentadores e as meninas, mas acabavam encontrando diferentes maneiras de desvencilhar a vigilância dos comissários.

Hoje, os Comissários de Menor foram substituídos pelo Conselho Tutelar, com nomes diferentes, mas a função é a mesma. Pessoas eleitas pela própria comunidade, com o objetivo de vigiar e zelar pelos menores em várias circunstâncias.

2.1.1 – A Sociabilidade das Moradoras de Camboatá

Cada região cria seu próprio sistema cultural, e as Zonas de Cambota não se difere muito dessas práticas. Através dos depoimentos dessas mulheres, nos adentramos um pouco mais para a cultura de Camboatá, como era a realidade de seus dias e noites, a vivência entre as mulheres prostitutas com suas micro redes de poderes.

Como fator primordial que vale ser ressaltado, como estas mulheres a partir de seus territórios se relacionam com a cidade de Monte Alegre, saindo de seus espaços e adentrando na cidade. Como eram vistas e recebidas.

Através de suas falas poderemos conhecer mais um pouco desta relação vivida pelas moradoras de Camboatá.

[...] Eu gostava de mostrar eu. Eu não gostava de me esconder, tem gente que gosta de esconder né. Igual a Joana mesmo, que isso? Você tem que andar, vai ficar presa aí? Encurralada pra quê? Só dentro de casa, de carro, se sabe porque. Eu não fazia nada pra ninguém me julgar, porque aonde eu to te falando, eu nunca gostei dessa vida [...] De a pé. A Joana que gostava

⁹⁰ FONSECA, 1982, p. 164.

de táxi. A Joana gostava, não tinha, tô ti falando eu lá dentro era uma, lá de fora eu era ninguém. Eu era normal, eu conversava com qualquer um, eu tinha saída, eu tinha tudo [...] Eu soube falar com todo mundo, preto com branco, juiz, advogado, delegado, todo mundo, sabe. Eu era uma pessoa assim, sabia entrar e sair em qualquer lugar. (risos) [...].⁹¹

[...] as minhas amizades não afastaram de mim, porque eu sabia entrar e sair. Eu era convidada pra festa importante. Sabia entrar e sair, um dia em que ia na festa não bebia exageradamente igual na minha casa. Casa minha é casa minha né. Agora na sociedade é diferente, você tem que comportar. Diferente então, eu ia em clube, eu ia por toda banda, ninguém me barrava em porta, eu tinha respeito [...] Se encontrasse freguês na rua. Eles falavam pode acompanhar vocês, e a gente falava pode. Quando chegava lá no bar, eles pagava bebida pra nós. Nós não tava nem aí, não foi nós que chamou ele [...] Ah! eu acho que não, eu nunca prestei atenção. Ah! não, não! Não pensava isso não. Se eles tinham, acho, que não, comigo não tinha não. Agora com minhas meninas eu não sei...Comigo não tinha porque eu chegava, aí “oi coisa e tal”, já ia conversar, mas também eu não falava assunto de lá, nada, de lá é lá. Aqui é uma coisa. Aí muitas mulheres casadas me perguntavam: “Rosa você viu meu marido lá na zona?” As vezes tinha ficado na minha casa bebendo. E eu falava não vejo não. “Nas outras casas se for você me conta?” “Conto!Ah! se conto, que isso, se acha que eu era besta. Era nosso ramo, nosso negocio, ganha pão. Ah! não, eles iam porque queriam, nós não chamava. Nós não dava confiança hora nenhuma, na rua. Nós andava como gente [...].⁹²

Mesmo dizendo que não gostavam de se esconder, o reforço nos seus discursos sobre “fora das casas somos normais”, mulheres comuns, como qualquer dona de casa montealegrense, sugere que tinha uma preocupação de como seriam vistas e tratadas. Como trabalhamos aqui com a memória que hoje tecem sobre suas vidas de então, pode ser que o que tenha ficado fora mais esta perspectiva de “acolhimento”, que não tenha destacado os desacatos, ou os olhares e gestos preconceituosos. Talvez suas falas tenham demonstrado o próprio desejo de que embora vivessem muito a margem das normas de conduta destinadas as mulheres recatadas das mulheres da cidade, não abriam mão de “fazer parte” desta cidade. Ou seja, de se compreenderem como “normais”, mesmo fora da normatividade sexual e moral vigente naquele momento.

Essas mulheres que em um determinado momento da vida abandonaram a prostituição, hoje longe de casas de zonas, vivendo com suas famílias possuem uma outra imagem, tanto de si quanto da própria cidade, portanto, reconstrói uma auto-imagem que de alguma maneira dialogue com a maneira como se vêem agora, ou seja, são depoimentos carregados de “hoje”,

⁹¹ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁹² Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

ou seja, rememoram a maneira como eram recebidas ao mesmo tempo em que projetam como hoje convivem na cidade de Monte Alegre.

Estes comportamentos são reações involuntárias, mas o intuito da pesquisa também não é resgatar o passado. Na verdade, o historiador nunca resgatará o passado de nenhum tempo histórico, poderemos escrever como foi o passado com os olhares do presente.

Como historiadora, o nosso ofício é escrever sem paixão e nem imaginação descrevendo na íntegra os depoimentos das ex-moradoras de Camboatá, focalizando um olhar crítico de como viveram nas décadas de 76 até meados de 86, momento em que o mundo sofria constantes transformações e neste contexto como elas se inseriam.

E neste momento, volto a citar Rago⁹³, e justamente estas questões que a autora sucinta como era estudada prostituição nas décadas de 1890-1930 em São Paulo.

No depoimento de Rosa ela deixa claro que mesmo administrando uma casa de prostituição, ela conseguiu conciliar sua vida pessoal com a profissional. Quando ela diz “casa minha, casa minha”, é como se ela mantivesse dupla personalidade, dentro do seu território mantinha um comportamento, e em meio a sociedade montealegrense, já mudava drasticamente seu comportamento. Ou seja, ela se enquadrava conforme as necessidades daquele momento, hora era dona da casa honesta e respeitável e hora era a dama da noite.

Hora alguma Rosa admite ter sofrido ou passado por alguma situação de constrangimento em relação a sua profissão, diz não ter percebido preconceito algum por parte da cidade. Essa é a construção da imagem que ela tem de si própria “eu tinha respeito”.

Continuando com as outras entrevistas, poderemos entrever algumas contradições, juntando outras experiências:

[...] Assim, nós só andava de táxi. Só de táxi, táxi. Ah! um pouco era porque a gente não gostava de andar a pé, outra coisa era porque os outros ficava tudo olhando. Eu ficava com vergonha né, a gente ficava com vergonha. Família, tudo, o povo de família era tudo assim, tinha muito preconceito naquela época assim, da gente. A gente ficava com vergonha de sair, sair a pé, ficava com vergonha de sair [...] Sempre assim, quando a gente saía na rua né, assim por exemplo, tinha os bailes de madrugada né. Nessa época tinha as barraquinhas né, muitos anos, aí nós ia. E eles apontavam assim, quando a gente chegava né, eles a era mesmo assim, quando a gente chegava eles apontava que era a mulher. A mulher da vida. As mulheres da vida, aquelas é as mulheres. Então apontava assim. A gente ficava assim constrangida, aí ficava num canto assim, separado né, a mulher e os homens [...] Nós iam assim, por exemplo, só depois que fechava. Tarde da noite. A gente não podia ir cedo pras festas, era lei daqui da cidade. Proibido não podia ir. Aqui tinha, nos outros lugar eu não sei, porque eu nunca morei. O

⁹³ RAGO, 1991.

delegado e as policias falava, esses não pode não, só depois de onze horas, só depois das onze horas ôceis vai. Aí nós não podia sair, aí saía depois. Na exposição também. Na exposição não, nas festas lá pra baixo no meio da família sabe. Tinha as barraquinhas, sabe aquelas barraquinhas de frente a Graffit. Era as barraquinhas, ali nós só podia depois das onze horas. Antes não podia. Antes não. Porque aí as moças já tinha indo embora né. As moças de família, as mulheres casadas, era não podia sair [...] Em piscina nós não podia entrar de jeito nenhum, em clube. Não podia entrar de jeito nenhum, não podia. Lá o diretor falava que não podia, porque aí eles iam até ser processado, porque não podia entrar. Quando eu comprei ação pra minha filha na piscina, e foi o maior reboição, pra comprar no meu nome não podia. Eu não comprei no meu nome, até hoje, ta no nome do João, que é o pai dos meus meninos. Não podia, nem no meu nome eles não deixou comprar ação. Por causa que atrapalhava, de medo que a Luzia, aquela loira que antigamente fazia programa nomeio de família, ela era também assim. Mas ela morava no meio de família, aí ela comprou uma ação e aí entrou. Isso deu o maior reboição na cidade. Aí eles falou assim, quase processou o clube, porque ela comprou ação e embarcou ela, na hora de entrar, entendeu. Aí eles falou que não podia comprar, e portanto eles não quis me vender em meu nome a ação. Pra minha filha freqüentar. Aí tive que comprar no nome do João, é no nome dele até hoje. Ela tinha seis anos de idade, ela chorava pra vir na piscina, e eu tentando comprar e eles não deixava. Não, não pode não. Você me entende, porque as vezes se eu te vender no seu nome, aí se você chegar aqui de biquíni pra entrar na piscina, freqüentar o clube, eu não posso barrar. Porque eu ti vendi. Portanto, eu não posso vender no seu nome, porque aí você pode me processar. Fazer igual a mulher fez com nós. Sabe, aí comprei no nome do João, porque ela chorava tanto pra ir né [...] Ah!, muitos, aquele que não tinha medo de esposa, nem nada, as vezes até aproximava da gente. As vezes até bebia, com a gente, de madrugada nos bar. Conversava, de dia cumprimentava, cumprimentava. Depende se chegasse perto a gente não gostava não. Não gostava que ele chegasse perto, a gente tinha vergonha. A gente falava não, não, conversar aqui não, vai lem casa, depois [...].⁹⁴

[...] Ah! a gente não freqüentava não, nada de sociedade não. Não podia. Hoje é diferente [...] Policia não deixava, punha pra correr. Não falava nada, simplesmente você não podia andar de mais de três, na rua. Era melhor ainda com a dona da casa. Não podia sair. Agora eu era muito perseguida porque eu era menor. Eu fui com 14 ano [...] Não, podia do jeito que eu ti falei, só em duas, geralmente a gente andava de táxi [...] O 13 de maio eu sempre gostei de ir. Mas aí tinha o bar do Juca que ele recebia a gente. Que era da Fada, mãe da Fada. A gente entrava comia alguma coisa, não sentava. Eu não gostava de sentar não, se comia alguma coisinha, via o desfile e vazava. O único bar que recebia a gente [...].⁹⁵

Os depoimentos de Joana e Cláudia, nos trazem outro cenário, diferente do “normal”, de como ser prostituta naquele momento restringia e limitava a atuação dessas mulheres em Monte Alegre de Minas. Através de suas falas, podemos perceber um pouco como era essa

⁹⁴ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

⁹⁵ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

relação entre a micro cidade da prostituição versus a cidade moralizadora que preza a moral e os bons costumes.

Ao discutirmos a questão das práticas da prostituição sem nos deixar embalar pelo senso comum, não deixando sermos levados pela construção da imagem masculina sobre a feminina e principalmente a mulher prostituta, como sendo uma “mulher de vida fácil”. Lembrando que essa identidade lhes condenou e sentenciou a carregar os estigmas de uma imagem metaforizada pelos falsos conceitos moralistas.

No depoimento de Joana vem à tona varias vezes essa identidade cristalizada de uma sociedade machista, pois nem após sua união com os pais de seus filhos ela não foi aceita pelo clube da cidade, pesando sobre si a imagem de ter sido uma prostituta.

No entanto, perante a Lei consta que somos todos iguais e portadores de todos os direitos, inclusive de livre acesso em lugares popularmente “públicos”. Mas a realidade da pequena Monte Alegre era outra, o preconceito e a indiferença contra as moradoras de Camboatá era nítido e explicito, deixando clara para essas “mulheres públicas”, que a sociedade montealegrense não as aceitavam, portanto, deveriam respeitar e manter-se distantes das boas famílias, circunscrita em seu território.

“Se procurasse uma definição clássica das suas características como classe social, teria de dizer que são mulheres excluídas das relações de produção, partem do lumpem, “massa marginal”.⁹⁶

Através das falas de Joana e Cláudia, podemos conhecer o outro lado de suas vidas. Essas mulheres trabalhadoras do sexo enfrentaram grandes problemas sociais de uma sociedade moralizadora, onde o preconceito e a discriminação estava por todos os lugares. A questão do andar de táxi, sair pra fazer compras de táxi, este era um refugio que as moradoras de Camboatá utilizavam para se autoprotegerem dos olhares e cochichos da cidade.

Este preconceito de andar de táxi em Monte Alegre se tornou um comportamento cristalizado pelos moradores de tal forma que hoje, em 2007, que as mulheres que “pegar um táxi”, para ir em algum lugar da cidade, só pode ser “mulher da vida”, tornou-se senso comum, pois esta era uma pratica conhecida pelas mulheres prostitutas.

Outro fato destacado em suas falas é de que as moradoras de Camboatá não mantinham um convívio com a “sociedade montealegrense”, como foi dito, elas tinham horários para poderem chegar nas festas da comunidade. E sempre eram recebidas por olhares reprovadores e os mais ousados apontavam e as julgavam, portanto, acabavam se limitando ao

⁹⁶ MORAES, 1995, p. 152.

espaço de sua casa, e recorrendo à cidade apenas para resolver questões de necessidade, como compras, serviço bancário e outros.

Há toda uma estigmatização em torno da figura da mulher, principalmente ao se tratar das relações de gênero. A expressão “perdida” é a mais usada para fazer referência às mulheres, propriamente dito, as mulheres prostitutas. O interessante é como os adjetivos são dados, se fosse apenas as mulheres que se perdessem, como os homens saem ilesos dessas práticas comportamentais.

O homem possui um forte libido, que o faz diferente das mulheres, da sua própria natureza possui um instinto sexual, impondo preconceituosamente sua masculinidade, como sendo um ser superior ficando livre para praticar seus atos, sem correr o risco de ser tachado moralmente, muito pelo contrário, só tem a ganhar com o seu desempenho sexual, bem ao contrário do ser mulher.

Bem ao contrário da mulher que fica com a terrível divisão da assexuada mãe ou a “perdida”, fechando-se em uma das dicotomias onde a mulher rompeu barreiras, conquistou seu espaço mais ainda se encontra presa em questões morais. Como se ainda não estivesse pronta para usar sua sexualidade livre de preconceitos e tabus.

Sob esta ótica, vimos um pouco da cultura de uma casa de prostituição Monte Alegre vivendo seu período áureo, momento em que sua economia está forte, grandes lavouras de abacaxi, barracões lotados para a exportação. E os homens por toda parte da cidade, faziam a festa nos salões das meninas, alguns forasteiros, outros antigos moradores, dentre casados e solteiros, todos a procura de um único objetivo: a boa farra. Ali ocorriam muitas histórias pitorescas, gargalhadas, danças, bebidas e sexo. Sem muito exagero é certo afirmar que muitos desses homens faziam desses salões um verdadeiro ponto de encontro de amigos.

Através dos depoimentos dessas mulheres, conhecemos um pouco do perfil dos freqüentadores das zonas de Camboatá, como eram as noites embaladas pela música e a bebida, como se dava o atendimento aos fregueses. E as saídas das meninas para as compras.

Contrapondo essa realidade vivida pelas famílias montealegrenses, onde a presença indecorosa das mulheres prostitutas nas vias públicas, ou em dias festivos como carnaval, aniversário da cidade, exposição era o verdadeiro desrespeito à moral e bons costumes, pois feriam os valores das boas famílias, como sendo os verdadeiros mal exemplos.

E como forma de se protegerem e segregar espacialmente as casas de tolerância em áreas mais distantes da área central da cidade, ou seja, nas regiões periféricas, tornou-se uma prática comum entre os dirigentes do poder público, forma de conter a disseminação de seus malefícios. E como modelo segregador, as Zonas de Camboatá obedeceu a esse

enquadramento, ficando totalmente retirado da área central da cidade, mantida longe do convívio da família montealegrense.

2.2 Mulheres, Paixão, Sexo

A Bíblia considerada como um livro sagrado, logo em seu princípio em Gênesis narra a criação da humanidade, e após “Deus ter criado o homem e tudo ao seu redor, ele cria a mulher a partir de uma das costelas de Adão”. Eva, além de ter sido criada a partir da costela de um homem, foi responsável pela criação do pecado na terra. A sociedade aqui analisada é marcadamente cristã, em outras palavras, parte deste discurso bíblico compõe a maneira de significar e compreender o sexo feminino, o que faz com que ainda embora haja muitas discussões, predomine a estigmatização da mulher a qual são atribuídos vários conceitos pejorativos, como um deles a taxaço da mulher como um ser inferior ao homem.

É como se o corpo das mulheres fosse o grande vilão da história, pois este ficou sendo o responsável pela moralidade e culpabilizado por toda desordem sexual. Como se carregasse uma essência que se dissemina para o bem ou para o mal.

As mulheres que resolveram ou às vezes foram forçadas a usar de sua sexualidade, até mesmo para sobreviver foram a partir daí conotadas como um ser sem pudores, totalmente desviadas da boa conduta da moral e dos bons costumes. Ao entrar para o mundo da prostituição essas mulheres passavam por uma espécie de ritual às vezes até perdendo um pouco de sua real identidade. Às vezes mudavam o nome, ou adotavam um apelido, pintavam os cabelos, encurtavam e decotavam as roupas, pintavam as unhas de cores fortes, usavam maquiagem excessiva, enfim procuravam alimentar a figura de uma nova mulher, mais sexy e sedutora.

“Assim o retrato da mulher pública é construído em oposição ao da mulher casada e boa mãe, laboriosa, fiel e dessexualizada”.⁹⁷

A Monte Alegre da década de 70/86 não se difere de outras pequenas cidades interioranas, mantinha esse mesmo pensamento conservador, estigmatizando a lançando sobre as casas de Camboatá, como um lugar imoral, pecaminoso, ligado ao “inimigo”.

Devido a essa carga negativa que era lançada sobre as mulheres moradoras de Camboatá, reforçava ainda mais seus enclausuramento dentro de seus territórios, mesmo de maneira subjetiva isto estava presente em seus comportamentos. As saídas de táxi, em duplas,

⁹⁷ RAGO, 1985, p. 209.

de forma indireta eram mecanismos de defesa, usados contra olhares curiosos e reprovadores da comunidade em geral.

Como já foi descrito anteriormente, ao falarmos de prostituição, logo nos remetemos o pensamento para algo desordenado, permeado por práticas ilícitas, mas o que ocorre na realidade são uma leva de falta de informações e nos deixamos ser levados pelo senso comum da contradição, permitindo assim fomentar tais pensamentos caindo no vício do julgamento preconceituoso dos falsos preceitos morais. Como forma de romper um pouco com informações contraditórias e preconceituosas, descreveremos os depoimentos dessas ex-prostitutas com o objetivo de penetrarmos mais um pouco pelo mundo da prostituição e seus subterfúgios.

Foi salientado como era feita a preparação da casa e das meninas para o recebimento dos fregueses. Havia algo em especial que estas mulheres preparavam para tornar as noites mais chamativas e aconchegantes, viabilizando o maior conforto dos fregueses, nos depoimentos de Alice, Rosa, Joana e Cláudia:

[...] Só limpava né, na época tinha aquele negócio de incenso é, perfumador, lançar criolina. Ah! Gostava de vermelho né, meio vermelho, pintava a lâmpada, pra ficar assim meio fora sabe. O salão era normal, casa igual essa mesma [...] Tinha prazo de arrumar né, nós vivia arrumada, direto [...].⁹⁸

[...] Não, eu não mechia com isso não. Era normal todos os dias. Não, eu nunca pinteí uma luz na minha casa. Um dia uma mulher pintou uma luz de vermelho, lá. Eu fiz ela tirar na hora. Não de jeito nenhum, tira isso daí! Todo mundo sabe que isso aqui é casa de prostituição. Não vem fazer palhaçada aqui não. De jeito nenhum ficou vermelhinho. Eu não, deixei não [...] Ia pro salão, lá da Genesi, Alfredo, Maria Eunice, fazia unha, arrumava cabelo, toda semana, direitinho [...].⁹⁹

Através das falas de Alice e Rosa nos deparamos com questões que estão interligadas ao mundo da prostituição, mesmo se tornado senso comum, vale abrir a discussão. A questão da cor vermelha, ambas depoentes citaram alguma passagem ligando a cor. Hoje já não podemos dizer isso, mas há algumas décadas atrás, eram uma espécie de marca registrada, os prostíbulos usarem a cor vermelha em roupa de cama ou cortinas, enfim até chamavam as casas de “casa da luz vermelha”.

⁹⁸ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

⁹⁹ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

Não tenho estudos que comprovam este fato, mas às vezes era uma maneira das prostitutas se diferenciarem das casas de famílias. E o vermelho por se tratar de uma cor quente e vibrante foi facilmente interligado às paixões e ao sexo.

Outro fator singular que as depoentes nos relatam, além de toda a organização da casa, as moradoras de Camboatá mantinham uma certa preocupação com sua aparência, procurando manter cabelos e unhas arrumados direto. Nesse sentido mesmo sem elas próprias terem noção, usavam seus corpos como forma de vitrine, a partir dali conquistaria seus sustentos e a garantia de ter fregueses.

[...] Ah! enfeitava, principalmente dia de fim de semana, que nós arrumava a casa. Encerava, arrumava tudo a casa, as camas, punha até talco nos travesseiros, nas fronhas (risos), jogava talco, pra ficar cheirosa. A luz nos pintava de esmalte vermelho, azul, pintava assim, as lâmpadas, ficava fruta cor. Ficava bonito de noite (risos) [...] Arrumava, i, nos arrumava. Prendia o cabelo de bobis, aqueles bobis grande, sabe, depois daquilo rodava toca no cabelo. Umas prendia de cachinho, fazia maquiagem sabe, punha, era pó de arroz que usava, sabe, não esses pó bom que usa hoje em dia não, era aquele pó mesmo, igual talco. Usava pó, sombra, fazia unha. As unhas arrumadinha direto. Fazia unha duas vezes na semana. Uma vez tirando a cutícula, uma vez esmaltava, fazia maquiagem, passava bastante perfume. Muito perfume, batom. Quando entrava um homem casado, eles “tira o batom”, não podia né. Tinha que tirar o batom, eles tinha medo, de encontrar neles e muito perfume, ah não, “ocê vai tomar banho”, “que ocê ta muito cheirosa”, “muito perfumada”. Ai tinha que tomar banho, se não ele ia embora. Freguês bom né, casado, responsável [...] Tinha uma vendedora que ia lá, vender pra nós. Era de Uberlândia, dona Valda. Ela vendia tudo pra nois, roupa íntima, Avom, vendia assim roupa normal, vestido. Aqueles vestidos longos, muito bonito, chic. A gente punha bota, assim no joelho assim, e sainha curtinha e dançava até. Punha bota altona assim, as botas branca e preta. Tinha branca, tinha preta [...].¹⁰⁰

[...] Arrumava, tomava banho, aprontava. E sentava cada uma em uma mesa esperando. Chegava, se interessava ia naquela mesa né, pedia bebida e começava [...] Não, aonde eu morei não. Agora no barranco morei numa casa muito bem arrumada. Não era enfeitar, era cortinado, decoração de quadro, flores, muito bem arrumado. Perfumava, era limpinha mesmo [...].¹⁰¹

Joana e Cláudia através de suas falas nos levam a aproximar mais um pouco de como era o cotidiano das moradoras de Camboatá nas arrumações da casa, o embelezamento das meninas e a espera pelos fregueses. De um modo em geral, as prostitutas se submetiam a atender a qualquer tipo de freguês que chegasse na casa, desde homem bem trajado e limpo,

¹⁰⁰ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹⁰¹ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

como bêbados, malandros e até violentos. Sempre expondo-se aos mais diversos tratamentos que aconteciam durante as longas jornadas de trabalho.

Viviam em seus mundos particulares, praticamente isoladas da cidade, vindas em sua grande maioria de cidades de fora, acabavam tornando-se parentes umas das outras. E usavam esses momentos de se arrumarem como demonstração de solidariedade e carinho, pois aquela que não tinha condições de ir para o salão, se arrumava em casa mesmo, uma arrumando a outra. Ou seja, uma pela outra, assim que construíram suas relações, onde conviviam familiarmente bem.

De posse do seu corpo, a profissão da prostituta torna-se uma arte de vender o prazer, indiferentemente a quem, mas que, em verdade, tem o prazer como seu produto e tem como relação de trabalho as relações sexuais e não as relações convencionais de patrão x empregado. Vender o corpo é uma forma de trabalho, mas também é uma “relação de prazer” uma forma muito diversa daquela imposta pela sociedade do trabalho.¹⁰²

A prostituição em Monte Alegre de Minas surgiu bem antes da criação oficial da cidade. Não há registros de uma data precisa, mas acredita-se que as primeiras prostitutas tenham chegado aqui, junto com as caravanas dos primeiros habitantes do vilarejo. E como sendo uma atividade ilícita enfrentou problemas como os olhares e julgamentos moralizadores, punindo-as, porém de uma forma lenta e silenciosa.

Com o tempo, foram conquistando seus territórios, criando assim seus, próprios guetos. Como foi as Zonas de Camboatá. A rua Antenor Airoso Machado foi demarcada como a rua específica de casas de prostituição, ali nascia distante do centro dos olhares familiares, mas já despertando a atenção da vigilância sanitária e dos demais moradores da cidade.

Momento em que Monte Alegre despontava rumo a “modernidade e o progresso”, com seu abacaxi, a cidade todavia vivia povoada pelo fruto.

¹⁰² RAGO, 1991, p. 51.



Considerado como um fruto de ouro, sinônimos de riquezas, havia todo um estigma em torno dessa produção agrícola. A prostituição acompanhou esse crescimento econômico da cidade de forma paralela.

Com a alta produção do abacaxi, elevou-se o fluxo de pessoas na cidade, interligando com a comercialização e plantação do fruto, resultando em um crescimento populacional notável. Como resultado dessa movimentação crescia o número de fregueses freqüentadores de Camboatá, foi uma co-relação que existiu entre as zonas e a cidade.

Com o aumento do fluxo de freqüentadores das casas de Camboatá, despertou por parte dos agentes de saúde, uma certa vigilância sobre as casas e suas moradoras. Lembrando que as prostitutas das décadas de 70 até meados de 86 estavam mais propensas à contaminação de doenças sexualmente transmissíveis, sendo assim iniciaram uma inspeção maior:

[...] eu ia mais pra medicina, quando eu ia em Uberlândia. Eu tenho uma tia que mora perto da medicina, ai eu ia na casa dela, fazia os exames tudo. Teve uma época que eles teve que fazer aqueles exames de sífilis. Acho que o delegado, teve época ai, que entrou um delegado ai. Ele queria fazer exames das mulheres, e fichar as mulher. Fichar as mulheres, e ai muitas acho que ai, eu não estava aqui mais, porque igual eu to ti falando né, e lá em Franca, ficava em casa de zona, também, Jardim Guanabara, vazei pra lá [...]¹⁰³

[...] não era minha casa não. Não, antigamente tinha isso, fichar, põem tirar fotografia e por no livro. Aqui em Monte Alegre não existiu isso. Tinha que fazer exame, era obrigatório. Tinha que ficar 3 dias sem programa, com ninguém. Normal, tinha que pegar o resultado primeiro, para depois continuar trabalhando [...]¹⁰⁴

Em relação a vigilância sanitária e a saúde das moradoras de Camboatá, através de seus depoimentos, verificamos que houve momentos mais intensos de vigilância, em que os agentes da saúde fiscalizavam as moradoras de Camboatá. Mas estes fatos dependiam à cada novo delegado que estava na cidade, destinando esses serviços a cargo do delegado vigente.

Houve momentos em que os agentes de saúde se preocuparam com as moradoras de Camboatá, não há registro algum constando data, termos que as prostitutas deveriam passar por exames médicos. Há uma escassez de documentação por parte da Prefeitura local, delegacia, ficando somente o depoimento dessas mulheres como fonte documental.

¹⁰³ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹⁰⁴ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

[...] Não, de tirar foto e deixar na delegacia, foi antes da minha época, bem antes. Agora ir no postinho de saúde, ia. Era o Dr. Fábio Barbosa, a muitos anos. E foi um delegado que mandou aqui, Dr. Betove, sei lá. Não me lembro bem o nome do delegado que pediu pra sair pra fazer exame né. Às vezes tinha doença venérea, mas não tirava foto não[...]¹⁰⁵

“[...] Ah! Teve uma época que apareceu uma turma ai pra fichar e eu vazei. Era pra fichar, que um negocio de fazer exame toda semana, eu anoiteci não amanheci. Não fichei não fiz nada [...]”¹⁰⁶

Como já foi ressaltado, não foi possível encontrar nenhum registro dessas informações, lembrando que esses órgãos públicos como delegacia, Fórum, posto de saúde, depois de um determinado tempo queimam seus arquivos.

Conversando mais detalhadamente com as depoentes, elas disseram que havia uma espécie de ficha, para cada uma, como um cadastro. Ao chegar no posto de saúde para realizar os exames eram identificados pelas fichas das “separadas”. Estas fichas não misturavam com os das outras moradoras da cidade.

De uma forma sutil, mas bem expressiva, o preconceito contra as mulheres prostitutas eram nítido, até mesmo por parte das agentes de saúde, em manter as fichas dessas mulheres isoladas das outras. Demonstrando e reforçando sempre que possível sua exclusão do meio social da pequena Monte Alegre.

Agora quanto à questão do fichamento das mulheres prostitutas na delegacia local, dizem ter ocorrido em tempos remotos, mas nenhuma delas lembra ou conhece alguma companheira que tinha sido fichada, apenas ouviram falar que antigamente era fichadas.

A prostituição preenchia ainda um papel “civilizador” na sociedade, porque ai se realizava a iniciação sexual dos rapazes rito de passagem para sua abertura à alteridade. Alternativa para a preservação da virgindade das moças e da castidade das esposas como se argumentava, a prostituição era parcial e ambigualmente oculta, como lugar onde, os jovens poderiam saciar os impulsos ardentes de uma fase de sua vida, para depois separarem-se e permanecerem casados.¹⁰⁷

A prostituição é uma prática real, onde todos têm o conhecimento e sabem de sua necessidade, portanto, trata-se de algo estranho a este falso moralismo. O porquê deste

¹⁰⁵ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹⁰⁶ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

¹⁰⁷ RAGO, 1991, p. 168-169.

preconceito contra estas práticas, se isso é um fato normal que ocorre em qualquer comunidade ou meio social onde há homens, mulheres e jovens.

As mulheres prostitutas ficam com o trabalho de fazer a limpeza moral da cidade, mantendo a tranquilidade das famílias nucleares, e ainda são submetidas as taxas do preconceito, tornando-se os verdadeiros canais sociais.

Podemos dizer que estes comportamentos são fenômenos urbanos, a sociedade em que vivemos, onde nos baseamos no sistema de compra-venda-lucro. A imposição de conceitos morais como a valorização da união sexual monogâmica, a família nuclear, preservação da virgindade e o feminismo, sendo assim estereotipa-se qualquer outro comportamento sexual insubmisso. Nos levando a cairmos sempre em conceitos saturados pelo falso moralismo. Conotando essas diferenças como o lado podre do social, associando as práticas rejeitáveis de uma sociedade.

Partindo da questão de saúde, perguntei as depoentes como era tratada a gravidez, quando surgia nas meninas. Aceitavam ou não, praticavam aborto, enfim, como se dava essa relação delas com o surgimento de uma gravidez inesperada:

[...] Nunca, tinha sempre um comentário. É de alguém fazer [...] Não, nunca vi não, dona de casa exigir não. Era as próprias mesmas as donas da barriga mesmo, que fazia. Nunca vi dona de casa falar não, tira, tira, tira. Agora a Lola que tinha um negócio, as mulheres ficasse com preto, aí sim, há porque tira isso, e de nego. Deus me livre que nasce um preto, tem que tirar. Sabe lá que nasce criolinho [...] ¹⁰⁸

[...] Não, na minha casa não, se engravidasse, criava. Não, não apoiava o aborto não. Nascia e eu falava agora vocês vai criar. Ia lá, conversava com o delegado, pra deixar a criança 40 dias amamentando. Eu falava que punha num quartinho de fundo pra ficar menos perigoso. E 40 dias arrumava babá. Nunca expulsei mulher grávida da minha casa, nunca fui a covarde[...] ¹⁰⁹

Segundo os depoimentos de Alice e Rosa, a gravidez era um fato normal que poderia surgir a qualquer momento, mas ser aceita pelas mulheres já era outra questão, visto que não deveria ser nada fácil para a mulher prostituta conciliar a profissão com o estado de gravidez, que requer uma série de cuidados especiais. Rosa como sendo a dona da casa demonstra através de sua fala uma certa solidariedade em apoiar a futura mãe dando todo o aparato necessário para que esta venha a ter sua criança com uma certa comodidade.

¹⁰⁸ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹⁰⁹ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

Estas duas depoentes foram categóricas ao responderem que não haviam praticado aborto. A Alice ainda morando com a Lola engravidou de um freguês negro. Mesmo sabendo de todas as dificuldades que enfrentaria a partir daquele momento, optou por ter a criança.

Após o nascimento da menina fez como era de costume, mantinha ela afastada do seu trabalho, sendo criada por babás, ou seja, mulheres de família, que recebiam para olhar filhas de prostitutas.

Esta prática de donas de casas se tornarem babás de crianças nascidas de mulheres prostitutas é bem antiga na comunidade de Monte Alegre.

Há até algumas histórias de que essas mulheres prostitutas que davam seus filhos para serem criados e educados por donas de casas, às vezes fugiam e sumiam sem dar notícias, deixando seus filhos para trás.

[...] Algumas abortava, falava que não queria. Bebia chá, bebia de tudo, ia em Uberaba com o Dr. Schimit e tirava. Aí quando tava grávida, não queria tirar, achava bom a gravidez, as outras ajudava no enxoval. Ajudava fazer tudo, quando ela tava barriguda, ajudava no hospital, ajudava a fazer tudo. Aí parava de fazer programa, ajudava uma a outra fazer tudo. Uma dava fralda, dava pagã, ia ajudando. Quando nascia ficava lá, até, amamentava, ficava até uns quatro meses. As que não queria amamentar dava pra olhar, pagava pra olhar. Tinha umas que ficava doida pra ficar livre, dava de pressa pros outros olhar, ficar livre. Mas tinha amor, mas não dava pros outros, tinha umas que dava né, nascia e dava pros outros [...]¹¹⁰

“[...] Normal, só que sofria muito né, geralmente dona de casa não gostava de mulher grávida né. Porque não da lucro né. Aí eu trabalhava né, trabalhava de doméstica [...] ih, eu mesma fiz vários abortos. Ah! eu até já esqueci (risos). Eu fiz quatro [...]¹¹¹

Através dos depoimentos de Joana e Cláudia, podemos ter uma outra visão de quando ocorria a gravidez dentro das casas de prostituição.

Com a fala de Joana, nos deparamos com duas situações diferentes. De um lado as mulheres que não querem a gravidez, e a partir daí partem para um aborto, às vezes sendo feito em casa mesmo, com chá ou outras bebidas. Já outras vão para cidade maior, como no caso de Uberaba, a procura de médicos especialistas.

O cenário descrito pelas entrevistadas nos leva a pensar sobre o drama, ou seja, a difícil situação vivenciada por elas, vindas na sua grande maioria de outras cidades, não podendo contar com o apoio familiar, vivendo restritamente sob a “rua proibida”, como

¹¹⁰ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹¹¹ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

poderiam assumir uma gravidez sem o mínimo de condições financeiras e nem psicológicas. Lembrando que suas ferramentas de trabalho eram os seus corpos, portanto, uma gravidez era sinônimo de problemas.

Já por outro lado, Joana cita o caso de algumas mulheres que se decidiram assumir e levar até o fim sua gravidez. Neste momento percebemos que realmente há uma rede de relações que essas mulheres criam e vão fortalecendo com o passar do tempo. Pois aquela que assume sua “barriga”, afasta-se dos programas e passa a viver da ajuda das companheiras. E isso ocorre até o momento em que ela possa voltar as suas atividades normais, ou seja, leva algum tempo, tempo em que é amparada pelas companheiras de trabalho.

Cláudia já nos demonstra uma outra realidade dessa vida noturna. Como ela mesma ressaltou “não era toda dona de casa que gostava”, pois a partir do momento que essa mulher engravidava, sua produtividade caía, mas as despesas continuavam sendo as mesmas, portanto, resultava em prejuízo.

Além de todas essas questões financeiras que pensavam sobre uma gravidez indesejada, havia outros fatores que também contribuíam para levarem essas mulheres a abortarem. Sob a pressão de seus pensamentos e a força do cotidiano, partiam para arriscados abortos. Não entrarei em maiores detalhes pois há uma escassez de dados até mesmo por parte das depoentes.

2.2.1 Paixão

Como estamos lidando com sentimentos, como era a questão do “apaixonar” para estas mulheres. Houve momentos em que se apaixonaram por alguns fregueses? E se isso ocorreu como agiram? Como se sentiam a partir do momento em que o freguês deixava de ser freguês e tornava-se um grande amor ou uma louca paixão.

A partir de seus depoimentos poderemos ter uma noção de como foram essas relações de apaixonar e até mesmo amar:

[...] O único que eu gostei demais da conta foi o Carlos (risos). Eu chorei, saía correndo, porque ele enfezava. Pois zé, mas ele não me quis. Ai eu fiquei doida minha filha, lá em Franca mesmo. Quando fui pra Franca, sabe o que eu queria fazer, alugar um vestido de noiva, alugar um carro, motorista particular e para lá na Igreja de Canápolis. Chegar noivinha lá. E aí eu pensei, eu vou chegar lá minha filha, tem uma polícia lá me esperando na porta. Já pensou eu chego lá e tem uma policia preparada me esperando [...] Era dia do casamento dele, ah minha filha ia fazer escândalo. Eu ia chegar lá vestida de noiva, ora que falasse assim “tem alguém aí que interrompa, sou

eu mesma”. Ele tava casando e eu ia no dia do casamento, eu queria fazer isso. Foi, eu pensei, planejei, mas não tive coragem [...]”¹¹²

“[...] Já fui muito apaixonada, mas de nada adiantou, nada compensou (risadas). Nada compensou (risadas). Paixão é só bobagem [...]”¹¹³

Alice diz ter encontrado o grande amor de sua vida neste homem, com o desespero da perda pensou em fazer a loucura de chegar vestida de noiva, na hora de seu casamento com outra mulher. Mas ao mesmo tempo teve o receio de ser pega em flagrante e ir presa.

Nem sempre o amor dessas mulheres são apenas mercadorias, possuem coração e são permeados de sentimentos mesmo criando mecanismos de defesa contra os males do amor, às vezes acabam quebrando essa barreira e se deixam levar pelas paixões incontroláveis.

“Ao menos a prostituta não precisa fingir. Todos sabem que o seu amor é vendido, a ninguém engana”.¹¹⁴

Para estas mulheres não é muito fácil lidar com questões de amores, pois foi conceituado que seus sentimentos são apenas vendidos, portanto, tornando-se impossível a construção de um sentimento verdadeiro.

Mas tudo isto são apenas mitos, falsos conceitos, porque qualquer ser humano é capaz e está sujeito a construir relacionamentos profundos e duradouros.

E ao levarmos em conta a idade de D. Rosa, logo entendemos que se trata de uma mulher madura, vivida, que sabe o que quer, por isso ela fecha seu diálogo dizendo “mas de nada adiantou”. Que a partir do momento que a mulher prostituta se apaixona, ela acarretará inúmeros sofrimentos, pois dificilmente sua história de amor será concretizada, e com final feliz.

Prosseguindo com as outras depoentes, nos adentrando cada vez mais em seus labirintos da memória:

[...] Mas de vez em quando a gente arrumava, sempre arrumava um enrabichado (risos). Ah! falava assim, que era gigolô, o povo né, os outros falava, arrumou um gigolô né [...] Às vezes dava presente né, assim dormia toda noite junta né, de graça. Ai falava de graça né, “vai dar de graça né”, com o enrabichado né. Aí então era assim [...] É assim paixão, teve, a paixão, paixão. Eu era assim gostava de um freguês meu, sabe. Ele era cheiroso, gostoso, sabe, bonito. Ele era casado e morava na fazenda. Ele ia muito, e chegava e me chamava de cachorrão. Cachorrão (risos). Cachorrão meu. Tinha um beijo gostoso sabe, ele já morreu tadinho, cheiroso, gostava de usar creme no rosto, vaidoso, muito cheiroso ele. Aí nos bebia, bebia

¹¹² Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹¹³ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹¹⁴ RAGO, 1985, p. 105.

muito. Eu era apaixonada, gostava dele, tinha muito freguês que eu gostava, que tratava bem. Todos tratava bem.]¹¹⁵

“[...] Ih! vários amores. Ah! muito sofrimento, porque eles não assumiam né, a gente, assim né. Mas passava, arrumava outro [...]”¹¹⁶

A partir do momento que elas se apaixonam, seus companheiros deixam de ser fregueses e tornam-se “amores”, sendo assim perde o significado da cobrança pelos serviços prestados. Na verdade, não há mais serviço, e sim um relacionamento amoroso.

Para algumas esses relacionamentos tornavam-se uma esperança de saírem da casa, e uma oportunidade de construir uma família e um lar. Como Cláudia retrata em suas palavras o “sofrimento”, porque nem sempre lhes assumem como verdadeiras companheiras. Tinham esses momentos de carinho e intimidade como horas inesquecíveis, mas que na sua grande maioria tornam-se recordações no mundo de suas lembranças. Sempre estão de volta para suas realidades, circunscrita as casas cheias, e noites de festas a disposição de novos amores.

De uma forma sutil e indireta, essas mulheres criaram seus próprios mecanismos de defesa.

Seus corpos eram ferramentas de trabalho, mas conseguiam dividi-lo em dois, entre o “cliente e o não cliente”, partindo desta pratica vivenciavam seus grandes amores e suas tarefas de trabalho.

As práticas sexuais da mulher prostituta tornam-se uma, criam-se táticas simbólicas, como se aquele momento se tornasse um ato mecânico que ela desenvolve o seu papel social, não se deixando permitir maiores aproximações, mantendo uma certa reserva.

[...] Nada, não, muito difícil, era meio escolhido, mais ou menos. E isso eu não aceitava, me incomodava. Se falasse beijo na boca, isso me incomodava [...] Ah! isso variava né, tinha vez que demorava ou ia rápido, aí o que tinha que demorar era o que tinha mais pressa era o que a gente mais entusiasmava um pouquinho. Era os mais rápido (risos). E porque de repente né, aconteceu, quando precisa de ficar mais um pouquinho, já não. No silêncio né, tudo só na mente, não contava nada. Podia gostar que não passava [...] ¹¹⁷

¹¹⁵ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹¹⁶ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

¹¹⁷ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

“[...] I eu era amorosa, eles gostavam de mim. Eu não escolhia ninguém, assim os parceiros que eu tinha confiança, né, e os que eu não tinha aí eu ‘cantava o reca’ (risos) [...]”¹¹⁸

Com o depoimento destas ex-prostitutas rompemos com o imaginário humano de conceituar as praticas sexuais como sendo sinônimos de extremo prazer, nem sempre essas relações aconteciam prazerosamente, tornando-se apenas práticas de trabalho.

Mas se formos analisar mais profundamente, esses fatores não eram tão simples assim para estas mulheres que estavam expostas a atender os mais diversos fregueses. Será que sempre conseguiam desvencilhar daquilo que lhes incomodava, como o beijo na boca, ou uma intimidade a mais e uma série de outras questões que envolvem a relação de um homem com uma mulher.

“[...] A gente não sentia nada né, com aqueles fregueses que ficava [...]”¹¹⁹

“[...] Tinha uns que a gente gostava mais [...]”¹²⁰

Gostaria de propor aos leitores uma reflexão de como essas mulheres trabalhadoras do sexo, lidavam e aprendiam a superar seus próprios limites, dentro da pratica da prostituição.

Envolvidas por vários fatores, quanto a sentimentos econômicos e morais e a partir destes depoimentos estaremos aptos para compreendermos como esses espaços sociais se davam nas relações homem-freguês e mulher-prostituta.

2.3 As Noites Boêmias

Esta pesquisa foi realizada a partir de uma vasta bibliografia, onde se discute a prostituição e suas temáticas. Ancorei meu trabalho em autores como Rago¹²¹, Engel¹²², Moraes¹²³ e outros. Partindo da história oral, onde foram realizadas várias entrevistas, entre moradoras de Monte Alegre, ex-prefeitos e as quatro ex-prostitutas, cada qual possuidora de suas particularidades.

Como esta pesquisa foi delimitada a trabalhar com a rua “Antenor Airosa Machado”, chamada de Camboatá, num espaço preciso, onde as praticas de prostituição aconteceram em um período de 1970 a meados de 1986.

¹¹⁸ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹¹⁹ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹²⁰ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

¹²¹ RAGO, 1991.

¹²² ENGEL, 1989.

¹²³ MORAES, 1995.

Ao decorrer da pesquisa devido os laços de convivência que foram criados, acabamos tecendo juntas uma rede de teias, onde houve a mistura de sentimentos, hora melancólicos, carregados de tristezas, ou permeados de alegria e saudade, através de suas falas, foi aberto as portas das lembranças e junto com estas praticas, podemos perceber o outro lado de suas vidas. Hoje mulheres adultas, senhoras, lutadoras que amadureceram com suas trajetórias de vida, restando-lhes apenas lembranças: das noites, em que se enfeitavam para esperar os fregueses, nos salões das casas.

Ao trabalharmos com lembranças, voltando nas noites festivas das casas de Camboatá, os mais assíduos freqüentadores de seus salões retratam a beleza e a formosura das suas belas mulheres, como eram conhecidas na cidade e região.

Para os homens da cidade eram como verdadeiros quindins de padarias, ali se realizavam suas mais secretas fantasias, vivendo o imaginário das mulheres publicas.

Mas as noites quentes nas casas de Camboatá não podem ser resumidas em apenas sexo, eram recheadas por encontros de amigos, arraigadas por brincadeiras e bebedeiras, tornava-se um espaço alegre, aconchegante de verdadeira interação social, onde as pessoas se divertiam e discutiam assuntos importantes.

Tentaremos relembrar esses bons momentos das noites de Camboatá, através dos depoimentos a seguir:

“[...] Pra mim, nunca aconteceu, nunca existiu. Apaguei da minha mente [...] Como assim só quando eu tava de fora né, uai, aquilo ser legal não. Procurar essa vida de prostituição não. Isso é muito triste [...]”¹²⁴

[...] Nem, nossa senhora aquilo lá era minha vida (risadas) [...] Gostava, se não tivesse ficado doentes estava lá até hoje. Eu vou lá, nossa senhora. Eu vou num quarto, vou noutro, lembro de uma coisa, lembro de outra, nossa senhora. Mas lá era bom. Era bom mesmo, lá em casa era bom demais! Nem! Que beleza [...] Ah, eu acho que foi muito bom, tanto pra mim, quanto para as pessoas que conviveram comigo. Todos eram muito felizes [...] E só ficou a saudade.mas quando eu morrer, se existir reencarnação, eu acho que existe... eu vou voltar, sendo o que eu era. Acho que eu vou ser uma bela dona de casa de prostituição (risos). Na reencarnação, eu quero reencarnar, (risos) [...] As coisas boas que passavam...Às vezes quando eu ouço uma música assim, que me lembra lá, nossa senhora, acho bom e acho ruim [...]

[....]¹²⁵

¹²⁴ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹²⁵ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

Com o depoimento de Alice percebemos o quanto o assunto lhe perturba. Em todo o decorrer de sua entrevista ela tenta se desvencilhar de seu passado. Como se aqueles momentos nunca tivessem existido em sua vida, pertencesse a outra mulher.

Ao contrario de Rosa que assume e chama sua profissão, não generalizando ambas as entrevistas, mas ressaltando como cada uma delas chegaram nas casas de Camboatá. Como já foi dito anteriormente, Alice chegou muito nova trazida por uma amiga e acabou ficando. Já Rosa após a separação do companheiro decidiu abrir uma casa de prostituição. Portanto são mulheres com diferentes historias de vida, mas que acabaram se cruzando nos caminhos da prostituição, tecendo trajetórias de vidas parecidas.

Fica claro em ambos depoimentos, como estas mulheres se sentem em relação ao passado, a primeira não demonstra grandes satisfações, prefere esquecer tudo, e viver uma nova vida. Já a segunda deixa transparecer o quanto amava seu trabalho, lamenta ter perdido a saúde, pois se não fosse isso estaria com as portas abertas e trabalhando até hoje.

Rosa resume sua vida de prostituição como sendo a mulher coisa do mundo, em momento algum seu comportamento demonstra o contrario, não vive presa a falsos conceitos morais.

Como já foi dito anteriormente, a memória é algo seletivo, funciona como um filtro, que sempre estamos filtrando, portanto são estas as lembranças que estas mulheres guardaram do tempo em que viveram em Camboatá.

E para continuar nos caminhos das lembranças, vamos dar voz as seguintes depoentes:

[...] Na casa, era divertido, era bom, porque assim tinha uns dias de tristezas. A gente tava triste né, sentia sozinha, mas tinha aqueles dias de alegria, que a gente ganhava muito dinheiro. Da farra, bebia, fumava e tinha assim, dias de alegria. Às vezes desavenças umas com as outras, ficava enciumada uma das outra né. Mas era bom, era divertido. Era feliz lá não sei por que, mas era feliz. A gente sentia aquele preconceito né, o povo né, não passava nas portas das casas, das mulher. Não passava de jeito nenhum, mulher de família, e as moças, nem crianças. era só os homens mesmo. Então sei que é o preconceito das famílias, mas como se diz era feliz, era bom [...] Eu era feliz, eu achava bom, ficava dançando, ganhava meu dinheiro, sustentava minha família. Eu não pensava assim. Era sem juízo, não sei, assim, porque eu não pensava no dia de amanhã. Por exemplo, o freguês falava, “junta seu dinheiro, guarda, a velhice é triste, minha filha”. Falava sabe, mas isso não passava na cabeça não. Mesmo assim eu fiz alguma coisinha, uma casa né, um terreno [...] Ah! Quando eu bebia, naquela época tinha aqueles fregueses bom, cheio de dinheiro né. E começava a beber, sabe. Tenho lembranças daquelas farras boas, das amigas, das colegas, sabe, de tar junto. Beber, uma pela outra, uma tava tonta e a outra fazendo escândalo pra outra sarar. Por exemplo, não tenho cigarro, ah tenho aqui, no meu quarto, vou pegar pro

ocê, sabe. Quando a gente lembra aquela coisa boa sabe, uma com a outra. Era assim sabe, era solidária uma com a outra [...]¹²⁶

“[...] Tenho saudade das amigas, mas da vida não [...] Ah! soca minha com minhas amigas, tem musica que eu lembro... Eu tenho um CD com a Jovem Guarda, tenho um trem que eu guardo aí. Já morreram quase todos [...]¹²⁷

Como podemos perceber, cada depoente carrega sua própria história de vida de quando moraram em casas de prostituição, possuem visões diferentes dos momentos em que viveram juntas.

Joana ressalta bem a marca do preconceito que viveram. Isto ficou marcado em sua memória, mas mesmo vivendo sob esses sentimentos, gostava da vida dentro da casa, dizendo “era feliz”. Outro ponto interessante que Joana ressalta, a questão do dinheiro, ganhava seu dinheiro. E isso era o significado de sua autonomia e independência. O ganhar dinheiro para as mulheres prostitutas era de extrema importância, pois é usado como uma válvula de escape, onde elas se refugiam da realidade que se encontram, transpondo para uma outra realidade, tornando-se mulheres independentes, que passam a ajudar seus familiares, assumem responsabilidades que não são suas, tentando assim minimizar a própria situação em que se encontram.

Agora quanto à questão da administração desses ganhos que estas mulheres obtinham, nem sempre sabiam lidar com o seu próprio dinheiro. Dentre várias moradoras de Camboatá, tanto donas das casas como as prostitutas, poucas sobressaíram com boas situações financeiras.

Como já foi ressaltado em textos anteriores, a Monte Alegre das décadas de 70 à meados de 86/87, vivia seu apogeu. O abacaxi tornou-se o fruto do ouro, que trazia e movimentava muita riqueza e conseqüentemente as Zonas de Camboatá, tiveram um papel importante nesta época. Viveu todo esse apogeu do abacaxi, como uma espécie de empresa de entretenimento, ali circulavam altas quantias.

Mas nem sempre as moradoras de Camboatá possuíam a esperteza de administrarem seus próprios ganhos. Na maioria das vezes eram jovens que acabaram de descobrir um mundo novo, o da noite, bebida, danças e adquirir riquezas, pois não percebiam que o tempo levaria sua jovialidade, deixando apenas as suas marcas.

¹²⁶ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹²⁷ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

Neste momento, podemos dizer que as prostitutas possuem uma visão de trabalho, mas rompem-se com o mito de “ganhar dinheiro fácil”, pois nem sempre as coisas eram assim. Além de se depararem com o preconceito precisam romper com a barreira da falta de institucionalização, pois há uma laguna entre os seus trabalhos e sua legalização. Falta neste momento regulamentação e um sistema de organização que visem melhores condições de trabalho e conseqüentemente de vida para estas trabalhadoras do sexo, como por exemplo, a questão e aposentadoria e outros benefícios.

No caso da organização das prostitutas, especificamente o grande problema está na assunção de uma identidade estigmatizada. Além dos preconceitos, esta categoria reúne uma série de impedimentos de natureza jurídico política ao seu reconhecimento enquanto categoria de trabalhadoras. A regulamentação profissional se coloca então como um completo problema, tanto entre elas quanto na relação mais geral com a sociedade. Se por um lado isto exige que consideremos este impasse, por outro nos mostra que esta organização não pode ser pensada numa relação direta com reconhecimento da profissão, tanto que ela existe apesar do problema persistir.¹²⁸

Outras já trazem em suas mentes a relação de solidariedade, amor e amizade, que tecem ao longo dos anos de convivência, nas casas. Tornando-se famílias, ali se fortalecem para enfrentar as dificuldades do dia a dia.

Em âmbito geral, essas são as primeiras visões que vieram a mente dessas ex-prostitutas, quando lhe foram perguntado o que tinham em suas lembranças do tempo em que viveram nas casas de Camboatá.

¹²⁸ MORAES, 1995, p.195.



FOTO 8 - Moradoras de Camboatá. Tirada em fevereiro de 1975. Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Foto cedida pela depoente Cláudia.



FOTO 9 - Moradoras de Camboatá. Tirada em abril de 1986. Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Foto cedida pela depoente Cláudia.



FOTO 10 - Moradoras de Camboatá. Tirada em fevereiro de 1978.
Fotógrafo desconhecido.

Fonte: Foto cedida pela depoente Cláudia.

A primeiro momento, nos deixamos sermos levados pela visão preconceituosa de “zonas”, sinônimo de bagunça e desordem, mas que na realidade trata-se de um grupo de trabalhadoras, sendo marginalizadas pelo preconceito e a falta de legalização. Mas que produz um trabalho que engrossa a economia informal, e que garante o sustento de muitas famílias.

“Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser aprendidas se escarpamos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade”.¹²⁹

O preconceito contra as mulheres prostitutas, só irá dissolver quando passarmos a olhar com positividade, porque na verdade não são elas o cancro social e sim a sociedade moralista em que vivemos. Na verdade a própria sociedade que fomenta as praticas da prostituição, levando casa vez mais homens e mulheres a se prostituírem.

Vivemos uma espécie de ciclo vicioso, onde há grupos que procuram por tais serviços, dispostos a pagar, portanto, como podemos desclassificar apenas as prostitutas, como alguém que vende seu corpo. E aquele que está disposto a pagar pelos serviços, fica apenas com o nome de freguês.

Esta relação resulta em uma “lei dos dois pesos e duas “medidas”, portanto, caímos no falso moralismo, onde taxamos o grupo submisso, no caso sendo as mulheres prostitutas.

Voltando as Zonas de Camboatá, busquei evidenciar através de suas lembranças um outro olhar sobre essa época. Ressuscitando pequenos fantasmas, imagens soterradas pelas

¹²⁹ RAGO, 1991, p. 108.

alegrias, tristezas, melancolias, horas nostálgicas vieram a tona. Rememorando suas práticas e vivências que lhes marcaram profundamente, e como não poderiam deixar de ressaltar questões como o desejo de encontrar um companheiro e sair das casas para o envelhecer. Através de seus depoimentos saberemos mais um pouco dessa realidade vivida por estas quatro mulheres:

[...] Na época que eu conheci assim, que entendi disso quanto mais tava amadurecendo, mais doida ficava para sair da zona. E eu doida pra sair da zona. (risos). Aquilo era a última coisa do mundo pra mim. Tinha vontade de ter minha casa, ter meu marido, ter meus filhos, toda vida, tudo, toda vida [...] eu queria ter um marido, quero ter um marido. Por que ainda não tive. Que cuida de mim, seja ágio, sabe como que faz, como é cuidar de uma casa, cuidar de uma mulher. Porque eu entrei muito cedo assim, então eu aprendi demais, assim movimentar né, cuidar da vida, das coisas né. E parece que todo homem perto de mim não sabe fazer nada, só eu que tenho que fazer tudo [...] Mas só que eu tinha pedido tanto pra Deus né, que aparecesse essa pessoa, depois que eu gostei tanto do João e não deu certo. Aí eu comecei a rezar, pedir pra Deus me dar um homem assim que não precisasse me amar. Que só gostasse de mim. Que eu já não queria ficar lá [...] Aí foi o que aconteceu na minha vida, foi indo assim, até que chegou o que chegou. Aí eu não pude criar minha filha junto comigo, que era o que eu mais queria né. Era arrumar um companheiro que fosse meu amigo, que não precisasse me amar, mas que fosse cuidar de mim. Que eu pudesse criar minha filha. Eu não pude criar [...] Então era o que a Vicência falava, “oia a velhice chega, então tem que ter a folha do buriti”. Foi assim que ela falava. E ter a folha do buriti é assim, ter ao menos a casinha onde morar né. Falava, não deu conta de juntar dinheiro, não tem importância, mas tendo sua casa de morar já t bom. Ela achava assim, ia ficando mais velha, vai envelhecendo, ninguém quer mais né. Então quer dizer você tendo a casa pra morar aí ocê lava uma mala de roupa e vai comendo. E aí aquilo não virou de nada. Oh, mais ganhou tanto dinheiro, foi embora com a enxurrada né [...] ¹³⁰

Com os depoimentos de Alice, vivenciamos um pouco de sua realidade, vivida por ela e por outras mulheres. Viviam o medo, a angústia do envelhecer e não encontrar um companheiro que as tirasse das casas e lhes desse um lar, onde formassem uma família.

O desejo de ter um marido, que cuidasse e assumisse todas as responsabilidades de uma casa, que não precisasse lhe “amar”, apenas “gostar”, essa era a sua vontade. Os sonhos de Alice não se diferem de outras mulheres prostitutas, mesmo adquirindo sua independência financeira, vivem a fantasia do casamento, onde construiriam um lar de esposa mãe e filhos.

Às vezes podemos dizer que estes comportamentos são os reflexos vividos por uma sociedade machista, onde a família nuclear vem como sendo o modelo ideal de vida para homens e mulheres.

¹³⁰ Depoimento de Alice, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 05/12/2006, Monte Alegre de Minas.

Outra questão importante do envelhecer dentro de uma casa de prostituição são os ganhos, como já foi dito, nem sempre estas mulheres estão preparadas para lidar com o dinheiro. Tornando seus lucros em algo passageiro, como o tempo em que permaneciam nas casas. O ganhar dinheiro vem sempre associado a beleza da juventude, com a meia idade e a velhice já não mais serviriam para ganhar dinheiro.

As mulheres prostitutas estão sujeitas a viverem estas questões e nem sempre possuem uma visão de um futuro melhor. Só quando chega a idade que se dão conta de suas situações.

Nem sempre o mundo da prostituição se torna um mercado lucrativo, onde já oferta e procura do prazer. Às vezes essas praticas já vêm de um sub-mundo da pobreza e da miséria, levando essas mulheres a se tornarem mais miseráveis, vivendo a margem da sociedade capitalista.

Vivendo um pouco mais as lembranças das noites boêmias, prosseguimos com outros depoimentos:

[...] Adorava! Nem, nossa senhora aquilo lá, era minha vida! I, não pensava nunca, em sair[...] Eu só acho ruim de eu ter ficado assim, tão doente. Mas eu peço muito a Deus, ele me dar muita força, vivendo. Tanto que minha casa era freqüentada de gente, todo dia cheinha. Agora fica sozinha, é ruim né [...] Acho a vida muito boa, muito boa mesmo. Eu tando doente, eu acho a vida muito boa. Eu não morri; (risadas). Fazia tudinho se eu voltasse minha saúde, nossa senhora, eu só dava prazo do menino tirar a mudança dele, e eu tava lá dentro [...]¹³¹

Como não podemos generalizar, cada uma dessas mulheres possuem suas particularidades. No caso de Rosa, uma mulher mais velha, vivida, que ao entrar para prostituição já tinha uma certa maturidade. Possui uma visão bem diferente, não se deixa enquadrar no papel da vítima e nem de mulher fatal. Demonstra gostar e respeita sua profissão.

Nos depoimentos de Rosa, ela não demonstra qualquer preocupação com conceitos morais, tem clareza de sua situação, mas não se acha vitima do sistema. Assume que “adorava” o que fazia e só lamenta por não ter mais saúde para estar com as portas abertas de sua casa, para o seu grande publico masculino.

“Condenada e aceita ao mesmo tempo, a prostituição cumpria diferentes funções socializadoras, que só podem ser apreendidas se escaparmos aos parâmetros conceituais dominantes e apreendermos sua positividade”.¹³²

¹³¹ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹³² RAGO, 1991, p. 168.

Ao tratarmos das praticas de prostituição, temos que nos ater quanto ao sentimentalismo, pois estamos lidando com trabalhadoras que vivenciaram a realidade de sua época, mas não podemos esquecer que são seres que prestavam serviços a comunidade de Monte Alegre, portanto, havia uma relação comercial de compra e venda. Sendo assim, ambas as partes estavam obtendo lucros, de um lado a procura da satisfação de seus prazeres, de outro a obtenção de dividendo, que lhe sustentaria e seus familiares. Então não podemos taxar a prostituição como sendo apenas vítimas, pois há uma serie de fatores que envolvem essas práticas.

Seguiremos com os demais depoimentos, no intuito de conhecer mais as moradoras de Camboatá:

[...] Tinha, principalmente depois que a minha filha nasceu. Eu tinha muita vontade de sair por causa dela. Tinha muita vontade de cuidar dela. Mas sempre pensava que ia fazer uma casa pra mim primeiro. Cuidar de ajuntar um dinheiro né, aí primeiro, para depois eu sair. Eu tinha vontade de sair [...] Pensava, em cuidar da minha filha. Pensava e tive mais dois filhos, e saí de lá. Só que se eu tivesse lá era melhor pra mim. Não me arrependo porque tenho meus dois filhos. Mas acho assim minha vida foi muito sofrida [...] Faria, faria tudo de novo. Não casaria, não casaria, não casaria de jeito nenhum, não casaria. Ficaria sozinha lá, cuidando da minha filha, estudando meus filhos, ganhando dinheiro pra formar eles. Pra não ser o que eu sou hoje em dia [...] Ah! assim igual eu to ti falando né, eu não sinto arrependimento. Eu não sinto magoa, nem nada. Mas se eu pensasse diferente, eu não tava nessa situação, não. Pelo tanto de dinheiro que eu ganhei né, era bonita. Então eu penso assim, se eu não tivesse meus filhos eu pensava diferente. Começava tudo de novo, tudo de novo, se fosse preciso. Porque pra mim ter minha casa e meu dinheiro, não precisava de ser nova e nem bonita, basta eu ser inteligente né. Eu queria começar tudo de novo. Se não fosse meus filhos eu começava tudo de novo. Só que eu ia saber guardar meu dinheiro né. Mas não tenho arrependimento, nem mágoa, nem nada [...]¹³³

“[...] Sair um dia, mudar de vida [...] Eu jamais moraria em um lugar daquele. Tenho saudade das amigas, das amigas tenho. É, mas, da vida não [...] Ah! Preocupava, queria envelhecer longe de lá [...]”¹³⁴

Joana através de seus depoimentos nos demonstra sua experiência de viver dentro de uma casa de prostituição e de se tornar uma senhora casada. Com os olhos de hoje diz não ter se arrependido de sair da prostituição, mas se pudesse voltar no tempo faria tudo novamente.

¹³³ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹³⁴ Depoimento de Cláudia, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 01/02/2007, Monte Alegre de Minas.

Através de sua fala percebemos que não conseguiu atingir a felicidade esperada ao sair da casa de prostituição, e lamenta por não estar lá até hoje, ganhando seu dinheiro para formar seus filhos.

Vale lembrar que Joana foi dona de casa de prostituição, e sua casa era uma das mais movimentadas da época. Percebemos que o que a faz repensar que era melhor estar dentro de sua casa de prostituição, era os seus ganhos. Como ela mesma disse “ganhou muito dinheiro”, mas como já foi dito anteriormente, eram mulheres novas, inexperientes, não sabiam lidar muito com as questões financeiras, portanto, seus ganhos se tornaram lembranças, de um passado remoto que viveram.

Quando Joana menciona que se não fosse os filhos, recomeçaria tudo de novo, neste momento percebemos que ela vive a perturbação de seu passado, não conseguiu se adaptar nesta sociedade preconceituosa, onde reina os falsos conceitos morais. Hoje ela é uma mulher casada, mãe de três filhos, mas vive às sombras de seu marido, não conciliou bem sua antiga profissão com sua vida atual.

A situação que Joana se encontra hoje é o reflexo de nossa sociedade, que alimenta o preconceito em suas várias dimensões, tanto o moral, racial, de classe, enfim, levando as próprias pessoas a se excluírem de qualquer meio social, a sentirem fora dos padrões comportamentais, estabelecidos pela própria sociedade.

Mesmo vivendo em pleno século XXI, sob as revoluções tecno-científicas, nos deparamos com questões como essas de preconceito moral.

Agora com a nossa última entrevistada, percebemos que o tempo em que morou em casas de prostituição, foram as necessidades da época, mas não demonstra saudades ou gosto pelas praticas da prostituição. Diz ter saudade das amigas que foram conhecendo e convivendo durante o tempo em que morou nas casas de prostituição, mas quanto a vida e os atendimentos, não. Tinha como preocupação o envelhecer longe da vida noturna.

Com os depoimentos dessas quatro ex-prostitutas é como se hoje fossem personagens de histórias passadas, distante, hora carregadas de algumas, outras permeadas por tristezas. Umas transferem esse passado para uma terceira pessoa, preferem esquecer tudo, já outras dizem ter gostado e se pudessem estariam na vida até hoje.

Como podemos evidenciar cada qual possui suas próprias histórias, e consigo carregam suas lembranças, entre a saudade de estar nas “casas” vivendo as praticas da prostituição, ou a magoa de um passado que desejam apagar de suas memórias.

Como sabemos, a memória é algo subjetivo, não é passível de reconstrução, trazemos na mente aquilo que filtramos. E abrindo as portas das lembranças, dando uma volta ao

passado, um mergulho na vida dessas quatro mulheres, coletando suas experiências de vida como trabalhadoras do sexo, que construíram suas próprias histórias e hoje contribuem coma construção da história.

Foram dias e noites de trabalho, se tornaram as protagonistas de inúmeras aventuras amorosas, vivenciadas pelas moradoras e freqüentadores de Camboatá. Com o tempo acabaram aprendendo a driblar as armadilhas do ofício.

Como dama da noite, viviam o esplendor de serem cortejadas, desejadas pelos freqüentadores, mas a realidade do dia era outra. Como sendo a outra faceta da vida de prostituição, de volta a suas vidas reais, se deparavam com os problemas do cotidiano.

E como um dos problemas que estas mulheres enfrentara, foi a pressão que sofreram para saírem da rua Antenor Airosa Machado, alegando que estavam perturbando a paz e os bons costumes das famílias que passaram a viver aos arredores de Camboatá.

As Zonas de Camboatá manteve seu apogeu nas noites montealegrenses, até os primeiros anos da década de 80. Foram vários fatores que levaram ao fim das casas de prostituição naquela rua. Dentre eles dois fatores preponderantes pesaram na decisão dos administradores da cidade. Alegando o crescimento populacional, tornando-se aquela área como próxima ao centro da cidade, portanto, não poderia ser aceito “casas de prostituição” nas proximidades das famílias, e o outro fator são as questões morais e o bom costume montealegrense.

Quando foram instaladas as primeiras casas de Camboatá, isso mais ou menos em 1970, a área escolhida era considerada fora do perímetro urbano, chegava a ser uma chacinha, próxima a cidade, mas longe dos olhares familiares. Até então a rua Antenor Airosa Machado não oferecia perigo algum, neste tempo tratava-se de um lugar isolado e abandonado pelo poder publico. E as primeiras moradoras dessa rua foram as prostitutas de Camboatá.

Mas com o crescimento de Monte Alegre, rumo ao desenvolvimento, a cidade começava avançar e ganhar novas áreas, alargando ainda mais seu espaço. Com este crescimento desempenhado alcançou as imediações das moradoras de Camboatá.

É interessante observar que dentro de um esquadrinhamento urbano, há sempre um reordenamento daquilo que até então era considerada periferia. De um momento para outro, pode tornar-se uma região nobre, dependendo exclusivamente das classes sociais que detém a hegemonia política e econômica da sociedade.

E estes foram os fatores que ocorreram com as Zonas de Camboatá. Quando se instalaram na Rua Antenor Airosa Machado, situava-se distante do centro urbano, no momento não era uma região valorizada imobiliariamente.

Mas com o tempo, a cidade cresceu e alcançou as mediações das casas de prostituição, ficando cercadas por bairros, que aos poucos foram se popularizando, tornando-se aquela área familiar.

E com estas novas moradoras, aquela área tornou-se valorizada pelo mercado imobiliário, obrigando assim suas antigas moradoras a se retirarem da rua Antenor Airosa Machado. Pois não ficaria bem para a cidade manter casas de tolerância em meio as famílias, portanto, as mulheres prostitutas teriam que se mudar para áreas mais distantes do convívio social da população.

Partiram da idéia de varrê-las, empurrando-as para o outro lado da cidade, como maneira de limpar a imoralidade, eliminando-as do convívio social das famílias.

Como já foi dito anteriormente, Monte Alegre despontava rumo ao crescimento e modernidade, portanto deveria sanar com todas as suas molestas social e não ficaria bem para o poder publico permitir “casas de tolerância” bem ao meio da cidade.

O número de casas com suas prostitutas incomodavam e punha em risco o novo modelo de cidade moderna e higiênica que Monte Alegre estava preocupada em aparentar. Sendo assim, alguns moradores locais fomentaram campanha moralista, realizando abaixo-assinado, forçando para que as antigas moradoras se retirassem do local, para que a Rua Antenor Airosa Machado se tornasse familiar, um “ambiente de família”.

[...] Porque fizeram abaixo-assinado, porque queria que ali, um bairro mais descente. Aí pois nós pra lá, na beira do asfalto. Conforme a lei, ali seria um bairro [...]¹³⁵

Quando Rosa menciona a “lei”, esta suposta lei que ela se refere, é porque juntaram o delegado e o prefeito da época a pressioná-las para que abandonassem as casas e se mudassem para a BR 365, ou seja, a Avenida dos Trabalhadores, sem número.

Os administradores da cidade se reuniram com as prostitutas, no intuito de negociar suas saídas. Propunha para que fossem para a BR, pois ali seria melhor para ganhar dinheiro. Mas aquela que fosse dona do imóvel a prefeitura não tinha condições de indenizar, então ficavam, e as que estavam em imóveis alugados, se mudariam.

¹³⁵ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

[...] Foi porque a policia juntou, o prefeito era o Dr. Virgilio na época, e o delegado, falou assim que nós estava muito dentro da cidade, sabe. Era pra nós ir pra lá. Aquelas que era dona das casas podia ficar, as que pagava aluguel tinha que sair. Porque eles não tinha dinheiro pra indenizar, pagar as casas. Igual a Rosa era aluguel, eu era aluguel, sabe a Vicência era aluguel. A Vicência fechou e pronto né, ela foi embora pra Uberlândia, pra uma pensão. Aí foi embora, foi fechando, nós teve que ir morar no barranco. Aí chamou todo mundo, deu um tranco, aí a Rosa chorou, deu uma crise, na prefeitura. Aí deixou nós um tempo aqui [...]¹³⁶

E, e eu comprei uma casa lá do outro lado. Foi onde eu comprei lá. Até agradeço esse abaixo-assinado. Se não, eu não tinha comprado lá. Se não tinha que ficar aí, alugar. Aí eu peguei e comprei [...]¹³⁷

Estas negociações ocorreram em meados de 86/87, e não foram se mudando tão facilmente, houve resistência por parte das moradoras de Camboatá.

Mas por um outro lado a mudança de varias famílias para as mediações da Rua Antenor Airosa Machado, tornando-se aquele local muito movimentado e conseqüentemente levando a queda do movimento das casas. Sob estas condições, as próprias moradoras de Camboatá concluíram que o melhor que tinham a fazer era se mudarem para a BR 364, chamado de “Barranco”.

“[...] Arrumei um lugar muito melhor para morar, corria muito mais grana [...]¹³⁸

[...] Aí depois eu mesmo quis, aí minha irmã voltou pra cá de novo e falou aqui é bão, muito melhor pra ganhar dinheiro, do que aí no meio da cidade. Não!!! vem pra cá. Aí aluguei uma casa lá, e fui pra lá também [...] Aí nós foi alugando, todo mundo foi saindo. Aí nós via que de lá era melhor, porque lá parava muito caminhoneiro, muito mais movimento, aí foi saindo. Tava fora da cidade né, agora, ali tava muito na cidade né [...]¹³⁹

Como podemos perceber, o fim das “Zonas de Camboatá” se deu desta maneira, com a perca da privacidade de suas casas, ao se vizinharem com as demais famílias que foram chegando. Com a pressão dos moradores em forçar o fechamento das casas, cobrando as autoridades que fossem tomadas as medidas necessárias para acabar com aquelas “casas de tolerância”. Pois não ficava bem para a cidade aceitar um tipo de negocio desses, tão às claras da população.

“[...] Fez, icha, muitas vezes, antes de nós sair. Fez muitas vezes [...]¹⁴⁰

¹³⁶ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹³⁷ Depoimento de Rosa, entrevistada por Maria Cristina M. C. Moura em 06/12/2006, Monte Alegre de Minas.

¹³⁸ Idem.

¹³⁹ Depoimento de Joana, entrevistada por Maria Cristina M.C. Moura em 29/01/2007, Monte Alegre de Minas.

¹⁴⁰ Idem.

Segundo as depoentes Rosa e Joana, foram feitos abaixo-assinados para que saíssem da Rua Antenor Airosa Machado, mas não foram encontradas qualquer documento que comprovassem a existência dos mesmos. Não sabemos se realmente houve esse colhimento de assinaturas, ou se foram apenas uma maneira de pressioná-las para que se retirassem do local.

Mais uma vez essas trabalhadoras do sexo foram destinadas a se confinar em guetos, empurradas para as margens da BR 365, local distante do centro da população montealegrense e dos olhares vigilantes e punidores da boa moral.

É interessante observar que no mundo da prostituição é usado como pratica manter as casas de tolerância confinadas em pequenos guetos. Isso vem ocorrendo desde o processo de nossa colonização, empurradas para as margens da cidade, áreas distantes dos grandes centros. As vezes esse tipo de comportamento não ocorre quando se trata da prostituição de alto luxo, pois conseguem se infiltrar em meios de setores nobres. Mas nem sempre isso ocorre sem enfrentar alguns problemas.

Voltando as Zonas de Camboatá, parecia algo inadmissível, mas aconteceu e aquela rua “imoral” finalmente conseguiu a sua tranquilidade e tornou-se transitada por famílias sem constrangimento. E suas casas agora eram alugadas por “famílias”, que viveriam o ápice da moral e bom costume.

A partir destas proposições foram que as “Zonas de Camboatá” chegaram ao seu fim e juntamente com elas, os sonhos de suas antigas moradoras, que foram saindo uma a uma. Ao encontrar seus companheiros, dando novos rumos as suas vidas e neste momento nascem outras casas, conhecidas pelo nome de “barrancos”, com novas moradoras vindas de varias regiões com diferentes histórias de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa monográfica teve por objetivo deslocar verdades prontas, sobre a figura quase “mítica” da mulher prostituta das décadas de 70 a 86 na Monte Alegre de Minas. Como essas mulheres viveram e conviveram com a comunidade montealegrense?; Quais eram suas perspectivas de vida?; como se organizavam entre o ser mulher e o ser mulher prostituta?

A partir destas questões e outras que foram levantadas ao longo da pesquisa, conhecemos um pouco da densa realidade vivida pelas moradoras de Camboatá.

Dentro da imagem da mulher prostituta, carregada de representações ambíguas de um imaginário social constituído de pecado, vício, sedução e as vias da malandragem. Concluída em parte, esta pesquisa visou justamente desconstruir os estigmas, romper com preconceitos cristalizados sobre determinados grupos sociais minoritários. Ou seja, os excluídos do nosso padrão social, os que não fazem parte do ser “moralmente corretos”.

Centrei esta pesquisa nas imagens e representações oriundas de mulheres ainda vivas, residentes em Monte Alegre, que se consideram ex-prostitutas, sobre como era o viver dentro de uma casa de prostituição. A partir daí surgiram questões sobre o ser mulher, como se dava essa relação da mulher filha, irmã, mãe e até mesmo companheira vezes o ser mulher prostituta, visto que esta profissão ainda é cercada por muitos preconceitos.

E ao mesmo tempo tento fazer um paralelo entre estes dois seres que insistem em serem vistos separadamente, pois na realidade não há uma divisão entre ser “mulher” do ser “mulher pública”, os falsos conceitos morais que pregam esses rótulos como forma de punir essas mulheres, em optar pela profissão prostituta.

Se formos analisar na íntegra dentro dos padrões comportamentais, podemos apontar um outro lado da prostituição, vivida por qualquer uma de nós mulheres, vistas de “boa moral”. Pois quantas de nós mulheres acabamos sendo um pouco de prostitutas por um dia, por um tempo e até por longos anos.

Mesmo vivendo no século XXI, sob a era da liberdade humana, podem ser encontrados casais que vivem presos aos padrões comportamentais do namoro, casamento que na realidade não ultrapassa as questões sociais, não há relação de sentimento, se resumem seus relacionamentos em meras questões burocráticas do viver em companhia de alguém, envolvendo assim uma série de outros fatos, como o econômico, filhos e outros. Mas que na realidade acabam tornando seus relacionamentos em uma correlação de prostituição, onde o

sexo se torna uma descarga física e biológica da pura relação sexual, em troca de manter relacionamentos já falidos.

Sob este ponto de vista não generalizando, mas abrindo o leque da discussão, como podemos estigmatizar as “mulheres prostitutas”, pois são conceituadas como sendo seres biologicamente inferiores, rebeldes, sem pudor, destemidas de fé, enfim, recebe inúmeros conceitos pejorativos. Mas que na íntegra são mulheres lutadoras que tentam o tempo todo se desvencilhar o amor de sexo, que usam de suas profissões como meio de sobrevivência. Enquanto muitas outras mulheres acabam se tornando prostitutas de seus próprios companheiros, nem ao menos tem esta consciência, vivendo, ou melhor, convivendo seus relacionamentos como forma de sobreviver, outras mantêm seu posicionamento de “esposa, mãe, dona-de-casa”.

Como podemos observar, ao lançar nossos olhares sobre as práticas da prostituição, nos esbarramos em uma série de questões morais, econômicas e até mesmo política. E como historiadores, não estamos preocupados em concluir fatos do nosso comportamento social, mas apenas realizarmos o trabalho de levantar questões problemáticas, situando-os em seu espaço e tempo, portanto, não podemos generalizar a profissão prostituição e sim apontar dentro dela um outro olhar, foi o que tentei fazer, enquanto pesquisadora. Trabalhei as Zonas de Camboatá, a partir da visão de quatro ex-prostitutas, respeitando o limite de suas lembranças, visto que a memória é algo seletivo, estamos sempre filtrando nossas lembranças.

Mas o objetivo maior era trazer a tona a imagem de quatro mulheres prostitutas que viveram a realidade das casas de prostituição e como se viam e sentiam enquanto mulheres, mulheres prostitutas.

Dentre todas as entrevistas concluídas foram ressaltados os principais pontos e levados para discussão, como forma de salientar uma boa leitura a respeito das moradoras de Camboatá. E rompendo com os paradigmas da prostituição como profissão.

REFERÊNCIAS

Fontes bibliográficas

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ENGEL, Magali. *Meretrizes e doutores, saber médico e prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

FONSECA, Guido. *História da Prostituição em São Paulo*. São Paulo: Resenha Universitária, 1982.

MORAES, Aparecida Fonseca. *Mulheres da vida: prostituição, identidade social e movimento associativo*. Petrópolis – RJ, 1995.

PERROT, Michelle. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução de Denise Bettmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAGO, Luzia Margareth. *Do Cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

_____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo, 1890/1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SANTOS, Roberto Carlos dos. *Urbanização, moral e bons costumes: vertigens da modernização em Patos de Minas (1900-1960)*. Uberlândia, 2002.

SEJA, Edwar W. *História: Geografia: Modernidade* In: Geografia pós-moderna – a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

Bibliografia consultada

LEME, Edson Holtz. *Noites ilícitas: histórias e memórias da prostituição*. Londrina: EDUEL, 2005.

MEIHY, José Carlos. *Manual de História Oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MOLT, Luiz R. B. *O sexo proibido: escravos gays e virgens nas garras da Inquisição*. Campinas: Papirus, 1988.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História oral e Memória: a cultura popular revisitada*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NEGRO, A. S.; SILVA, S. (Orgs.). *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

PEREIRA, Ivonete. “*As decaídas*”: prostituição em Florianópolis (1990-1940). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

PISCITELLI, Adriana G.. *Tradição Oral, Memória e Gênero: Um comentário metodológico*. In: CADERNOS PAGU – Núcleo de Estudos do Gênero. Nº. 1. Campinas: IFCH/ UNICAMP, 1993.

PORTELLI, Alessandro. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. In: Projeto História nº 15. São Paulo: PUC, 1997.

RAGO, M.; GIMENES, R. A. de. (Orgs.). Narrar o passado, repensar a história. *Coleção Idéias*. Campinas: UNICAMP, 2000.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação: as minorias da Idade Média*. Tradução de Marco Antônio Esteves da Rocha e Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ROSSIAUD, Jacques. *A prostituição na Idade Média*. Tradução de Cláudia Schilling. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SARLO, Beatriz. *Paisagens Imaginário: Intelectuais, Arte e Meios de Comunicação*. Tradução de Rúbia Prates e Sérgio Molina. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

SILVA, A. M.; PINHEIRO, M. S. de F.; FRANÇA, M. N. *Guia para normalização de trabalhos técnico-científicos: projetos de pesquisa, trabalhos acadêmicos, dissertações e teses*. 5. ed. rev. e ampl. Uberlândia: Edufu, 2006.

SOARES, L. C.. *Rameiras, Ilhoas, Polacas...: A prostituição no Rio de Janeiro do século XIX*. São Paulo: Ática, 1992.

SWAIM, Tânia Navarro. Figuras de mulher em Simone de Beauvoir: a mãe, a prostituta. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 11, n. 14, jan.-jul., 2004.

VAINFAS, Ronaldo. *Trópicos dos pecados: moral, sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

Documentos Oficiais

Autos Criminais da 1ª vara criminal do Fórum da Comarca de Monte Alegre de Minas.

Autos nº 735/91, 1ª vara criminal de 01 jul. de 1992.

Autos nº 370/90, 1ª vara criminal de 23 de out. 1990.

Fontes Orais

Depoimentos coletados por Maria Cristina M. C. Moura:

Aurora Gouveia Bittencourt, em 18 de jan. 2007.

Ademar Delfino de Moura, em 30 de jan. 2007.

Maria Aparecida Pires de Arantes Lopes, em 20 de jan. 2007.

Alice, em 05 de dez. 2006.

Rosa, em 06 de dez. 2006.

Joana, em 29 de jan. 2007.

Cláudia, em 01 fev. 2007.

Fontes em meio eletrônico

GABEIRA, Fernando. PL 98/2003 – Prostituição. Câmara dos Deputados, Sala da Comissão, Brasília, 26 set. 2003. Disponível em:
< <http://www.gabeira.com.br/noticias/noticia.asp?id=970>>. Acesso em: 03 dez. 2006.

DJi – Índice Fundamental do Direito. Código Penal- CP-DL-002.848-1940. Parte Especial – Título VI – Dos crimes contra os costumes. Capítulo V – Do Lenocínio e do Tráfico de Pessoas. Disponível em
<http://www.dji.com.br/codigos/1940_dl_002848_cp/cp227a232.htm>. Acesso em: 02 dez. 2006.

Cadernos Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero - Unicamp 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1998, 1999, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004, 2005, 2006. Disponível em
<http://www.portalfeminista.org.br/revista.phtml?sel_ctxcod=5.5.1&sel_edicao=&ctx_cod=5.5&submete=>>. Acesso em: 11 nov. 2006.

Fontes primárias

Arquivos da Prefeitura Municipal de Monte Alegre de Minas.

Arquivos do Fórum de Monte Alegre de Minas.